

ALESSANDRA BURIOL FARINHA

Senhora das Águas: Memórias da antiga Procissão de Navegantes do  
Porto de Pelotas - RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências (área do conhecimento Memória Social e Patrimônio Cultural).

Orientador: Prof. Dr. Claudio Baptista Carle.

Pelotas, 2012

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle (orientador)

Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (UFPel)

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai (UFGRS)

*Ao esposo Rafael;  
Às filhas Clara e Raquel;  
Ao centenário da Igreja do Porto de Pelotas.*

## Agradecimentos

A Deus, pelo dom da Vida, e através dela por me oportunizar fazer acontecer!

À família, esposo Rafael, filhas Raquel e a caçula Clara, ainda no ventre, participando desta maratona... vocês são razão e inspiração;

Ao meu pai e mãe, Carlos Darlãn Tagarra Farinha (*in memorian*) e Marilene Terezinha Buriol Farinha, aos meus sogros Sidney Alves Gonçalves e Ana Maria Bertinetti Alves Gonçalves, por ensinarem no dia-a-dia o que é realmente importante na vida;

A CAPES, pelo apoio a esta pesquisa;

Ao meu orientador Cláudio, pela orientação paciente, pela amizade e confiança, pelas palavras de incentivo;

À banca de qualificação deste trabalho, pelas importantes contribuições;

Aos professores do PPGMP, com os quais foi gratificante estar e refletir; à amiga Nanci, pelo profissionalismo e amizade;

Ao professor e amigo Jonas Klug da Silveira, por dividir ideias fantásticas, pela devoção mariana incontestável, por ser grande incentivador desta pesquisa, pelos livros emprestados, pela pesquisa iconográfica, por partilhar o conhecimento, por ser um verdadeiro educador;

À Igreja Sagrado Coração de Jesus, por manter as portas abertas para a pesquisa histórica documental;

A Victor Pencarinha, pela amizade, pelo material histórico, pelo entusiasmo com o tema, pelo amor a Nossa Senhora dos Navegantes;

À amiga Cristiane Morales, pela correção ortográfica, pela amizade e carinho;

Às mestres em Memória e Patrimônio Kelly Raquel Schmidt e Andressa Roxo Pons pela amizade e incentivo;

À Escola Félix da Cunha, em especial à professora Tereza, pela colaboração com o estágio docente e pelo acervo fotográfico;

À colega de mestrado e profissão Alice Leoti, pelo apoio, incentivo e amizade;

Ao Pe. Alberto Atalíbio (*in memorian*) e à Irmã Maria Ilsi Klassen pelas orações, pelas palavras, pela torcida, amizade e apoio incondicional;

À Beatriz Montoito, pelo material sobre a Igreja do Porto;

Aos depoentes da pesquisa, por dividirem suas memórias e lamentarem seu esquecimento, pelo material cedido, pelo carinho com que me receberam em seus lares;

Ao acadêmico de Geografia da UFPel, Gil Passos de Mattos pela elaboração dos mapas dos Apêndices;

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração desta pesquisa.

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

*(FERNANDO PESSOA)*

## Resumo

FARINHA, Alessandra Buriol. **Senhora das Águas: Memórias da antiga Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas – RS**. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente trabalho tem como principal objetivo recuperar as memórias da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes na região do Porto de Pelotas. Da mesma forma, busca elucidar de que forma ocorreu sua descaracterização, seu esquecimento. A Festa de Navegantes ocorreu pela primeira vez em Pelotas em 1932, no bairro portuário da cidade, organizada pela Matriz Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja do Porto. No evento religioso, ocorria procissão terrestre, pelas principais ruas do bairro, e fluvial, pelo Canal São Gonçalo e o Arroio Pelotas. Por quase quatro décadas, a Festa de Navegantes ocorreu anualmente, com participação de autoridades clericais, civis e militares, milhares de fiéis, associações religiosas, festeiros, bandas de música, atrações culturais, bancas de gastronomia, fogos de artifício, dentre outros. Nos anos 1970, a Procissão de Navegantes foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3, a cerca de 25 quilômetros do centro de Pelotas. O deslocamento da Imagem de Navegantes e descaracterização da Festa representaram, principalmente para os devotos da Santa, moradores do Bairro do Porto, a perda, o esquecimento. O principal aporte metodológico utilizado para a evidência das memórias da antiga Festa de Navegantes foi a história oral, com depoentes devotos da Santa, antigos moradores no Bairro do Porto, que participavam da procissão. Foram consultadas também fontes primárias, como o Primeiro Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912), assim como periódicos de 1932 a 1972. O trabalho é contextualizado pela história da Igreja do Porto junto à Arquidiocese de Pelotas, origem da devoção a Navegantes, e o surgimento da Festa de Navegantes em Pelotas, idealizada pelo Monsenhor Luiz Gonzaga Chierichetti. Foi verificada uma unidade em contexto étnico religioso do grupo envolvido na festa. Os devotos entrevistados partilham as memórias de Festa de Navegantes e lamentam seu esquecimento. De acordo com a pesquisa, a procissão está diretamente relacionada à vida, ao trabalho, à sociabilidade e ao território do bairro do Porto. Foi descoberto que a maior parte das memórias da Festa de Navegantes do Bairro do Porto evidencia suas partes mais felizes, o que transforma o espaço em um “lugar privilegiado”, carregado de emoções de vida, fé, trabalho.

**Palavras chave:** Procissão de Navegantes. Pelotas. Memória. Esquecimento.

## **Abstract**

FARINHA, Alessandra Buriol. **Lady of the Waters: Memories of the ancient Procession of Navigators in the Port region of Pelotas – RS.** 2012. 148 f. Dissertation (Master Degree) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The main goal of this study is to recover the memories of the ancient Procession of Our Lady of Navigators which happens in the Port region in the city of Pelotas. Likewise, it seeks to elucidate how it was taken to forgetfulness. The Navigators' Feast occurred in Pelotas for the first time in 1932, at the Port Neighborhood, organized by the Main Church Sacred Heart of Jesus, known as Port Church. The religious event involved land and water processions through the main streets of the port neighborhood and through both São Gonçalo Channel and Pelotas Arroyo, respectively. For nearly four decades, the Navigators' Feast occurred annually, with participation by clerical, civil and military authorities, thousands of faithful, religious associations, sponsors, musical bands, cultural attractions, food vendors and fireworks, among others. In the 1970s, the Procession moved to the Fishermen's Colony Z-3, about 25 km from the center of Pelotas. The displacement of the Image of the Saint from the Port district represented (especially for the devotees) the loss, the forgetfulness. The main methodological approach used to substantiate the memories of the old Navigators' Feast was the oral history, with witnesses devotees of the Santa, old residents in the neighborhood, who used to participate in the Procession. Were also consulted primary sources, such as the First Tumble Book of the Port Parish (1912), as well as journals from 1932 to 1972. This study is contextualized by the history of the Port's Church and also by Pelotas' Archdiocese, place of origin of devotion to Navigators, and the emergence of the Navigators' Feast in town, idealized by Monsignor Luiz Gonzaga Chierichetti. It was possible to verify a unit in context of ethnic religious group involved in the feast. The devotees respondents share their memories about the Feast and feel sorry for its forgetfulness. According to the research, the procession is directly related to life, to work, to sociability and the territory of Port's district. It was discovered that most of the memories of the Navigators Feast at Port Neighborhood shows its happiest parts, which transforms the space into a "privileged place" emotionally charged of life, faith, work.

**Keywords:** Procession of Navigators, Pelotas, memory, forgetfulness.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Zona urbana de Pelotas, delimitando o centro e o bairro do Porto.....                                                       | 21 |
| Figura 2: Projeto da Matriz Sagrado Coração de Jesus. ....                                                                            | 30 |
| Figura 3: Fotografia da lateral da Matriz Sagrado Coração de Jesus.....                                                               | 31 |
| Figura 4: Fotografia antiga da fachada da Matriz Sagrado Coração de Jesus. ....                                                       | 32 |
| Figura 5: Matriz Sagrado Coração de Jesus atualmente. ....                                                                            | 33 |
| Figura 6: Lembrança da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas, 1932.....                                                         | 35 |
| Figura 7: Lembrança da Oitava Festa de Navegantes de Pelotas, 1939.....                                                               | 35 |
| Figura 8: Lembrança da décima nona Procissão de Navegantes de Pelotas, 1950. ....                                                     | 36 |
| Figura 9: Missa Festiva da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Colônia Z-3, em Pelotas, 2011.....                                | 45 |
| Figura 10: Missa de encerramento da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Pelotas, 2011. .... | 46 |
| Figura 11: Imagem original de Nossa Senhora dos Navegantes, da primeira procissão de 1932 (frente). ....                              | 47 |
| Figura 12: Imagem original de Nossa Senhora dos Navegantes, da primeira procissão de 1932 (Lado esquerdo). ....                       | 48 |
| Figura 13: Frente e anverso da litogravura de Nossa Senhora dos Navegantes da procissão de Pelotas em 1937. ....                      | 52 |
| Figura 14: Frente e anverso da fotogravura de Nossa Senhora dos Navegantes da procissão de Pelotas em 1942. ....                      | 53 |
| Figura 15: Lembrança comemorativa ao Jubileu de Prata sacerdotal do Monsenhor Luiz Chierichetti (1953).....                           | 55 |
| Figura 16: Notícia da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas. ....                                                               | 61 |
| Figura 17: Destaque da Notícia da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas. ....                                                   | 62 |
| Figura 18: Fotografia de embarcações na procissão fluvial de Navegantes do Porto de Pelotas.....                                      | 64 |
| Figura 19: Brigue-miniatura São Francisco (lateral), utilizado a partir da segunda procissão de Navegantes, em 1933. ....             | 66 |

|                                                                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 20: Brigue-miniatura São Francisco (frente), utilizado a partir da segunda procissão de Navegantes, em 1933. .... | 67  |
| Figura 21: Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1949. ....                                                   | 68  |
| Figura 22: Destaque da Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1949. ....                                       | 69  |
| Figura 23: Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1958. ....                                                   | 71  |
| Figura 24: Fotografia da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes. ...                                        | 74  |
| Figura 25: Fotografia da antiga procissão fluvial de Navegantes, ao fundo Moinho Pelotense. ....                         | 89  |
| Figura 26: Lancha Santa Catarina na antiga festa de Navegantes no Porto de Pelotas. ....                                 | 91  |
| Figura 27: Barcos adornados na festa de Navegantes no Porto de Pelotas. ....                                             | 95  |
| Figura 28: Lancha de oficiais na festa de Nossa Senhora dos Navegantes. ....                                             | 96  |
| Figura 29: Prédio da antiga Capitania dos Portos de Pelotas atualmente. ....                                             | 108 |
| Figura 30: Retábulo e antigos altares laterais do interior da Igreja do Porto (anos 1970). ....                          | 116 |
| Figura 31: Anverso capa “O Livro da Comunidade, Diocese de Pelotas”, 1989. ....                                          | 124 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                                                                                              | 12  |
| Capítulo 1 Unidade em Contexto Étnico no universo da memória: O local da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes .....      | 20  |
| 1.1 Os promotores da festa: A Arquidiocese de Pelotas e a Igreja do Porto .....                                               | 26  |
| 1.2 As atividades simbólicas da religião como sistema cultural: As Procissões, as Festas .....                                | 34  |
| 1.3 O espírito das águas: A devoção a Nossa Senhora dos Navegantes .....                                                      | 40  |
| 1.4 “Monsenhor Chierichetti e a antiga Procissão de Navegantes: Uma Festa Religiosa ultrapassando os limites do templo” ..... | 49  |
| Capítulo 2 A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas em periódicos e publicações .....                           | 58  |
| Capítulo 3 “A memória dos milagres, as boas memórias”: Memórias da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (1932 – 1962).....   | 80  |
| 3.1 O “milagre” da Festa religiosa é a memória coletiva que sobrevive .....                                                   | 84  |
| 3.2 “Um tempo mítico primordial tornado presente”: as Antigas Memórias de Navegantes .....                                    | 86  |
| 3.2.1. “Tudo enfeitado” – Ornamentação da Festa.....                                                                          | 92  |
| 3.2.2. Dia de Festa, vestimenta especial, fantasia .....                                                                      | 96  |
| 3.2.3. Juventude, vida e fé.....                                                                                              | 98  |
| 3.2.4. O Sagrado e o Profano: Festa, Carnaval e bebedeiras .....                                                              | 100 |
| 3.2.5. Comes e bebes: Gastronomia da festa .....                                                                              | 103 |
| 3.2.6. “Os fogos, ah, os fogos” .....                                                                                         | 104 |
| 3.2.7. Navegantes e a Capitania dos Portos .....                                                                              | 106 |
| Capítulo 4 O ESQUECIMENTO provocado pelo Deslocamento da Imagem e Descaracterização da Festa de Navegantes (1963 – 1980)..... | 110 |
| 4.1 “Ater-se aos ritos e rubricas vigentes”: O que aconteceu com a Festa de Navegantes? .....                                 | 112 |
| 4.2 O esquecimento da antiga Festa de Navegantes .....                                                                        | 117 |

|                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------|-----|
| 4.3 A memória manipulada e O Esquecimento Arbitrado ..... | 122 |
| Considerações Finais .....                                | 127 |
| REFERÊNCIAS .....                                         | 133 |
| Apêndices.....                                            | 140 |
| Anexos.....                                               | 145 |

## INTRODUÇÃO

A manifestação religiosa representada pelo ritual da procissão evoca o contexto sociocultural em que ela se produz. Os significados de tal manifestação estão perpetuados nas lembranças dos que a praticavam, nos objetos que dela surgiram e permaneceram e nos espaços em que ela penetrava. O objeto de pesquisa desta dissertação é a antiga Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ocorria no bairro do Porto de Pelotas. A pesquisa permitiu identificar que a “Procissão” ou “Festa” ainda permeia o universo mítico da memória da população local, antigos devotos desta invocação mariana. Neste sentido, o trabalho objetiva recuperar as memórias da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes da região do Porto de Pelotas.

A Festa religiosa teve origem no ano de 1932, vinculada à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja do Porto, que completa seu centenário em 1º de novembro de 2012. Em sua formatação original, as festividades começavam no Bairro do Porto no turno da manhã, mobilizando paroquianos, associações religiosas, devotos, integrantes do clero, militares, autoridades civis, comerciantes, operários, servidores públicos, pescadores, dentre outros vários agentes sociais e munícipes em geral.

Havia procissão terrestre e fluvial. A Imagem da Santa era conduzida da Matriz Sagrado Coração de Jesus até o cais do Porto de Pelotas, embarcava, navegava em procissão fluvial pelo Canal São Gonçalo e Arroio Pelotas, acompanhada do pároco, Marinha, autoridades civis e devotos que se dividiam em dezenas de embarcações. A procissão fazia uma incursão no Arroio Pelotas e retornava ao mesmo local de embarque (ver mapa da antiga procissão terrestre e fluvial, respectivamente em Apêndices A e B). Após desembarcar no Porto de Pelotas era realizada uma missa campal de encerramento no Largo da Alfândega,

celebrada pelo bispo diocesano. Após a celebração, a Imagem de Navegantes era conduzida em procissão terrestre até o ponto de partida, a Igreja do Porto. Durante o trajeto de volta, ocorriam bênçãos a casas de família, empresas e Capitania dos Portos (ver localização em Apêndice A). Enfeitavam-se as ruas e as casas do bairro com flores e fitas, intensa participação popular. Após levarem a Imagem até a Igreja do Porto, os devotos voltavam para o Largo da Alfândega, onde havia apresentações de bandas musicais, atrações artísticas, jogos, barraquinhas de gastronomia, *show* de fogos de artifício e grande festa popular. Por estas características peculiares a Festa de Navegantes pode ser considerada uma das maiores celebrações de Pelotas daquela época, um fenômeno cultural sagrado e profano, como a maior parte das festas religiosas (DEL PRIORE, 2000, p. 18).

A Imagem e a Festa de Navegantes foram transferidas para a Colônia de Pescadores Z-3 de Pelotas (verificar localização em Apêndice C), há 25 km do Bairro do Porto, nos anos 1970. Foi verificado na fala dos moradores do bairro o sentimento de ausência, perda, esquecimento com relação ao afastamento da Imagem da Santa e a transferência da Festa. Hoje a Imagem de Navegantes original, que por décadas percorreu as ruas e as águas do bairro do Porto sendo aclamada em Procissão terrestre e fluvial, encontra-se no Santuário de Navegantes da Colônia de Pescadores Z-3, e não participa das festividades, sequer visita a Paróquia Sagrado Coração de Jesus do Porto de Pelotas no dia 02 de fevereiro, dia da Festa de Navegantes.

O estudo justifica-se por recuperar as memórias da antiga Procissão de Navegantes em Pelotas, revisitando as lembranças da intensa devoção do povo de Pelotas, principalmente moradores do Bairro do Porto, na Santa Padroeira dos trabalhadores do mar<sup>1</sup>. O trabalho identifica um vínculo identitário que existiu entre a festa e os moradores do bairro, devotos de Navegantes. De acordo com Candau (2011, p. 19), memória e identidade são indissociáveis, se reforçando mutuamente desde a sua emergência até a sua inevitável dissolução.

A amplitude da antiga Festa de Navegantes em termos de diversidade cultural e social, participação popular, demonstrações de fé, apoio e incentivo de

---

<sup>1</sup> De acordo com Megale (2009, p. 38), Nossa Senhora dos Navegantes é conhecida como a padroeira dos trabalhadores do mar pela invocação destes por proteção na água. Os santuários e as maiores Festas de Navegantes ocorrem em locais onde a pesca ocupa importante lugar na economia.

famílias e empresários da cidade, atuação de autoridades civis e militares, dentre outros aspectos encontrados em documentos e relatos orais, demonstram o quão importante esta era para a cidade de Pelotas. O território onde se realizava a festa, o Bairro do Porto, na época vivenciava intensa atividade logística, industrial, comercial e estas atividades se relacionavam diretamente com a vida das pessoas que moravam na zona portuária da cidade. Naquele tempo a população do bairro era constituída por trabalhadores, operários das indústrias locais e suas famílias. De acordo com Essinger (2009, p. 13), esses atores sociais participavam ativamente das festividades de Navegantes. Pode-se aferir, portanto, que os devotos de Navegantes, paroquianos da Matriz Sagrado Coração de Jesus, que participavam das festividades da antiga procissão, pertenciam a este contexto social, que vivia na zona portuária e de alguma forma se relacionava com ela (trabalho, escola, família, vizinhança). Esta relação criada entre o espaço e as pessoas pode ter potencializado a devoção à Nossa Senhora dos Navegantes, objeto deste estudo.

Conforme dito, a antiga Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas foi, de acordo com esta pesquisa, uma manifestação cultural religiosa de grande representatividade na cidade. Neste estudo, buscou-se a investigação de seus aspectos socioculturais, sob o viés da memória e do esquecimento. Como a antiga Festa de Navegantes não ocorre como originalmente há quase quatro décadas, já não é possível sua patrimonialização. Porém, é válido salientar neste contexto que, de acordo com a fala de Montenegro (2012), é da dinâmica da identidade que se constitui o patrimônio, são as pessoas, a paisagem, o espaço quem irá definir o que é o patrimônio local. O simbólico passa a constituir o patrimônio, a memória social (informação verbal)<sup>2</sup>. Desta forma, a Procissão de Navegantes se coloca como um patrimônio cultural para as pessoas entrevistadas, fiéis e participantes de Navegantes, para os que viram a festa acontecer, mesmo que esta não possa mais ser patrimonializada.

O trabalho discorrerá em quatro capítulos. O primeiro, intitulado *Unidade em Contexto Étnico no universo da memória: O local da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes* se destina a localizar e descrever brevemente o lugar onde ocorria a antiga Festa de Navegantes, o Bairro do Porto. Também conceitua o termo

---

<sup>2</sup> Profa. Dra. Mônica Montenegro, da Universidade de Buenos Aires, em minicurso proferido no Instituto de Ciências Humanas, na UFPel, em Pelotas, em maio de 2012.

“unidade em contexto étnico”, utilizado para definir o grupo de devotos de Navegantes, moradores do bairro do Porto, além de justificar o uso do mesmo. Logo, o capítulo divide-se em quatro subtítulos. O primeiro deles tem por finalidade identificar o que era a antiga Festa de Navegantes, relacionando com o contexto histórico do surgimento da Diocese de Pelotas (1911) e da Paróquia do Porto (1912). O segundo subtítulo discorre sobre os conceitos utilizados para o evento religioso em Pelotas, ora chamada de Procissão, ora de Festa, e os sentidos destas palavras. No terceiro, consta a descrição sobre o surgimento da devoção à padroeira dos trabalhadores do mar, e descreve como é hoje a Festa e a devoção a Navegantes em Pelotas. O quarto subtítulo e última parte do primeiro capítulo destina-se a comentar como foi idealizada a antiga Procissão de Navegantes de Pelotas, a partir de antigos documentos e depoimentos. Busca falar também sobre o idealizador da festa, o Pe. Luiz Chierichetti, que esteve à frente do evento religioso por quase três décadas, mencionado com carinho pelos antigos paroquianos na maioria dos depoimentos da pesquisa.

O segundo capítulo, chamado *“Uma Festa Religiosa Ultrapassando os limites do templo”: A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas em periódicos e publicações* constitui-se do histórico da antiga Festa de Navegantes a partir de antigos periódicos e publicações e de alguns depoimentos. São evidenciados aspectos da importância social da Festa de Navegantes para Pelotas, a logística do evento, número de participantes, associações religiosas, representantes de outras cidades, modificações na rotina da cidade e do bairro em função do evento, regras e normas para navegação, valores de ingressos para navegar, nomes de barcos, relação da festa com a Capitania dos Portos, informações de festeiros e como estes eram vistos pela comunidade, dentre outros dados históricos. No capítulo consta ainda o importante depoimento sobre a primeira Festa de Navegantes de Pelotas, do ano de 1932, encontrado em manuscrito de próprio punho do Monsenhor Chierichetti (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1912). Para finalizar, são apresentados alguns conflitos que envolveram as alterações na Procissão de Navegantes, sua coordenação e administração, deslocamento e descaracterização, conforme os antigos periódicos.

O terceiro capítulo, intitulado “*A memória dos milagres, as boas memórias*”: *Memórias da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* trata das memórias da antiga Procissão de Navegantes. É contextualizado por autores que falam sobre a memória, principalmente sobre as memórias felizes, memórias apaziguadas, memórias reconciliadas (RICOEUR, 2007, p. 504), aquelas que sensibilizam por fazerem parte de um contexto íntimo, de identidade, território. A contextualização também está na memória coletiva (HALBWACHS, 1990) e lugares de memória (NORA, 1984). É constituído por relatos de devotos, idosos católicos praticantes que participavam da antiga Festa de Navegantes em Pelotas e pela discussão que concerne à memória coletiva como referência para a formação da identidade social local. Os depoimentos estão divididos em importantes categorias, tais como: ornamentação da Festa, vestimentas, presença da juventude, o sagrado e o profano, gastronomia, fogos de artifício e Capitania dos Portos. Como os depoimentos das memórias de Navegantes estão no terceiro capítulo, este também é constituído pela discussão da história oral enquanto principal método de pesquisa e como esta metodologia, associado a outras, pôde resultar em uma pesquisa coerente, de acordo com autores sobre o tema.

No quarto e último capítulo, chamado *O ESQUECIMENTO provocado pelo Deslocamento da Imagem e a Descaracterização da Festa de Navegantes* encontram-se as reflexões que buscam responder à questão: “O que aconteceu com Maria?”, ou seja, o que aconteceu com a antiga devoção mariana de Pelotas? Neste, encontram-se possibilidades sobre os motivos que levaram ao deslocamento da imagem de Navegantes e a descaracterização da antiga festa através de aspectos históricos, sociológicos e místicos, como a desaceleração do Porto de Pelotas, a falência de fábricas, indústrias e casas comerciais do bairro, dentre outros. Como fator motivador do esquecimento da antiga festa cita-se também a possível intenção das autoridades de promover a Colônia de Pescadores Z-3 como lugar de turismo. Também se coloca neste contexto um fator místico, que é o Concílio Vaticano II e as prescrições litúrgicas por ele preconizadas. O capítulo 4 também se constitui por depoimentos sobre a mácula do esquecimento da Festa para os moradores do Bairro do Porto, do que sentem mais falta, quais suas impressões, seus sentimentos no que se refere ao esquecimento da antiga Festa de Navegantes. O deslocamento da imagem e descaracterização da Festa são

caracterizados como ações relativas a um esquecimento arbitrado e, assim, analisados à luz das teorias e tipologias de esquecimento. Para finalizar, a Romaria de Guadalupe é compreendida neste contexto de memória, esquecimento e identidade como uma forma de substituir a devoção mariana a Navegantes enquanto fenômeno religioso popular de Pelotas.

O principal aporte metodológico utilizado para a pesquisa foi a história oral. As narrativas orais foram colhidas através de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que se encontram na faixa dos 70 aos 90 anos<sup>3</sup>, e que alcançaram o auge da festa no paróquio do Monsenhor Chierichetti, o padre idealizador da festa e outros que participaram do processo de transição. Foram seis entrevistados, os quais foram escolhidos mediante sondagem prévia realizada a partir do contato com vizinhos e paroquianos. Na fase inicial da pesquisa, a pretensão era a de trabalhar com um número maior de depoentes, porém, o material colhido através das falas destes seis foi o suficiente para a análise dos dados que compreendem essa dissertação. Através das entrevistas com um antigo pároco, e cinco paroquianos<sup>4</sup>, devotos e vizinhos da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, foi possível estabelecer um viés de leitura do sentido da Festa de Navegantes dentro do contexto da religiosidade popular local.

Além da análise de narrativas orais, importantes fontes de pesquisa foram o Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1912) e o Primeiro Lustro da Diocese de Pelotas (1916), dentre outras referências históricas. Por se tratar do estudo de uma festa religiosa, foram utilizados, como fonte de pesquisa, *souvenirs* da antiga festa, dentre santinhos, medalhas e cartazes que eram distribuídos na antiga procissão (verificar em Anexos). Foram pesquisadas informações também em periódicos de Pelotas dos anos de 1932 a 1972, em datas próximas ao acontecimento da Festa de Navegantes.

De acordo com Geertz (1989, p. 142), é necessário fazer a análise teórica da ação simbólica da religiosidade para que se possa enfrentar aspectos da vida social e psicológica. Os estudos sobre a fé são divididos na descoberta dos significados dos símbolos e no estudo do relacionamento dos símbolos com os processos

---

<sup>3</sup> Exceto um depoente, que não está nesta faixa, mas foi escolhido por ser o presidente do Apostolado de Oração da Igreja do Porto.

<sup>4</sup> Os nomes de alguns dos depoentes são fictícios a fim de evitar a exposição dos mesmos, principalmente no que tange a críticas ao desmantelamento da Festa de Navegantes.

socioestruturais e psicológicos. Geertz (1989, p. 103) já colocava a necessidade de estudos aprofundados sobre religião, tal a importância dela nas relações entre os homens e com o mundo. Segundo o autor, a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica na experiência humana. Ele afirma também que um dos problemas da metodologia no estudo de fenômenos religiosos é manter o olhar neutro com relação ao caráter laico e devocional de um determinado grupo. Da mesma forma há, nos estudos sobre a memória, o que Pollak (1989) chama de Enquadramento de Memória. O pesquisador precisa ser sensível e crítico, problematizando a análise dos dados obtidos através da história oral, para que as informações estejam de acordo com uma base comum.

Del Priore (2000, p. 10) salienta que a ação que caracteriza a Festa, sagrada ou profana, pode sintetizar os legítimos sentimentos de nossa gente, portanto, a metodologia para o estudo de fenômenos que têm como objeto a Festa deve ser refletida para que a cultura do povo possa ser investigada de forma que o pesquisador transite sobre a informação tentando não inferir sobre ela. De acordo com a autora, o estudo das antigas festas nos proporciona descobrir “por que e o que ainda hoje tanto festejamos”. Foi consultado como referência o trabalho desta pesquisadora que estudou as festas religiosas no período colonial do Brasil, fazendo breve comparação com o contexto estudado na Festa de Navegantes do século XX.

Posso justificar a pesquisa também pelo envolvimento pessoal com o tema. Por estar morando no bairro do Porto nos últimos três anos e participar das atividades da comunidade Sagrado Coração de Jesus, pude testemunhar, informalmente, muitas manifestações saudosas que se referiam à antiga Festa de Navegantes do Bairro do Porto, principalmente por parte dos antigos paroquianos. A questão da Procissão de Navegantes tornou-se, portanto, algo sensibilizante e incentivador à pesquisadora, por ser tão representativa para alguns, e ao mesmo tempo esquecida por quem não viveu aquele tempo. Esta motivação originou buscas de referências sobre o tema, as quais não foram encontradas, senão nas memórias dos relatos. Outra justificativa pessoal é minha formação cristã católica, vinculada especificamente à devoção mariana. Nascida em Santa Maria, RS, desde a infância participo com a família da tradicional Romaria de Nossa Senhora da Medianeira, a padroeira do estado do Rio Grande do Sul (BORELLI, 2005, p. 02). Esta é

considerada a maior do interior do estado, chegando a superar a população da cidade em participação de fiéis, desde 1943.

No presente estudo sobre a Festa de Navegantes, procurou-se não negligenciar manifestações da vivência da festa, buscando descobrir: que sentimento era compartilhado pelos festeiros, devotos, organizadores e participantes da Festa de Navegantes de forma geral? O que significava para aquela comunidade esta prática de cultura popular? Lembrando Funari e Pelegrini (2008, p. 86), cada prática de religiosidade tem sua significação própria, que pode fugir do controle institucional e do significado teológico. Esta referência é fundamental para o entendimento da dinâmica das práticas culturais imateriais religiosas. Todas as manifestações religiosas são produtos que possuem origens variadas, algumas vezes institucionalizadas, mas sempre vivas, tornadas significativas na prática das pessoas comuns.

## **Capítulo 1 Unidade em Contexto Étnico no universo da memória: O local da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes**

Este capítulo objetiva elucidar informações históricas acerca da Arquidiocese de Pelotas e da Igreja Sagrado Coração de Jesus, mais conhecida como Igreja do Porto. Busca também discutir a origem e o caráter sagrado e profano de procissões e festas religiosas, dissertar sobre a história da devoção a Nossa Senhora dos Navegantes e da antiga Procissão de Navegantes de Pelotas, conforme suas origens, no início do século XX. Para finalizar, relaciona a história da procissão com a trajetória e as motivações de seu idealizador, o Pe. Luiz Chierichetti. Para elaboração do mesmo, foi necessária a pesquisa documental e histórica da Arquidiocese de Pelotas e da Igreja do Porto, principalmente através do Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1912) e Primeiro Lustro da Diocese de Pelotas (1916). Foi pesquisada a origem das festas, procissões e da devoção mariana à Navegantes. Contribuíram para tal, além de documentos históricos e referências específicas, depoimentos orais e *souvenirs* das antigas procissões de Navegantes em Pelotas, colhidos de acervos pessoais dos próprios entrevistados.

A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes de Pelotas foi idealizada pelo então Pároco Luiz Gonzaga Alfino Chierichetti. Ocorreu pela primeira vez em 1932. Ao longo das décadas passou a mobilizar cada vez maior número de pessoas, entre paroquianos, empresários, que eram na maior parte das vezes os festeiros (leigos que financiavam a festa), autoridades, órgãos públicos, pescadores, operários, dentre outros, tornando-se a maior festa religiosa já vista em Pelotas<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Informação retirada do depoimento do Padre Olavo Gasperin, antigo pároco da Igreja do Porto, sucessor do Padre Luiz Chierichetti, entrevistado para este trabalho em julho de 2011.

O Bairro do Porto de Pelotas encontra-se na Zona da Várzea<sup>6</sup>. Este lugar, do final do século XIX até os anos 1970 se consolidou como um espaço fabril e operário de Pelotas (ESSINGER, 2009, p. 21). Era, portanto, um lugar de movimentação industrial, de operários e suas famílias, a maioria dos habitantes eram pessoas de classe média baixa, trabalhadores locais, descendentes de imigrantes e negros. Na Figura 01 pode ser verificado o mapa da zona urbana de Pelotas, no qual a Zona da Várzea (onde está o Bairro do Porto) encontra-se demarcada em amarelo, a sudeste e a área central sinalizada em vermelho.

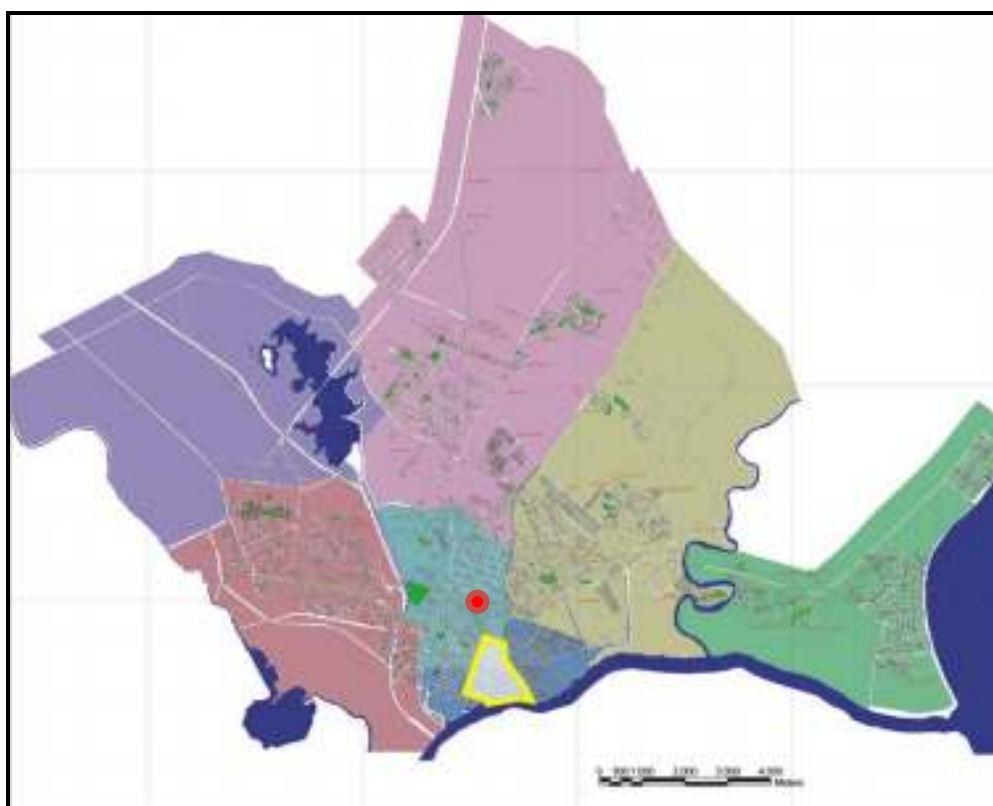


Figura 1: Zona urbana de Pelotas, delimitando o centro e o bairro do Porto.  
Fonte: Mapa base da Secretaria Municipal de Urbanismo de Pelotas (ESSINGER, 2009, p. 22)

<sup>6</sup> De acordo com Moura (2006, p. 120), a região da Várzea corresponde à área delimitada ao sul pelo Canal São Gonçalo, ao norte pela Rua General Neto, a oeste pela Rua Almirante Barroso e a leste pela Avenida Juscelino Kubitschek. É na Zona da Várzea que está o chamado Bairro do Porto. Essinger (2009, p. 13) afirma que o nome Várzea pode indicar duplo sentido: local baixo, úmido e alagadiço; local onde se instalou a população pobre da cidade.

Talvez pela associação da identidade do território, sito a uma zona portuária, onde se encontram trabalhos do mar, dentre pescadores, operários do Porto de Pelotas, e operários das indústrias, fábricas e depósitos ali existentes (ESSINGER, 2009, p. 14), a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes no Porto de Pelotas foi um fenômeno religioso cultural que cresceu com o passar dos anos. Além das associações religiosas que existiam na Igreja do Porto, os operários das indústrias, por exemplo, participavam assiduamente da Festa de Navegantes, talvez não pela devoção como principal motivação, mas para confraternizar, sociabilizar (ESSINGER, 2009, p. 19).

Considerava-se a hipótese, antes do começo da pesquisa de campo, de que a magnitude da Festa de Navegantes pudesse estar relacionada ao sincretismo religioso de Nossa Senhora dos Navegantes com o Orixá Iemanjá<sup>7</sup>, relacionada à afro-religiosidade (KOSBY, 2007, p. 27). Esta consideração partiu do conhecimento de que, antigamente, no tempo do Império, as tradições afro-religiosas podiam ser expressas no espaço da festa católica (DEL PRIORE, 2000, p. 80). Esta assertiva não se confirmou, tendo por base os relatos orais, que em sua maioria não fazem alusão à presença de umbandistas na antiga Festa de Navegantes, quando esta se realizava no Porto de Pelotas. Os depoentes não percebiam a presença de devotos de Yemanjá ou da questão sincrética, mesmo assim, é necessário salientar a existência desses grupos, assim como a grande influência das tradições religiosas afro-brasileiras na formação da identidade, da cultura local.

O estudo da manifestação religiosa coloca em evidência a noção de quem se identifica com ela. Neste sentido há uma manifestação relacionada a um ou mais grupos, que se identificam e relacionam o que abarca a ideia de que há uma cultura em destaque. Cabe neste momento discutir o conceito de cultura. De acordo com Geertz (1989, p. 103) a cultura denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos que são preservados por um grupo humano. Um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os indivíduos se comunicam, deixam seu legado e desenvolvem

---

<sup>7</sup> Orixá relacionado à Umbanda, importante ramo das religiões afro-brasileiras, nascida no sudeste do Brasil nos anos 1930, resultante do contato entre o espiritismo kardecista e o candomblé (Pierucci e Prandi 1997, p.13). Existe hoje a associação de sincretismo religioso entre Nossa Senhora dos Navegantes e Yemanjá.

seu conhecimento e suas atividades relativas à vida. A cultura está no espaço. Não depende dele para existir, mas sua ligação é intrínseca.

De acordo com Castells (1999), a cultura é fruto de significados, atributos culturais, relacionamentos que se constituem em determinado espaço. O lugar de viver dos humanos, ao que se dá o nome de espaço, é onde eles se identificam entre si, se agregam em grupos, ou pelo contrário, se segregam. Em um mesmo espaço podem existir diversas identidades que se relacionam entre si, formando a coletividade. Portanto, toda a identidade é construída, e esta construção se dá no espaço de vivência, de convivência. O espaço determinado pela pesquisa é o espaço de convivência da antiga Festa de Navegantes, o Porto de Pelotas.

Barth (1998 p. 187) coloca que praticamente todo o raciocínio antropológico baseia-se na premissa de que a variação cultural é descontínua. Há grupos em comum que compartilham de uma cultura e de outras diferentes, de forma interligada, mas cada uma dessas culturas é distinta. Este autor alega que a cultura é um meio de descrever o comportamento humano. Há uma unidade étnica que corresponde a cada cultura. A pesquisa proporcionou a oportunidade de formular uma nova definição, que possibilita entender a Procissão de Navegantes como uma unidade. No sentido de entender esta proximidade de indivíduos de culturas diferentes em um espaço cultural similar, foi criada a definição de unidades em contextos étnicos.

A unidade aqui se verifica em relação a um lugar. Este lugar de festa, onde diferentes grupos considerados de diferentes etnias se reúnem em um mesmo contexto social, ou imaginário social, com interesses representativos e, portanto, de um universo simbólico que pode ser identificado como étnico, muito similar, cria o que doravante chamaremos de unidade em contexto étnico<sup>8</sup>.

Cabe dizer que etnia:

Se revela como um conceito que não é estritamente cultural, pois a delimitação de grupos étnicos parte de uma suposta alocação deles no conjunto dos grupos populacionais raciais sem abstrair a unidade do local de origem, e, para delimitar etnia, considera-se a concomitância de características somáticas (aparência física), lingüísticas e culturais. (...) o uso dos termos raça ou **etnia**<sup>9</sup> está circunscrito à destinação política que se pretende dar a eles (OLIVEIRA, 2004, p. 58).

<sup>8</sup> Esta definição é uma criação desenvolvida a partir deste trabalho e na relação com outros.

<sup>9</sup> Grifo nosso.

As etnias envolvidas na Procissão de Navegantes são os religiosos católicos, os religiosos de matriz africana (que pouco aparecem em depoimentos), os operários de indústrias locais, os pescadores, os estivadores, os marinheiros, e assim por diante. A etnia, para este caso, está relacionada aos universos míticos próprios dos grupos que se reuniam na Procissão de Navegantes, a unidade étnica<sup>10</sup> está na representação social dos grupos.

A linguagem da Procissão de Navegantes, os cantos, orações, os lugares no cortejo, as roupas e estandartes, ornamentos e tantas outras formas de representação destacam as distintas etnias, que estão em unidade dentro do cortejo-festa, que é a marcha solene de caráter religioso que se fazia no bairro do Porto e águas do Canal São Gonçalo e Arroio Pelotas. Estas representações se dão no contraste (BARTH, 1997), mas se envolvem em uma unicidade onde as fronteiras se esvanecem e se pode dizer que é este contexto que apóia a criação desta unicidade.

O **contexto** social é um espaço-tempo de longo alcance e pode ser denominado como imaginário social (SPINK, 1993, p. 305, grifo nosso) o qual é composto por uma “teia de significados” que são criados num certo lugar-tempo (GEERTZ, 1989). Para Spink (1993, p. 305), o contexto é o conjunto acumulado de produtos culturais “que circulam numa determinada sociedade”, tais como “iconografia, literatura, canções, provérbios, mitos”. Há um espaço-tempo em que estas imagens permanecem em um grupo. Este momento é identificado como um contexto.

Na conjunção de contexto, unidade étnica e etnia é que criam a unidade em contexto étnico, pois mesmo sendo pessoas de reconhecidas etnias distintas, a unidade do contexto da Procissão de Navegantes as aproxima, reforçando traços comuns de representação e imaginário social neste lugar-tempo. A principal unidade em contexto étnico representada nesta pesquisa são os antigos moradores da zona do Porto em Pelotas, os quais participavam da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, seja como devotos, organizadores ou representantes de grupos ou

---

<sup>10</sup> O etnógrafo Curt Nimuendajú, ao estudar os índios Timbira, identificou que estes eram “tribos de uma grande **unidade étnica**, cujas características mais importantes são, além da língua mais ou menos igual, sobretudo o sulco horizontal no cabelo, as rodela auriculares, a aldeia circular e a corrida de toras” (NIMUENDAJÚ, 1946, p.12, grifo nosso).

classes. É possível caracterizá-los como uma unidade em contexto étnico, pois verificamos um grupo mais ou menos homogêneo, que partilham uma história comum que é a Festa de Navegantes, com particularidades relacionadas à linguagem destes devotos, caracterizados por indumentárias típicas, seguindo rituais específicos e relacionados à sua posição no processo.

Estas singularidades, representáveis de regularidades forjadoras da cultura da Festa, demonstram que o valor atribuído ao momento e seus significados são distintivos e dão coerência nas suas ações. O grupo de referência a este contexto étnico, ao qual podemos chamar de festeiros, devotos, participantes, demonstra o seu sentido de pertença ao universo do fato e eventualmente antes e depois do mesmo.

Os devotos de Navegantes usavam de uma consciência de identidade que se fazia verificar no ato da festa. É interessante identificar que a unidade instituída no contexto da festa, nos seus dias anteriores e posteriores imediatos, se dissolvia durante o ano, sendo que no ano seguinte se reconstituía. Com a dissolução final da mesma, os diversos elos foram sendo rompidos, mas a memória dos mesmos ainda está latente nas imagens mentais, no tecer a teia de significados (GEERTZ, 1989), dos diferentes grupos e indivíduos que viveram aqueles eventos anuais, caracterizados como fenômeno religioso.

O que restou desta importante representação cultural do passado foram agentes sociais, leigos e religiosos. De acordo com Maffesoli (1994, p. 389), o senso comum representa o que resta da memória, da identidade, a interpretação da coletividade, da cultura local, sendo capaz de articular o passado e o futuro. O senso comum, compreendendo os saberes da coletividade, deve ser considerado como um fato relevante na interpretação das culturas, da memória e patrimônio cultural. Geertz (1989, p. 128) coloca que a perspectiva religiosa pode diferir do senso comum, por ser mais abrangente, por movimentar além das realidades da vida cotidiana. O autor coloca também a complexidade da aplicação da ciência à perspectiva religiosa, pelo fato de ela ter características tão pessoais, tão íntimas. A antiga Festa de Navegantes do Bairro do Porto de Pelotas é algo presente apenas na memória dos moradores, e seu estudo é possível pelo viés das memórias referentes à religiosidade, à fé, às tradições do passado.

O passado pode ser elemento afirmador de identidades através da tradição. A tradição é a memória viva dos povos, são os costumes do passado que permaneceram por gerações. Em sociedades diferenciais, prevalecem as religiões fundadas na emergência de uma comunidade de fé. A memória religiosa coletiva torna-se o desafio de uma construção indefinidamente recomeçada, como se o passado inaugurado pelo acontecimento histórico da fundação pudesse ser assumido em todos os momentos como uma totalidade de significados (HERVIEU-LÉRGER, 2005, p. 87). A comunidade de fé é que constitui a religião, mesmo que ela possua um longo percurso, devido às inúmeras origens dos indivíduos que constituem a comunidade. Constitui-se nesta sociedade diferencial uma unidade em um contexto étnico cultural, que foi específico de uma etnia tradicional, mas que agora é apenas dos que a integram, os antigos devotos a Navegantes.

Tradição e modernidade remetem a continuidade e mudança. As tradições tendem a reaparecer na modernidade criando uma dicotomia. Conforme colocado anteriormente, as culturas híbridas são os principais alvos do consumo cultural. Há estudos de caso que trazem a continuidade e mudança para construção de novas identidades. Para os depoentes da pesquisa, o que ficou explícito é a intensa memória de sua inserção no contexto da antiga Festa de Navegantes. Assim, a devoção em comum pela Santa constituiu o que pode se chamar de perda, que os une enquanto grupo naquele contexto étnico.

A tradição da Procissão de Navegantes é antiga no mundo, mas a sua idealização na região do Porto de Pelotas foi uma inspiração de alguns promotores do clero, como veremos a seguir. O seu estabelecimento tornou-se possível tendo em vista a constituição de um grupo de pessoas que puderam nela instaurar um espaço de retomada do passado tradicional, mas ressignificado pelos diferentes segmentos étnicos que ali se faziam representar. A seguir, discorre-se sobre o grupo que instalou a ação tradicional que se cristaliza como unidade.

### **1.1 Os promotores da festa: A Arquidiocese de Pelotas e a Igreja do Porto**

Lugares considerados sagrados existem para cada pessoa mesmo não sendo de fato sagrados. Podem ser chamados de “lugares privilegiados” (CANDAU, 2011). São criados no íntimo de cada indivíduo, tais como a paisagem natal, sítios

dos primeiros amores, local de nascimento de um filho, local de uma tragédia pessoal. São “lugares sagrados” do universo privado, que revelam outra realidade, diferente daquela que se vive cotidianamente (ELIADE, 1992, p. 24). Assim, sagrados são considerados diferentes espaços, conforme a personalidade e individualidade de cada um. Para o homem que vive a religião, pode-se afirmar que lugares onde ocorre a experiência religiosa são sagrados. No caso de uma igreja, por exemplo:

Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso (ELIADE, 1992, p. 24)

O templo, portanto, pode significar um espaço de redenção, de apaziguamento, um local que difere dos que se costuma viver, no sentido da dualidade sagrado/profano. Este viver dual é instaurado na modernidade quando a racionalidade iluminista separa os dois saberes e as sociedades são conduzidas por eles. O espaço do sagrado aqui é o lugar daquela unidade em um contexto específico, que não rege a totalidade da vida daqueles indivíduos, pois estão marcados fortemente pela dualidade contemporânea.

O estudo desta unidade foi possível pela existência de indivíduos que a vivenciaram, mas também pela existência de documentações dispersas sobre o fato, as quais buscamos efusivamente encontrar e trabalhar. Buscando referenciar historicamente e contextualizar o trabalho sobre as memórias da antiga Festa de Navegantes, apresenta-se abaixo uma construção histórica, resultado de leituras de documentos e publicações históricas da Paróquia do Porto e da Arquidiocese de Pelotas. Estes documentos estavam em poder do pároco da Igreja do Porto, e localizados na própria Paróquia.

A Paróquia de São Francisco de Paula surge em 1812, através do Alvará do Príncipe Regente datado de 07 de julho deste mesmo ano. A solicitação para a aprovação da paróquia foi feita através de requerimento de moradores. Foi nomeado primeiro pároco o Pe. Felício Joaquim da Costa Pereira (RUBERT, 1994, p.134). A Província Eclesiástica do Rio Grande do Sul foi criada em 15 de agosto de 1910 pelo Papa Pio X. Desta forma, Porto Alegre foi elevada a Sé Arquidiocesana, e o território

do Estado foi dividido em mais três dioceses, com sedes em Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana (AMARAL, 2003 p. 153).

As dioceses abrangiam o litoral e a campanha, regiões do estado em que era forte a atuação da Maçonaria, e onde predominava um clima de indiferença e até mesmo de franca hostilidade ao clero. A Igreja, por sua vez, encontrava-se com seus quadros desfalcados e desqualificados, apresentando um abandono, quase que por completo, da vida sacramental (AMARAL, 2003 p. 156).

No ano seguinte, assumiu como primeiro Bispo de Pelotas Dom Francisco de Campos Barreto, oriundo da cidade de Campinas, onde era Cônego (PRIMEIRO LUSTRO DA DIOCESE DE PELOTAS<sup>11</sup>, 1916 p. 39). De acordo com Amaral (2003, p. 156) Dom Francisco de Campos Barreto encontrou em Pelotas situação desfavorável com relação ao catolicismo. Havia poucos párocos e os mesmos não davam conta de suas atividades, pois, além da forte propaganda anticlerical e da desorganização das atividades sacramentais, havia falta de infraestrutura de funcionamento das paróquias, que não dispunham nem mesmo de mobiliários adequados para a realização dos sacramentos.

Toda essa situação desestimulava a frequência dos fiéis às missas onde, até então, a participação estava restrita, basicamente, à presença feminina. Os homens iam somente na condição de “acompanhantes” e, como tais, dividiam os espaços das igrejas, fumando e colocando seus assuntos em dia, enquanto os sacerdotes tentavam conduzir as cerimônias religiosas. Portanto, foi necessário, inicialmente, um forte empenho no sentido de sua reorganização e moralização, estimulando não só a participação dos fiéis nas igrejas, mas, também, a uma postura de recolhimento e respeito (AMARAL, 2003 p. 156).

O descontentamento de Dom Francisco de Campos Barreto consta também no Primeiro Lustro de Pelotas (1916, p. 93) no qual coloca que “*em Pelotas há trinta anos talvez houvesse meia dúzia de catholicos praticantes*”. Talvez por esse motivo, uma de suas primeiras ações foi a divisão da Paróquia de São Francisco de Paula, através da criação de duas novas freguesias: a de Nossa Senhora da Luz (tornando

---

<sup>11</sup> O Primeiro Lustro da Diocese (1916), publicado pelo próprio Dom Francisco de Campos Barreto, é o resumo dos primeiros cinco anos de existência e atividades da Diocese, desde sua posse. Nessa interessante e rara publicação, junto a uma extensa Carta Pastoral, encontram-se os dados históricos, geográficos e estatísticos de cada uma das paróquias de então, dos respectivos estabelecimentos católicos de ensino e instituições de caridade, além do registro dos nomes de todos os religiosos e leigos investidos de cargos e funções nas diversas entidades e associações.

Matriz a capela homônima, já existente, na zona Norte da cidade, com território estendido à zona rural), através de Decreto em 7 de abril de 1912 (PRIMEIRO LUSTRO DA DIOCESE DE PELOTAS, 1916, p. 283), e uma paróquia que partisse do Centro em direção ao perímetro urbano, delimitado pelo São Gonçalo.

Por decreto de S. Exc. O Sr. D. Francisco de Campos Barreto, primeiro Bispo de Pelotas, datado de 1º de novembro de 1912, foi desagregado da Cathedral desta cidade de Pelotas o bairro sul, que compreendendo toda a zona do Porto, se estenderia até a rua Tiradentes, limitando-se ahi com a Parochia de onde foi desmembrado, por uma linha leste-oeste, que em seus extremos se prolongava, abrangendo para leste todo o terreno marginal do arroio S. Gonçalo, até attingir o arroio Pelotas, para oeste toda a cidade nova ou Villa da Graça (Primeiro Lustro da diocese de Pelotas, 1916, p. 287).

Surge neste contexto a nova paróquia, na região do Porto de Pelotas que desde sua criação foi consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, sendo este, portanto, seu padroeiro. Foi conhecida como Igreja do Porto, pelo fato de seu território compreender a região próxima ao atual porto desativado sobre o Canal São Gonçalo. Historicamente, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi trazida ao Brasil pelos europeus após o Concílio Vaticano I (WEEGE, 2008, p. 193).

O primeiro vigário da paróquia foi o Pe. Manoel Guinot Bernard, que tomou posse em 05 de janeiro de 1913 e começou a exercer suas funções paroquiais primeiramente em uma casa sita à Rua Três de Maio, número 213. Esta casa foi considerada a sede da matriz até a inauguração da primeira igreja, em proporções pequenas (de acordo com os dizeres populares), construída em madeira, no dia 21 de setembro de 1913. O terreno foi doado pelo Cel. Evaristo Alves Ribas e esposa, Sra. Ambrosina Salles Ribas, medindo 18,70m de frente e 44m de fundos. (PRIMEIRO LIVRO TOMBO, 1912, p. 08). Na época da inauguração da igreja de madeira era vigário o Pe. Joaquim Teixeira Dias.

Para a construção da nova Matriz, foi fundamental o apoio financeiro de famílias católicas tradicionais e abastadas, coincidindo com uma época de enorme expansão industrial e econômica do bairro e da cidade. Em reunião realizada com as lideranças da igreja, juntamente com o Bispo Dom Francisco de Campos Barreto, formou-se uma comissão, encarregada de angariar fundos para a nova igreja: Coronel Joaquim Assunção Junior, Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, Major

Benjamim Guerreiro, Capitão Antônio Rodrigues Ribas, Antônio Leivas de Carvalho, Antônio Lucas Franqueira e o Pároco.

Em 1916 a Igreja do Porto se encontrava ainda em construção, aparecendo na publicação, na Figura 02, o projeto arquitetônico original da fachada, assimétrica, com a torre ao lado (PRIMEIRO LUSTRO DA DIOCESE DE PELOTAS, 1916). Em 1917, houve a transferência da antiga igreja de madeira para a nova, ainda não terminada. A partir desta data, as cerimônias eram realizadas no novo templo. A Figura 03 é a fotografia da lateral da Igreja do Porto com a capela-mor e parte das naves construídas. As igrejas normalmente eram construídas do fundo para frente, de modo que a capela-mor pudesse servir já como igreja, provisoriamente. A vista da fotografia é pela Rua Gomes Carneiro (para localização, verificar Apêndice A). De acordo com Montoito (2011), em 1921 houve a inauguração oficial do novo prédio da Paróquia do Porto e em 1925, a conclusão das obras da matriz, colocação dos capitéis na igreja, a gruta e o batistério.



Figura 2: Projeto da Matriz Sagrado Coração de Jesus.  
Fonte: Primeiro Lustro da Diocese de Pelotas (1916).



Figura 3: Fotografia da lateral da Matriz Sagrado Coração de Jesus.  
Fonte: Acervo particular da autora.

É citada na publicação do Primeiro Lustro a doação para a nova igreja, sem citação do nome do donatário, da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, e da construção do retábulo<sup>12</sup> em cedro, um dos dois grandes altares que viriam a ladear a capela-mor: um para a imagem de Navegantes e o outro para Nossa Senhora do Rosário, a segunda grande devoção mariana da Paróquia. O retábulo e altares laterais são mencionados no Capítulo 4, sobre o esquecimento, onde se encontra uma fotografia antiga do conjunto.

A nova igreja foi construída em estilo colonial português. Observa-se na Figura 04 que o quadrilátero do terreno era ocupado apenas pela igreja. Posteriormente, anexo à Matriz Sagrado Coração de Jesus, foi fundado pelo Bispo D. Antônio Zattera o Colégio Diocesano, hoje Campus II da Universidade Católica de Pelotas. Pode ser verificado nas imagens que o projeto arquitetônico original não foi parâmetro para a construção da nova igreja, pois a torre principal ficou centralizada na edificação, não assimétrica, na lateral. A torre é um dos elementos que caracteriza a arquitetura da Igreja do Porto. Ela alberga três sinos, que representam a Sagrada Família, Jesus, Maria e José. Tem morfologia quadrangular e sobre ela

<sup>12</sup> O retábulo de madeira da Igreja do Porto merece destaque. É um trabalho artesanal, resultado de um especialista em entalhe e carpintaria, com detalhes revestidos e adornados com uma fina camada de ouro. É um dos mais ricos e importantes detalhes do mobiliário da igreja, juntamente com o altar e o lustre.

uma edificação cônica com platibanda sustenta uma imagem do Cristo disposto com braços abertos e o coração saliente, em alto relevo. Uma escada em ferro conduz ao andar superior e deste até a torre (MONTTOITO, 2011).



Figura 4: Fotografia antiga da fachada da Matriz Sagrado Coração de Jesus.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

O quarteirão onde se encontra a igreja é delimitado pelas ruas Almirante Barroso, Três de Maio, Coronel Alberto Rosa e Gomes Carneiro. Sua fachada principal se situa defronte à Rua Coronel Alberto Rosa e a fachada lateral esquerda defronte à Rua Gomes Carneiro. Ao templo foi conferido como identificação o número 251 pela Secretaria Municipal de Obras da Prefeitura Municipal de Pelotas. O imóvel é inventariado em nível municipal, classificação nível 01 em preservação, pela questão histórica e tipologia diferenciada<sup>13</sup>. A organização e uso do espaço físico foram identificados pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria

<sup>13</sup> Conforme a Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas.

Municipal de Cultura como Sítio Porto ZPPC<sup>14</sup>-3. Abaixo, na Figura 05, encontra-se a Igreja do Porto atualmente.



Figura 5: Matriz Sagrado Coração de Jesus atualmente.  
Fonte: <http://igrejadoporto.blogspot.com>.

Atualmente, a Igreja Sagrado Coração de Jesus tem pequena participação na Festa de Navegantes. O templo recebe uma pequena Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes na noite do dia 1º de fevereiro, véspera do dia de Navegantes, para ornamentá-la e conduzir a procissão motorizada até a Colônia de Pescadores Z-3 no dia seguinte, 02 de fevereiro. No final do Dia de Navegantes, a pequena imagem de Navegantes volta para a Igreja do Porto, trazida pelo Canal São Gonçalo pelos pescadores, e é conduzida até a igreja, onde ocorre a missa de encerramento. As Festas, procissões, as confraternizações da Igreja não só reforçam a relação do ser humano com o Divino, como também as relações entre os paroquianos, vizinhos, “irmãos” de comunidade. Os eventos da Igreja podem ter também cunho econômico,

---

<sup>14</sup> Zona de preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas número 3, referente ao bairro do Porto (Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas).

no sentido de reunir esforços para uma beneficência, uma obra, projeto ou ações de caridade da própria Igreja.

A seguir, conceitua-se e disserta-se sobre as festas e procissões como fatos culturais da religiosidade, constituidores de unidades em contextos étnicos. No Brasil, estes eventos são ritos celebratórios de intensa participação popular, dos quais os devotos participam principalmente por crer nos milagres concedidos por determinada divindade. Nas festas e procissões, é possível agradecer pelas graças recebidas e pedir a intercessão para o que se deseja.

## **1.2 As atividades simbólicas da religião como sistema cultural: As Procissões, as Festas**

O significado da manifestação religiosa, social e cultural representada pelo ato ritual denominado 'procissão' pode ser compreendido através de algumas definições. A pesquisa documental sobre as memórias da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas permitiu identificar que, desde o ano de 1932, quando ocorreu pela primeira vez, vem sendo denominada algumas vezes de "Procissão" e outras vezes de "Festa". As diferentes nomenclaturas podem ser verificadas nos versos das Figuras 06, 07 e 08, que representam "lembrancinhas", ou santinhos da Festa de Navegantes de Pelotas, com dimensões de 12,5x06cm, cronologicamente dispostas (frente e verso). As referidas Figuras são as três lembrancinhas mais antigas da Festa de Navegantes encontradas, dos anos 1932 ("*primeira Procissão marítima*"), 1939 e 1950. Ao final do trabalho, em Anexos, encontra-se na totalidade este importante acervo do evento religioso, os antigos *souvenirs* da Procissão, ou Festa de Navegantes do Bairro do Porto de Pelotas, descobertos no decorrer da pesquisa, dentre lembrancinhas em papel e medalhas da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> A maioria do material foi gentilmente cedido pelos depoentes desta pesquisa, antigos devotos da Santa.



Figura 6: Lembrança da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas, 1932.  
Fonte: Acervo de Victor Pencarinha.



Figura 7: Lembrança da Oitava Festa de Navegantes de Pelotas, 1939.  
Fonte: Acervo de Victor Pencarinha.

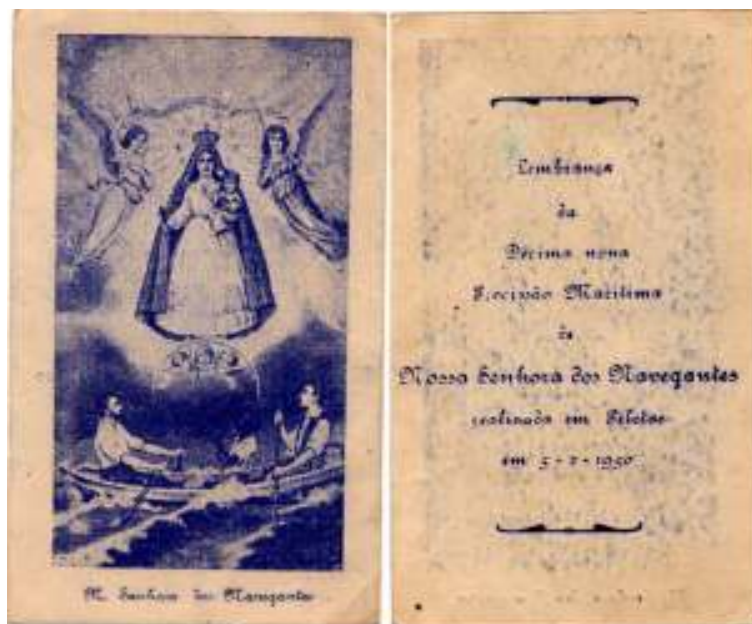


Figura 8: Lembrança da décima nona Procissão de Navegantes de Pelotas, 1950.  
Fonte: Acervo de Victor Pencarinha.

A variação nas formas de chamar o evento religioso não descontinua o mesmo como uma unidade. Geertz (1989, p. 128) afirma que as atividades simbólicas da religião como sistema cultural, como as procissões, objetivam reproduzir, intensificar e tornar invioláveis as manifestações religiosas. De acordo com Cirlot, citado por Marques e Santos (2004, p. 08), a palavra *procissão* se refere à ideia de uma marcha, representada no cortejo litúrgico, e toma o significado de uma peregrinação terrena, mas também de um permanente avanço em direção ao divino.

[...] a procissão funciona como um fenômeno simbólico coletivo, de alcance ilimitado, capaz de aglutinar em torno de si pessoas, grupos ou categorias sociais distintas, a partir de um sentimento construído pela e para a comunidade. É por isso um evento social religioso previsto, informal e de reforço que escapa do universo cotidiano por fundir num mesmo espaço/tempo a espontaneidade, a descentralização, a despersonalização e a continuidade. É, portanto, um reflexo da religiosidade popular, fundamentado pela tradição eclesial, às vezes resultante diretamente da Igreja, às vezes das Irmandades ou Confrarias que, por muito tempo, foram responsáveis por estes eventos (MARQUES e SANTOS, 2004, p. 08).

A unidade que é a Procissão de Navegantes possui sua simbologia, como dito acima, é coletiva, não de uma única etnia, mas a sua constituição se transforma

em uma representação única. O seu alcance reúne pessoas, grupos ou categorias sociais distintas, cria-se uma comunidade que se estabelece no que precede, durante e depois do fato, mas que no resto do ano não se estabelece, mesmo que seja de referência aos que a vivem. O evento social religioso escapa do universo cotidiano, mas é um referente de unidade, funde num mesmo espaço/tempo etnias muitas vezes distintas, é o contexto étnico de unificação. Este reflexo da religiosidade popular de tradição eclesiástica (criado pelas entidades promotoras, a Arquideocese e a Igreja), resulta em um momento importante de aproximação.

Qualquer procissão é um rito celebratório que dá corporeidade à noção de ciclo, de transcurso, como prova do seu retorno ao ponto de partida. A ideia cíclica da procissão vai ao encontro de Del Priore (2000, p. 10), que afirma: após as festividades, tudo volta inelutavelmente ao mesmo lugar. A procissão era um rito pagão que envolvia a adoração a deuses e, juntava dança, música e teatro numa grande festa profana, até ser assimilado pela Igreja Católica. No período colonial no Brasil, o momento da procissão era utilizado pela Coroa Imperial e Igreja para disciplinar e controlar as populações:

Isso por que as procissões são simultaneamente fenômenos comunitários e hierárquicos. Elas exprimem a solidariedade de grupos sociais subordinados a uma paróquia, reforçando tanto os laços de obediência a Igreja e aos poderes metropolitanos quanto aqueles internos, entre os membros de uma comunidade (DEL PRIORE, 2000, p. 23).

A procissão também pode possuir caráter sagrado e ao mesmo tempo profano. A diversidade de pessoas que participavam das procissões dá a elas também um caráter de aproximação entre contextos étnicos ou mesmo de culturas religiosas diferentes. A motivação do devoto ao empenhamento religioso em nome de determinado Santo pode ser o agradecimento por uma graça, uma cura, por exemplo, o pedido para a obtenção de outras graças. Ao estabelecer um viés de comunicação direta com o Santo, o fiel “garante a proteção eterna”. Talvez por isso a forte adesão de fiéis a procissões, romarias, peregrinações no Brasil. A procissão, portanto, desempenha papel importante nas curas, na cultura popular e quando se busca a regeneração do ser humano (ELIADE, 1992, p. 69).

O significado de Procissão tem relação direta com a definição de Romaria. Romaria, de acordo com Nolan e Nolan, citados por Steil (2003, p. 33), designa

deslocamentos curtos, que envolvem a participação comunitária e combinam aspectos festivos e devocionais. Esse sentido festivo e devocional é uma das dimensões mais destacadas nas análises de caracterização de práticas populares no âmbito do catolicismo tradicional. Efetivamente, pode ser assim compreendida a Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas.

Por diversos motivos, as pessoas participam de uma romaria: por votos, em favor de alguém, crenças em milagres, graças alcançadas. A idéia de romaria, aparentemente, traz em si uma gama de significados, como “sacramento”, penitência e festa (WEEGE, 2008, p. 188).

A Romaria é associada ao caráter popular tradicional em oposição ao institucional moderno. A romaria como manifestação ligada a um período do ano pode se refletir de forma diferente na imagem dos envolvidos nela.

O tempo de romaria é um tempo sagrado, um tempo de reavaliação da vida, tempo de atualização do tempo sagrado no tempo atual. O tempo da romaria nem sempre parece ser um tempo linear, ou seja, o tempo capaz de ser medido pelo relógio (o *chronos*), mas, sim, um tempo de contagem baseado nas experiências e que permitirá ao tempo profano, em que se desenrola toda a existência humana, correr “normal” durante o ano em que se está longe do tempo sagrado (ELIADE, 1992, p. 75).

A ideia de romaria, portanto, remete à temporalidade da vida, o tempo em que se vivencia o sagrado e o tempo da “ociosidade da fé”, afirmando as diferentes identidades que o ser humano pode assumir no viés da religiosidade. A citação também afere sobre a “garantia” que o ser humano necessita para que a vida corra da melhor maneira. Estes podem ser considerados aspectos que levam as multidões para as procissões e romarias. De acordo com Francisco, citado por Weege, (2008, p. 189), nas romarias conjuram-se os pecados, pede-se perdão, busca-se reconciliação, expressa-se solidariedade para com os que estão sendo injustiçados e se festeja. Quando denominada de Festa, a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes tinha a representação de encontro, alegria, celebração, beleza, dentre outros. Com o passar dos anos, o ritual é adaptado, atualizado de acordo com interesses e necessidades.

Essa reatualização ritual do *illud tempus* da primeira epifania de uma realidade está na base de todos os calendários sagrados: a festa não é a

comemoração de um acontecimento mítico (e portanto religioso), mas sim sua reatualização (ELIADE, 1992, p. 69).

A reflexão exposta contribui para o entendimento das constantes mudanças nas festas religiosas, seja pelo ícone de devoção, pelo local, rituais, dentre outros aspectos. Se a festa não acompanha o desenvolvimento, pode correr o risco de esvaziar-se de participação popular e assim, perder seu sentido principal: o de festejar o sagrado. Conforme já colocado, a Procissão de Navegantes de Pelotas também era denominada de Festa. De acordo com Del Priore (2000, p. 10) a Festa pode ser um fato político, religioso ou simbólico. Pode-se afirmar que a Festa de Navegantes do Porto de Pelotas possuía essas três denominações, por haver mobilização religiosa, pública, de instituições militares, municipais, comerciantes, pescadores, dentre outros atores sociais. A autora coloca que a Festa deve responder a uma necessidade e preencher uma função. A função social da Festa está relacionada com o permitir aos participantes e expectadores a vivência coletiva, entronizando valores e normas, comungando sentimentos e conhecimentos comunitários.

Conjugamos a afirmação de Mary Del Priore com a ideia de Monica Montenegro (2012), na afirmação de que as festas religiosas são importantes na vida das comunidades por marcarem um tempo especial destinado ao ócio, à confraternização, à troca de diálogos, às experiências, à sociabilização. A festa religiosa insere-se, portanto, na dinâmica social das comunidades, hábitos culturais, alimentares, de sobrevivência.

O tempo de festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasias e liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade (DEL PRIORE, 2000, p. 09).

A festa religiosa é, então, elemento formador de identidades, lugar de memórias coletivas, lugar de vivência social, onde é possível também externar a fé, comungar a devoção. No decorrer da festa ocorrem as ações de sociabilidade, nas quais os jovens aprendem com os mais velhos a perpetuar uma cultura legada. No caso da festa religiosa, a fé pode ser legada e perpetuada. A fé é um atributo cultural

de unidade. Ao seguir dogmas, participar de rituais, que nesse caso pode ser a festa, o ser religioso coloca em prática uma cultura herdada, participando de uma representação cultural que possui caráter de territorialidade e temporalidade. Nesta pesquisa, estes dois aspectos são confrontados com a memória e o esquecimento da antiga Festa de Navegantes.

De acordo com Bluteau, (apud DEL PRIORE, 2000, p. 18), a palavra Festa origina-se do termo latino *festus*, e denominava as celebrações e o culto de deuses. Na modernidade, tende-se a separar as festas religiosas das festas profanas, principalmente por incentivo da Igreja Católica. Porém, as festas permaneceram de caráter sagrado e profano, como se existisse um evento dentro de outro, simultaneamente. Um exemplo desta dualidade colocado pela autora é a forma como a música sacra das festas religiosas misturava-se com ritmos populares, portugueses e espanhóis, o que demonstra a indefinição de territorialidade entre o sagrado e o profano. A autora afirma que a origem europeia das festas está ligada à produção agrícola. A festa celebrava o agradecimento da colheita, além de pedir proteção. Com o advento do cristianismo, as festas passaram a ser consideradas cultos divinos, a igreja objetivava principalmente evitar o paganismo nas festas.

No tempo do Império no Brasil, as festas religiosas da população eram vulgarizadas, e confundiam-se os objetivos da festa, ora divino, para a Igreja, ora laico, para a Coroa. De acordo com Eliade (1992, p. 76), na festa é possível o reencontro da dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. “Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, ela é sempre um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente” (ELIADE, 1992, p. 75). Cabe ressaltar que com o processo de mestiçagem e a imposição de um modo de ser europeu, os grupos aliados do poder, utilizando o sincretismo, oportunizaram-se das festas religiosas católicas para propagar seus interesse étnicos (FERRETTI, 2001). Os grupos que se relacionavam com as águas também eram motivados a participar efetivamente do enlaçamento.

### **1.3 O espírito das águas: A devoção a Nossa Senhora dos Navegantes**

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposição morais e

estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem (GEERTZ, 1989, p. 103).

A citação nos coloca o quanto o símbolo sagrado e o sentimento religioso podem sintetizar as características de um determinado povo. O estudo da antiga Festa de Navegantes de Pelotas pode trazer aspectos culturais da cidade e do bairro do Porto até então desconhecidos: a visão que os depoentes tinham da Festa, do território enquanto “lugar da Festa”, como preparavam-se, adornavam as ruas, as casas, os barcos, como se dava a interação dos participantes da Festa, dentre outros fatos peculiares a este local.

Funari e Pelegrini (2008, p. 83) colocam que a religiosidade é tão antiga quanto o ser humano e há teorias que afirmam que é ela que distingue o homem de outros primatas. A religião<sup>16</sup> é parte essencial da experiência da vida em sociedade. Estes autores colocam que o estudo da religiosidade como fenômeno cultural, antes que teológico, ocorre na passagem do século XIX para o século XX. O estudo antropológico da religiosidade buscava conhecer o caráter humano, social e cultural das crenças. “A imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial” (FUNARI E PELEGRINI, 2008, p. 84).

De acordo com Geertz (1989, p. 113) o sentimento religioso pode existir em atos cotidianos, por que é possível amar pessoas ou praticar boas ações que não sejam religiosas. Isto nos remete ao sentimento religioso, e este é capaz de trazer a sensibilidade, a ética, a justiça, dentre outros sentimentos de paz espiritual. Traz também uma tendência de obrigação intrínseca, encoraja a devoção, mas exige ação, induz a aceitação intelectual, mas reforça o compromisso emocional.

O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrentar um ou outro aspecto da experiência provoca nele a mais grave ansiedade (GEERTZ, 1989, p. 114).

---

<sup>16</sup> Sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através de formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 105).

É a busca do sentimento religioso, o fato de desejar ser espiritualmente “melhor”, em termos de caridade, ética e justiça que pode explicar a profunda ligação entre o humano e o sagrado, representado pelos símbolos religiosos. A devoção a santos que se relacionam com a experiência de vida individual de cada devoto reforça esta ligação e potencializa a fé nas celebrações, festas e rituais religiosos de devoção específica, como no caso de Navegantes. A vivência da mítica da procissão enquanto um sistema simbólico gera efetivamente uma grave ansiedade, como nos coloca o autor citado.

O culto a Nossa Senhora dos Navegantes tem origens longínquas e variadas. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 86), no antigo Mediterrâneo faziam-se procissões para divindades femininas. Com o cristianismo, as celebrações tiveram continuidade, mas aos poucos as imagens consideradas pagãs foram sendo substituídas pela Virgem Maria.

Megale (2009, p. 37) afirma que a devoção a Navegantes teve origem durante a Idade Média, no tempo das cruzadas, quando cristãos atravessavam o Mediterrâneo saindo da Palestina, a fim de defenderem os lugares santos da profanação pelos infiéis. De acordo com a autora, eles tinham conhecimento das terríveis travessias marítimas enfrentadas em embarcações frágeis da época, por isso recorriam à intercessão da Virgem Maria, quando se viam a mercê das ondas. A autora afirma que, no tempo das grandes navegações, a devoção se desenvolveu ainda mais entre os navegadores portugueses e espanhóis, que se aventuravam nos oceanos. Antes da partida das embarcações, os viajantes participavam de celebrações pedindo a proteção da Mãe dos Navegantes. Geertz (1989, p. 125) ressalta que a dor, a perplexidade e o paradoxo moral, ou seja, as dificuldades da vida, impulsionam os homens para a crença religiosa.

Na América do Sul a devoção a Navegantes apresenta-se entre diferentes divindades e concepções sobre o espírito das águas, que também são incorporadas à tradição católica (FUNARI e PELEGRINI, 2008, p. 86). Na América Latina as religiões possuem fundamental representatividade na constituição da identidade histórico-cultural (OLIVEIRA, 2008, p. 208). Existe uma pluralidade de religiões e vivências religiosas não necessariamente condicionadas por instituições eclesiásticas. De acordo com Vainfas e Souza (1999, p. 201), a devoção à Virgem Maria chega à América não através do clero ou de religiosos, mas através de

navegadores e conquistadores. Hernán Cortés a entronizou do Templo Mayor de Tenochtitlán, atual Cidade do México, e Pedro Álvares Cabral a colocou em retábulo na primeira missa no Brasil. A primeira aparição de Nossa Senhora na América aconteceu, de acordo com Vainfas e Souza (1999, p. 206) no México<sup>17</sup>, em 1531.

A religiosidade no Brasil possui características de caráter étnico diverso (genericamente branco, negro e indígena), sincretizado em espiritualidades diversas num todo específico e multifacetado. De acordo com Pierucci e Prandi (1997, p. 13), a religião católica sempre foi majoritária e hegemônica no Brasil. Do catolicismo tradicional fazem parte também muitas práticas populares de devoção a santos, promessas, milagres, peregrinações. Oliveira (2008, p. 208) coloca que a pluralidade religiosa é marca da religião no Brasil até hoje. “Mas sem dúvida, um dos traços marcantes dessa religiosidade luso-americana foi também a devoção preferencial a Nossa Senhora” (VAINFAS e SOUZA, 1999, p. 209).

O começo da devoção a Navegantes no Brasil possui vários títulos conferidos à Virgem Maria: Senhora dos Mares, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Boa Esperança, dentre outros. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 90), a Festa de Navegantes pode ser considerada um significativo exemplo de processo de assimilação ritual e de transformação que ocorre com o tempo.

A invocação de Nossa Senhora dos Navegantes é muito usada entre os pescadores, homens modestos que diariamente enfrentam o furor das ondas à procura do sustento para suas famílias. A prova disso é que os mais conhecidos Santuários da Padroeira estão situados em áreas de pescaria como: Fortaleza, no Ceará, Penedo, na foz do Rio São Francisco, e principalmente em Cananéia, o primeiro centro habitado do sul do Brasil, e Porto Alegre. Em todos esses núcleos pesqueiros a festa da Padroeira é celebrada com animadas procissões marítimas precedidas da embarcação que leva a Virgem Maria. Entretanto, os festejos mais famosos, que atraem todos os anos milhares de turistas, são os da capital gaúcha. No dia da Festa realiza-se animado cortejo fluvial, durante o qual os devotos atiram ao Rio Guaíba flores, fitas e guirlandas como oferenda à Protetora dos Navegantes (MEGALE, 2009, p. 38).

A citação indica que a Festa de Navegantes de maior representatividade do Brasil ocorre em Porto Alegre, a 271 km de Pelotas. De acordo com Braga (1998), a Festa dos Navegantes de Porto Alegre<sup>18</sup> é a maior festa de devoção popular do

<sup>17</sup> A Virgem recebeu o nome de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina.

<sup>18</sup> De acordo com Cavedon (1992, p. 31), a primeira imagem de Nossa Senhora dos Navegantes chegou a Porto Alegre em janeiro de 1871, encomendada por portugueses residentes em Porto

estado e uma das maiores manifestações religiosas do Brasil. A procissão do dia 02 de fevereiro chega a reunir, de acordo com Steil (2004, p. 13) cerca de um milhão de devotos e peregrinos. A citação aponta também que a festa, em outras cidades brasileiras, tem origem no ofício do pescador. Vale ressaltar que a antiga Festa de Navegantes de Pelotas foge deste contexto, sendo elaborada não sob o contexto do trabalho do pescador, mas pela proximidade do Bairro ao Porto de Pelotas, onde ocorria intensa atividades portuárias, comerciais, lugar de trabalho e moradia de operários, trabalhadores de fábricas do bairro, dentre outros. Contudo, ela serve também aos pescadores e aos embarcados, mas mais amplamente a uma população não embarcada que vivia na região.

No estado do Rio Grande do Sul, a celebração mais antiga de Nossa Senhora dos Navegantes é, possivelmente, a realizada em São José do Norte, cuja Matriz possui uma imagem barroca dessa invocação. Steil (2004, p. 15) ressalta a importância da devoção às imagens para o catolicismo tradicional. As imagens são o invisível, o sagrado que se torna acessível e palpável.

De acordo com esta pesquisa, antes do deslocamento da festa para a Colônia de Pescadores Z-3, é possível que imagem de Nossa Senhora dos Navegantes tenha sido considerada o mais representativo símbolo sagrado dos moradores do Bairro do Porto de Pelotas. Este símbolo era capaz de sintetizar as alegrias, as angústias, o trabalho, a fé, o cotidiano dos devotos vizinhos da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. A sua força agregadora não se dissipa com a mudança de lugar, mas se reestrutura e se ressignifica, mas mantém, como nos diz Eliade, citado acima, a reatualização do sagrado, é então possível ainda perceber sua força.

Conforme já colocado, a Igreja do Porto atualmente tem pequena participação na programação da Festa de Navegantes de Pelotas. A Festa é completamente descaracterizada do contexto que lhe deu origem. Nas Figuras 09 e 10 é possível identificar a atual devoção dos pelotenses a Nossa Senhora dos Navegantes, em 02 de fevereiro do ano de 2011.

---

Alegre de um escultor português radicado às margens do Rio Douro, na cidade de Porto, em Portugal. Como estava próximo o dia 2 de fevereiro daquele ano, considerado pela Igreja Católica como o “Dia da Purificação de Nossa Senhora”, esse dia foi escolhido para ser de exaltação à Nossa Senhora dos Navegantes, comemorado anualmente. A Santa ganha, pouco depois, sua capela própria, no bairro que justamente viria a se chamar Navegantes. Após um incêndio, ao que tudo indica criminoso (Cavedon, 1992, p. 43) que a destruiu, em 1910, ergueu-se o atual Santuário no ano de 1912.



Figura 9: Missa Festiva da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Colônia Z-3, em Pelotas, 2011.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A Figura 09 é o momento inicial da missa festiva no Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, na Colônia de Pescadores Z-3, no ano de 2011. Pode ser verificada a participação popular, tanto de moradores da colônia de pescadores quanto de integrantes de comunidades do centro e outros bairros de Pelotas. A maioria dos fiéis desloca-se para o lugar em automóvel particular. Há pessoas de idade avançada, crianças, famílias inteiras. Observaram-se muitas oferendas de flores para a Santa, aos pés da imagem. Do lado de fora do Santuário, muitos devotos participavam da missa festiva em pé, sob o sol forte das 10h30min da manhã. A maioria da assembleia permaneceu em pé durante a celebração da missa, pois o local não acomodava todos os participantes sentados.

À frente, ainda na Figura 09, no altar pode ser verificada a presença de lideranças da Igreja de Pelotas, o Bispo Arquidiocesano, pároco, clérigos e ministros da Igreja. A imagem que se vê ao fundo da igreja, à esquerda, é a original da primeira Festa de Navegantes do Porto, de 1932. Durante toda a Festa, os fiéis tocam na Imagem original de Navegantes, fazem pedidos e orações, oferecem flores, entoam cânticos. Vale observar que esta antiga imagem não sai do Santuário. Às 15h, uma imagem menor é embarcada na Colônia de Pescadores e segue pela

Lagoa dos Patos até o Cais do Porto e dali em procissão terrestre para a Paróquia do Porto, onde é há a missa de encerramento da Festa de Navegantes. A imagem abaixo é o começo da missa de encerramento na Paróquia do Porto de Pelotas.



Figura 10: Missa de encerramento da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Pelotas, 2011.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como pode ser verificado na Figura 10, a Igreja do Porto encontra-se adornada com balões e fitas das cores azul e branca para receber a Santa, que veio da Colônia de Pescadores Z-3 por via fluvial, trazida por pescadores e em pequena procissão terrestre até a Matriz do Porto. Não há cânticos, associações, ou autoridades civis, apenas algumas dezenas de devotos. Os moradores do bairro não adornam as casas, há pouca participação popular. Ocorre queima de foguetes quando a Santa se aproxima da Igreja do Porto. Os devotos de Navegantes que se encontram no local acenam com bandeiras azuis e brancas. É este, portanto, o ritual religioso que permanece no contexto popular da Festa de Navegantes em Pelotas.

Conforme já destacado, a imagem original, da Festa de 1932, que pode ser verificada nas Figuras 11 e 12, se encontra na igreja da Colônia de Pescadores Z-3 e não participa mais das celebrações da festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Igreja do Porto.



Figura 11: Imagem original de Nossa Senhora dos Navegantes, da primeira procissão de 1932 (frente).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O não “ter” a imagem de Navegantes, nem mesmo no dia da realização da Festa, é, para os entrevistados da pesquisa, devotos do Porto, fato lembrado como lacuna religiosa, perda de autenticidade, o que não lhes incentiva mais ao empenhamento religioso da procissão, à participação nas atividades da Festa de Navegantes. A pesquisadora percebe em alguns depoimentos que para os antigos moradores do bairro, chega a ser uma “provocação” a Festa de Navegantes que se apresenta hoje, comparando-a com a que existiu no passado. Para estes, não há motivação para a participação, só se for para se entristecer com a decadência do evento religioso.



Figura 12: Imagem original de Nossa Senhora dos Navegantes, da primeira procissão de 1932 (Lado esquerdo).  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

As Figuras 11 e 12 foram capturadas durante a Festa de Navegantes de 2011, após a missa festiva na Colônia de Pescadores Z-3. Verifica-se na Figura 12 que a Santa se encontra sobre uma réplica de um barco pesqueiro (salienta-se que não é o mesmo barco-andor utilizado no passado) e, defronte a Ela, se encontra um mastro, detalhe do próprio barco. Atrás da Santa há, como um adorno, um arco constituído de flores azuis e brancas, de tamanho maior que ela. Percebe-se também a existência de oferendas de várias flores aos pés da Santa e a invocação das mãos dos fiéis, tocando o manto da Imagem de Navegantes, ação comum no catolicismo. À esquerda encontram-se apenas as mãos de um fiel, que ora para Nossa Senhora dos Navegantes. Em todo o momento da Festa de Navegantes na Colônia de Pescadores Z-3 havia fiéis revezando-se, aos pés, ao redor da imagem, invocando as mãos, deixando oferendas ou apenas a admirando, sentados nos bancos do Santuário, agradecendo, ou pedindo a intercessão da Santa.

Este subtítulo procurou contextualizar o trabalho, colocando o sentimento religioso como importante elemento constituidor de identidade e memória de uma coletividade. Para finalizar, dissertou-se sobre a Festa de Navegantes em Pelotas atualmente, apresentando de que forma acontece a expressão da fé na Procissão

de Navegantes na cidade. A seguir, a história da idealização da antiga Festa de Navegantes de Pelotas e paralelamente, a trajetória de seu idealizador e a relação constituída por ele com o lugar da Festa, o Bairro do Porto.

#### **1.4 “Monsenhor Chierichetti e a antiga Procissão de Navegantes: Uma Festa Religiosa ultrapassando os limites do templo”**

“Tinha festa do Sagrado Coração de Jesus, festa de Nossa Senhora do Rosário, mas era tudo dentro da Igreja. A única que saía era Nossa Senhora dos Navegantes” (Depoente Sra. Neusa Lima, 91 anos, aposentada).

O recorte do depoimento da Sra. Neusa Lima foi inserido para enfatizar esta especialidade da Festa de Navegantes, que era uma novidade para Pelotas no começo do século XX: o ultrapassar os limites do tempo. O aspecto de sair às ruas e em passeio fluvial, o caráter festivo das atrações durante e após o evento da antiga Procissão de Navegantes de certa forma convidava os munícipes, principalmente moradores do Bairro do Porto, à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, à crença na protetora dos trabalhadores do mar.

Este subtítulo destina-se a comentar como foi criada a antiga Procissão de Navegantes de Pelotas, a partir de antigos documentos e depoimentos. Busca falar também sobre o idealizador da festa, o Pe. Luiz Chierichetti, que esteve à frente do evento religioso por quase três décadas, e por isso ressaltado com ênfase na maioria dos depoimentos da pesquisa.

O Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1912) menciona a celebração da Festa de Navegantes no ano de 1920, em proporções modestas. Festejou-se Navegantes naquele ano, juntamente com Santa Filomena, em procissão terrestre “*em redor do Porto*” (PRIMEIRO LIVRO TOMBO, 1912, p. 23). Existiam na Igreja do Porto naquela época associações religiosas (algumas existem até hoje), como o Apostolado da Oração<sup>19</sup> e Pia União das Filhas de Maria<sup>20</sup>. Estas associações objetivavam modernizar e animar encontros de grupos

<sup>19</sup> O Apostolado de Oração da Igreja do Porto, já na década de 1920, contava com o expressivo número de quinhentos membros ativos, assim como a Confraria de Senhoras, todas casadas, com cerca de oitocentos integrantes.

<sup>20</sup> As Filhas de Maria eram um grupo de moças, todas solteiras e brancas, que participavam das atividades na paróquia, principalmente de devoção mariana. Após casarem, elas passavam geralmente a integrar um dos grupos relacionados na nota anterior (a origem da tradição encontra-se no Capítulo 3). Existiam ainda as Rosaristas, da Confraria do Rosário, que congregava mulheres

específicos, além de congregar maior número de fiéis na comunidade. Segundo Gonzales (2011), estes grupos tinham o intuito de tornar mais socializada a linguagem da igreja, e assim reunir mais fiéis. De acordo com Steil (2004, p. 13), a criação de irmandades e devoções no meio urbano foi uma experiência do catolicismo, desde o século XIX. Estas instituições e agentes religiosos de caráter leigo são responsáveis, em grande parte, pela implantação e manutenção do culto aos santos populares.

Ainda que reunissem um número expressivo de fiéis<sup>21</sup>, estas associações não abarcavam a grande massa popular, aferrada a sua devoção livre de controles clericais e, algumas vezes, aproximada do sincretismo religioso com as religiões afro-brasileiras, abundantes em Pelotas pelo imenso contingente de descendentes de escravos. Del Priore (2000, p. 97) coloca que desde o período colonial é latente a preocupação da Igreja no sentido de “combater” outras religiões através de Festas, eventos e grupos, mas a presença destas outras manifestações religiosas sempre foi verificada e aparece em alguns depoimentos como veremos adiante.

Aos moradores do bairro que não participavam das atividades da Igreja do Porto, mas tinham a vivência da fé,<sup>22</sup> era necessário oferecer um gênero de manifestação que tentasse falar diretamente ao sentimento religioso, e assim fazer crescer o número de paroquianos<sup>23</sup>. Neste importante contexto a Paróquia do Porto, em 16 de janeiro do ano de 1932, é assumida por um jovem sacerdote pelotense, Pe. Luiz Gonzaga Alfino Chierichetti em missa solene com presença de autoridades do município (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1912, p. 66).

Sensível à realidade do bairro, constituído por população pobre, operária, trabalhadora, Pe. Luiz Chierichetti<sup>24</sup> procura, aos poucos, recolher donativos para a aquisição de imagens de santos ligados às questões de saúde e das profissões comuns aos paroquianos: São Benedito, como santo de devoção da população

---

negras da comunidade, e a elas era permitido participar das celebrações na nave lateral direita da igreja.

<sup>21</sup> Há relatos da existência de até quatro missas matinais na Paróquia do Porto para dar assistência aos grupos e associações. Era uma missa destinada para cada um dos grupos.

<sup>22</sup> Discussão do subcapítulo: ‘O espírito das águas: A devoção a Nossa Senhora dos Navegantes’.

<sup>23</sup> Conforme colocado na discussão do subcapítulo ‘Os promotores da festa: A Arquidiocese de Pelotas e a Igreja do Porto’, o catolicismo em Pelotas naquela época necessitava ser impulsionado.

<sup>24</sup> Relato do Monsenhor Chierichetti, colhido no final da década de 1980 pelo Prof. Jonas Klug da Silveira, do Centro de Artes/UFPel.

negra; São Geraldo, como protetor contra a tuberculose, que grassava na época, antes da descoberta da penicilina; São Roque, protetor contra as pestes e epidemias; Nossa Senhora do Bom Parto, das parturientes e parteiras; Santo Isidoro, patrono dos lavradores (muitos quarteirões do bairro eram chácaras de verdureiros, em geral, portugueses); dentre outros santos de devoção popular.

Era necessário, porém, evidenciar uma devoção que ultrapassasse o limite do templo, identificando-se com o bairro do Porto como um todo. Neste momento foi criado o que chamamos de unidade em contexto étnico de Navegantes. O Pe. Luiz Chierichetti dirigiu-se ao Capitão dos Portos, solicitando a permissão para a realização da procissão de Navegantes em caráter fluvial, com acompanhamento oficial da Marinha.

A festa idealizada pelo Pe. Luiz Chierichetti era constituída por bandas de música, associações religiosas, que acompanhavam a Imagem da Virgem até o Cais do Porto, onde era embarcada, acompanhada pelo Pároco, oficiais e marinheiros<sup>25</sup>, devotos e autoridades, e fazia seu percurso pelas águas do São Gonçalo, escoltada por grande número de embarcações de todos os portes (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1912, p. 66). Desta forma, o padre articulou um evento que de certa forma “convidou” os moradores do bairro à participação, à devoção em Navegantes e à inserção nas atividades da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. A Santa seria desde então considerada a devoção mariana principal daquele bairro, e por que não dizer, uma padroeira dos moradores daquele lugar<sup>26</sup>.

Ao longo de quase quatro décadas, essa manifestação de fé tomou proporções somente superadas, em termos numéricos, pelo carnaval da Rua XV de Novembro, conforme a expressão de moradores do bairro. As manifestações de fé, a massa popular, os pagadores de promessas, levando crianças vestidas de anjos, constituem um quadro ainda vivo na memória popular. Eliade (1992, p. 77) coloca que o homem religioso sente a necessidade de reproduzir os gestos divinos porque

---

<sup>25</sup> Marinheiro: relativo à marinhagem, atividades marinheiras. Militar que detém a posição hierárquica de marinheiro (FERREIRA, 2004, p. 1282). Tanto a palavra marinheiro quanto procissão marítima foram encontradas em souvenirs da Festa, periódicos, Livro Tombo, dentre outros para expressar a participação da Marinha na Festa de Navegantes. Vale salientar que o percurso fluvial da Festa de Navegantes ocorre em águas doces, não marítimas, o Canal São Gonçalo e Arroio Pelotas.

<sup>26</sup> Ideia extraída da fala dos depoentes da pesquisa. De acordo com Essinger (2009, p. 151), a comunidade operária também participava assiduamente da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

deseja e se esforça para viver muito perto de seu Deus. O rápido crescimento da Festa de Navegantes no Porto é demonstrado através das Figuras 13 e 14, em documentos descobertos no decorrer da pesquisa, de acordo com o número de festeiros, patrocinadores da Festa de Navegantes.



Figura 13: Frente e anverso da litogravura de Nossa Senhora dos Navegantes da procissão de Pelotas em 1937.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A Figura 13 representa a Litogravura<sup>27</sup> da Livraria do Globo, de Porto Alegre, em formato 30cmx21cm, para ser emoldurada, retratando a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes venerada no santuário em Porto Alegre, obra do escultor português João de Afonseca Lapa. A imagem fora utilizada como modelo para a lembrança da Festa de Navegantes de Pelotas. O anverso registra a lembrança da VI procissão “marítima” (sic) de 1937 em Pelotas, com data de 31 de janeiro, antevéspera da celebração litúrgica, e inclui o nome de dezenove membros da “Comissão” organizadora e financiadora da festa, incluindo duas empresas. A divulgação efusiva dos “santinhos” distribuídos na Festa demonstra o caráter mais sagrado do processo amplamente assumido pelos participantes em geral, já que

<sup>27</sup> Para definição da tipologia das imagens foi consultado o Prof. Jonas Klug da Silveira, do Centro de Artes/UFPel.

serviam também como manifestação de poder, representado nos nomes arrolados nestes. A festa não era só para a sacralização da fé, servia também a outros interesses, que estavam interligados aos processos simbólicos que estabeleciam a unidade.



Figura 14: Frente e anverso da fotogravura de Nossa Senhora dos Navegantes da procissão de Pelotas em 1942.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A Figura 14 traz a “Fotogravura”<sup>28</sup> de um desenho a grafite que reproduz o modelo da Figura 13, porém com valor artístico inferior, em formato 33cmx24cm, impressa na Tipografia do Arauto (não se sabe se “O Arauto” se trata do mesmo jornal fundado em Pelotas em 1886, e que esteve estreitamente ligado à comunidade negra e suas causas). A imagem impressa foi distribuída como lembrança da 11ª procissão “marítima” de Pelotas em 1º de fevereiro de 1942. Renovam-se aqui também os organizadores e seus interesses na festa religiosa. Na pesquisa em antigos periódicos da época verificou-se que a distribuição de *souvenirs* da Festa de Navegantes era anunciada como um delicado presente aos

<sup>28</sup> Para definição da tipologia das imagens foi consultado o Prof. Jonas Klug da Silveira, do Centro de Artes/UFPel.

participantes. Estes objetos têm importância simbólica singular no catolicismo, como objetos santos.

A comissão organizadora do ano de 1942 passa a incluir setenta e seis nomes, sendo vinte e sete de empresas financiadoras ou apoiadoras da festa, quase todas, à época, ligadas ao bairro. As Figuras 13 e 14 refletem um dado numérico expressivo do vulto que a Festa de Navegantes do Bairro do Porto de Pelotas tomou em pouco tempo. Demonstram também o quão a devoção a Navegantes, idealizada pelo Padre Luiz Chierichetti, foi aceita pela comunidade e nos assegura pensar que existiu ali uma unidade em contexto étnico religioso.

É possível que o fato de ter recebido a ordenação sacerdotal em um dia 2 de fevereiro identificasse o Padre Chierichetti com essa devoção tipicamente portuguesa<sup>29</sup>; fica claro, porém, de seu depoimento, que, uma vez que esta já existia na paróquia, convinha evidenciá-la fora dos limites do templo, como um elemento identificador e agregador do bairro como um todo. O fato de a Festa religiosa ocorrer fora do templo pode ter sido decisivo como fator integrador dos paroquianos, na formação de um grupo no contexto étnico que pertence a e se identifica com a religiosidade. Estes aspectos podem ter tornado possível o rápido aumento do número de festeiros, dentre famílias e empresas, e a adesão popular na Festa de Navegantes.

Conforme já colocado, o Padre Luiz Chierichetti esteve à frente da Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas desde a primeira Festa, em 1932. Talvez pela identificação e forte adesão popular na Festa de Navegantes, o pároco tornou-se querido pelas pessoas do bairro. Este sentimento pôde ser verificado na fala dos depoentes, durante a pesquisa. Em 1953, o Padre Luiz Chierichetti completou seu jubileu de prata sacerdotal, e recebeu o título honorífico de “Monsenhor”. A lembrança do Jubileu<sup>30</sup> se encontra na Figura 15. Em 1957, o Bispo diocesano D. Antônio Zattera transferiu Monsenhor Luiz Chierichetti para a Catedral São Pedro,

---

<sup>29</sup> A referência mais antiga à devoção no Rio Grande do Sul se encontra na paróquia de S. José do Norte, cujo primeiro sodalício leigo foi precisamente a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Navegantes, criada em 1815 e aprovada por provisão episcopal no ano seguinte (KÜHN, p. 131). A procissão, porém, já era realizada anteriormente, tendo-se comemorado seu bicentenário neste ano de 2011.

<sup>30</sup> Penso ser de grande importância a inserção da história do paroquiato do Padre Luiz Chierichetti neste trabalho. A festa foi desmantelada alguns anos após sua saída, portanto, as antigas Procissões de Navegantes, estudadas em documentos e depoimentos, foram em sua maior parte conduzidas por este homem. Justifico assim a inserção da lembrança do Jubileu de Prata Sacerdotal neste trabalho.

em Rio Grande. Em seu lugar, assumiu o jovem Padre Olavo Gasperin, que conduziu a Procissão de Navegantes conforme fazia o Monsenhor Chierichetti.

No depoimento do Padre Luiz Chierichetti<sup>31</sup> fica patente que a procissão de Navegantes era considerada por ele sua “grande obra”, referindo-se com mágoa ao seu desmantelamento, bem como às modificações feitas na Matriz, dentro da série de medidas que não referenciaram o respeito ao sentimento popular de fé e devoção a Navegantes, nem sensibilidade pelo inestimável valor desse patrimônio cultural imaterial.



Figura 15: Lembrança comemorativa ao Jubileu de Prata sacerdotal do Monsenhor Luiz Chierichetti (1953).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao longo de 26 anos de convívio com a população do bairro, Monsenhor Luiz Chierichetti construiu um carisma<sup>32</sup> (inclusive com não católicos), talvez vinculado à questão da Festa de Navegantes, já que esta teve caráter agregador,

<sup>31</sup> Relato do Monsenhor Chierichetti, colhido no final da década de 1980 pelo Prof. Jonas Klug da Silveira, do Centro de Artes/UFPel.

<sup>32</sup> O carisma, o carinho dos moradores antigos do bairro do Porto foi percebido pelo pesquisador através das entrevistas e de conversas informais com vizinhos da Paróquia do Porto. Ele é lembrado até hoje como o pároco que mais atuou junto à comunidade.

formador de identidade, de uma unidade em contexto étnico religioso no Bairro do Porto, a ponto de sua despedida ter sido palco de cenas de “choro e desmaios” <sup>33</sup>. Padre Olavo Gasperin, seu sucessor, teve dificuldades para trabalhar com os paroquianos, descontentes com o deslocamento do Monsenhor Chierichetti. Mesmo assim, consegue manter por algum tempo a festa de Navegantes em seu padrão tradicional. No Capítulo 2, a seguir, serão descritas alterações na Festa de Navegantes, ocorridas ainda durante o paroquiato do Pe. Olavo, consideradas o começo da ruptura, da descaracterização e inevitável esquecimento da antiga procissão de Navegantes em Pelotas. Em depoimento para esta pesquisa, o Padre Olavo Gasperin descreve que, após a saída do Monsenhor Chierichetti, a comunidade não participava das missas que ele celebrava, em protesto pela transferência do antigo pároco. O depoimento do Padre Olavo Gasperin fala sobre a mudança de párocos na Paróquia do Porto:

“Nunca se contrariava um bispo. Na minha posse aconteceu uma coisa que nunca havia acontecido: tomei posse com o antigo pároco ainda atuando. A remoção do Monsenhor Chierichetti trouxe muita comoção para toda a paróquia. Movimentaram até algumas pessoas influentes, o prefeito, o capitão do porto, e mais autoridades pediram ao bispo que deixasse que Chierichetti ficasse mais uns dois meses para se organizar. Em 14 de janeiro de 1958 assumi a paróquia do Porto com o Padre Chierichetti ainda lá. Muitas vezes fui vaiado na rua. As meninas diziam: *ih, ih, ih, nos tiram o Monsenhor e nos mandam o guri*. Naquela ocasião eu tinha 27 anos e ele uns 70 acho” (Padre Olavo Gasperin, 81 anos - Formado em Letras Clássicas).

Este subcapítulo descreveu como surgiu a Festa de Navegantes de Pelotas e breve história de seu idealizador, o Monsenhor Chierichetti. O capítulo a seguir expõe a pesquisa documental sobre a história da antiga Festa de Navegantes do Porto de Pelotas, conforme antigos periódicos, documentos e depoimentos orais. É válido salientar que no decorrer da pesquisa de documentos históricos da Igreja, o Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1912) foi classificado como um dos documentos mais relevantes no contexto estudado, uma fonte de fundamental importância para a pesquisa.

---

<sup>33</sup> Pe. Olavo Gasperin (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA DO PORTO DE PELOTAS, 1912).

Os Livros Tombo são manuscritos quase diários, elaborados por cada pároco que assumiu a Paróquia do Porto no decorrer do século XX. Nele constam informações raras da movimentação da igreja, desde sua criação, em 1912: casamentos, batizados, dizimistas, catequizandos, crismandos, funcionários, número de participantes de confrarias, associações católicas, compras para a paróquia, movimentação monetárias, dentre outras informações relevantes para a pesquisa. Através do Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1912) foi possível colher o depoimento manuscrito do Padre Luiz Chierichetti, idealizador da primeira Festa de Navegantes (1932).

## **Capítulo 2 A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas em periódicos e publicações**

A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente. O *ethos* está diretamente relacionado com as crenças (GEERTZ, 1989, p. 144). Através da religiosidade o indivíduo pode interpretar suas experiências e organizar suas condutas, ponderar e refletir sobre aspectos íntimos. De acordo com o autor, os significados só podem ser armazenados através de símbolos.

Tais símbolos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele (GEERTZ, 1989, p. 144).

A unidade em contexto étnico que representa a procissão de Navegantes é entendida como um sistema simbólico, no qual as dramatizações rituais relatam os mitos que a envolvem. Há uma vibração própria, de amplo fundo mítico, em cujo momento a forma do mundo parece unificada. Está expressa ali uma “qualidade de vida emocional” em que os diversos grupos se unificam e comportam-se de forma a expressar o que se espera deles. Há uma conformidade, uma aproximação, um elo simbólico e emocional que qualifica o processo.

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes pode ser considerada um símbolo religioso da devoção mariana da Paróquia do Porto em Pelotas, mas poderia tomar outros contornos conforme os grupos que se faziam presentes no processo. A Santa era considerada a Padroeira da Igreja do Porto (PRIMEIRO LIVRO TOMBO, 1912) e, conforme depoimentos, permanece sendo, principalmente para antigos moradores. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi uma das

primeiras e ser doadas, mas não foi encontrada a data da doação e procedência da imagem.

Conforme já ressaltado, o Primeiro Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912) menciona a celebração de uma Festa de Navegantes em 1920, em proporções modestas. No Livro Tombo não foram encontradas referências de que houve Festas de Navegantes de 1920 até 1932, quando se realizou a primeira. Neste ano, foram encontradas no periódico *Diário Popular*, durante todos os dias da semana que antecederam a Primeira Festa de Navegantes de Pelotas, notas, informações e convites para a participação na primeira procissão de Navegantes. Publicações que ocupavam espaço privilegiado no periódico, conforme se pode verificar nas Figuras 16 e 17. Abaixo, seguem textos transcritos do periódico de 28 de janeiro de 1932, no espaço denominado “Vida Religiosa”:

Nossa Senhora dos Navegantes: Procissão no São Gonçalo. Domingo, 31, às 16 horas. Tocarão duas bandas de música e comparecerão irmandades, sua excelência D. Joaquim e o povo. Embarcações não inscritas não poderão participar. De São Lourenço do Sul e Rio Grande virão assistir a Procissão conduzindo inúmeras pessoas, diversas embarcações, o que mais realce vão imprimir a cerimônia religiosa, tornando movimentado nosso Porto (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Venda de ingressos que darão direito às embarcações serão feitas no acto do embarque pelos representantes das instituições Pias ali presentes. O ingresso custa apenas 500 reis por passageiro (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Toda a iluminação do Largo da Praça Domingos Rodrigues e ruas adjacentes será feita gentilmente pela Light and Power, que também manterá seus bondes em contínuo tráfego para o Porto até altas horas (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Das 16 às 20 horas está proibido o tráfego de pequenas embarcações (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Nos dias 30 e 31 de janeiro de 1932, também no periódico *Diário Popular*, as informações sobre a grande Festa de Navegantes se acumulam, enfatizando a programação e a importância dos financiadores do evento religioso. Há uma sequência explicitada do processo no sentido de informação ao senso comum, mas já elencando a importância do ritual que se seguiria, previamente estabelecido com as ações hierarquizadas das suas autoridades envolvidas. Cabe ao representante

da Igreja o ato sagrado e a distribuição de indulgências<sup>34</sup>, “delicadas lembranças”, e aos representantes laicos as outras grandes atividades não sagradas, mas que darão grandiosidade à festa.

O embarque da Santa será no Hiate Crystal. Por ocasião do desembarque da Virgem dos mares será feita pelo Padre Chierichetti uma oração a Nossa Senhora dos Navegantes e uma pelo Brasil, sendo distribuídas delicadas lembranças da Festa. Às 21:00 retreta pela Banda da 9º R. I. Às 22:00 vistosos fogos de artifício (DIÁRIO POPULAR, 30 de janeiro de 1932).

O delegado da Capitania dos Portos Capitão Tenente Alberto Jorge de Carvalho e com o auxílio de uma comissão de pessoas gradas e firmas comerciais (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1932).

Esta última notícia, de 31 de janeiro, dentre outras sobre a Festa de Navegantes ocupa o espaço de metade de uma folha do jornal, e possui como complemento uma fotografia do Capitão dos Portos em tamanho grande, importante autoridade que torna possível o evento, o nome de cada um dos festeiros, dentre famílias e empresas comerciais, e o nome das embarcações inscritas para a participação na procissão fluvial. Sobre a classe econômica dos festeiros, financiadores do evento e os interesses em financiar a Festa de Navegantes, pode se colocar um trecho do depoimento do Sr. Sene, entrevistado para esta pesquisa: *“Os festeiros eram do comércio, gente que tinha muito dinheiro. Quem participava era bem visto na cidade”*. A notícia do periódico acima, citando cada uma das empresas apoiadoras e enfatizando a beneficência em auxiliar a festa demonstra os interesses que faziam parte do apoio à Festa de Navegantes.

A notícia ainda informa sobre detalhes da ornamentação em arco de flores construídos para a procissão na esquina da Alfândega e no Cais do Porto e o nome de cada uma das embarcações já inscritas para a participação na procissão. Outro depoimento ainda coloca a proibição da participação na procissão fluvial sem a devida inscrição e da navegação em pequenas embarcações das 16 às 20 horas, sintetizando algumas normas e regras que partiam da organização do evento.

---

<sup>34</sup> “Qualidade de indulgente, clemência, misericórdia. Tolerância, benevolência. Remissão total ou parcial das penas relativas aos pecados” (FERREIRA, 2004, p. 1098). Também realizado nos processos de procissão com o uso de um objeto de piedade, devidamente benzido por um padre (folhetos, crucifixos, medalhas bentas, etc.).

O mesmo periódico noticia posteriormente a participação de mais de cinco mil pessoas na Festa de Navegantes, “*A primeira procissão marítima de Pelotas*” no dia 02 de fevereiro de 1932, conforme pode se verificar nas Figuras 16 e 17:



Figura 16: Notícia da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas.  
Fonte: Diário Popular de 02 de fevereiro de 1932.

É importante ressaltar a forma como o jornal já previa o lugar, não dando o destaque à caminhada da Igreja do Porto até o embarque, à procissão terrestre, mas sim à procissão embarcada. Trata que outras cidades se farão representar com barcos e alerta que é necessário comprar ingresso com representantes “das instituições Pias” (o que pode ser entendido como das navegações ou como dos devotos), para embarcar. Indica que além das bandas, se fará presente a autoridade eclesiástica católica, as irmandades católicas e o povo, ou seja, cria-se um texto de afirmação das distintas posições funcionais hierárquicas na Festa de Navegantes.



Figura 17: Destaque da Notícia da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas.  
Fonte: Diário Popular de 02 de fevereiro de 1932.

Em termos de benefícios de logística para os devotos e participantes, para incentivar a participação destes no evento religioso e afirmando o apoio de empresas públicas e privadas na organização da procissão terrestre, indica a iluminação na Praça Domingos Rodrigues (à frente da Alfândega) e ruas ao redor. Para preservar o afluxo ao local, seriam mantidos “bondes em contínuo tráfego para o Porto até altas horas”. Em pesquisa no Primeiro Livro Tombo da Paróquia (1912), foi possível encontrar, de próprio punho do idealizador do mais grandioso evento religioso da cidade, o Padre Luiz Chierichetti, a narrativa da primeira Festa de Navegantes:

Fevereiro de 1932.

Pela vez primeira nesta cidade de Pelotas, celebrou-se com extraordinária imponência a festa de N. Sra. dos Navegantes. Foi iniciador das solenidades o delegado da Capitania do Porto, Sr. Capitão Ten. Jorge Alberto Carvalhal, a quem fica aqui registrado um voto de louvor; para a realização das festas concorreram as principais firmas estabelecidas no Porto, com as quais foi formada a comissão dos festejos. (...) Dia 31, às 10h, houve missa solene de N. Sra. dos Navegantes, após a bênção do barco miniatura “Pelotas”, doado pela comissão de festas e bento pelo Rvmo<sup>35</sup>. Pároco, P. Luiz Gonzaga A. Chierichetti. (...) Às 15h30 saiu solene procissão com a imagem de N. Sra. dos Navegantes, levada em rico andor por marinheiros, pelas ruas Gomes

<sup>35</sup> Reverendíssimo.

Carneiro, Barroso, Benjamin Constant em direção ao cais. Ai se achavam atracadas dezenas de embarcações, que todas deveriam acompanhar a solene procissão marítima (sic)<sup>36</sup> pela primeira vez aqui a realizar-se. Na embarcação em que ia Nossa Senhora tomaram parte o clero, as Filhas de Maria desta Matriz, todas uniformizadas, membros da comissão de festas e mais pessoas gradas. (...) Às 16h, sob a chefia geral do Capitão do Porto Sr. Capitão Ten. Jorge Alberto Carvalhal, começaram a pôr-se em movimento as embarcações, indo em frente, belamente embandeirada, a que levava o andor de N. Sra. dos Navegantes. Era incalculável a massa de povo que ia embarcada, vários milhares, extraordinária a multidão que se premia no cais, sendo de notar que, pelas margens, de quando em quando se via muita gente estacionada ou acompanhando até certos pontos, e ainda muitos autos. Era indizível a alegria do povo, grande a piedade e o entusiasmo, devendo-se salientar que em todo o percurso nada de anormal se tenha dado, graças a N. Senhora e à atividade do Sr. Capitão, com o concurso do policiamento. Deu volta a procissão à altura da “Boca do Arroio”. Ao desembarcar, o Rvmo. Pároco fez uma oração a N. Sra. dos Navegantes. De volta seguiu a procissão pelas ruas Benjamin Constant, Álvaro Chaves, Gomes Carneiro até a Matriz, onde foi dada a bênção do Santíssimo. À noite, a comissão fez queimar vários fogos de artifício de borde de uma das embarcações no Porto, enquanto uma banda de música executava peças na Praça Domingos Rodrigues, atraindo assim para aquele ponto enorme massa de povo. Fica aqui registrada essa relação quase completa, para que conste o que foi a primeira procissão de N. Sra. dos Navegantes feita no ‘S. Gonçalo’, na cidade de Pelotas” (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1912, p. 66, 67).

A imagem que o Padre Luiz Chierichetti faz em torno da Festa de Navegantes é quase poética, tais as palavras que ele utiliza para citar sua própria obra. A participação da marinha e dos marinheiros se faz destacar pela fala do pároco, mas a sua presença se dá no campo laico, sendo que no processo da procissão quem “Toma Parte”, na embarcação principal, é “o clero, as Filhas de Maria desta Matriz, todas uniformizadas, membros da comissão de festas e mais pessoas gradas<sup>37</sup>”. A população está presente em outras embarcações, “massa de povo que ia embarcada” ou estava a observar a partir do cais do porto ou margens, acompanhando em automóveis. A sua referência ao clima laico da festa é sempre entremeada pela visão mítica católica, “a piedade” do povo e a intervenção divina da Virgem Maria para que nada acontecesse de errado.

A Imagem de Navegantes é conduzida pelas ruas do bairro do Porto, embarca, dá uma volta por água até a “boca do arroio” Pelotas e retorna ao cais, seguindo ruas até a Igreja do Porto (verificar mapas nos Apêndices A e B). Na praça

<sup>36</sup> O termo “marítimo”, totalmente impróprio, aparece também nas estampas comemorativas encontradas.

<sup>37</sup> Pessoas notáveis é o que deve se referir a palavra.

da alfândega permanecia a festa mais laica, daqueles devotos e participantes que não pertenciam a associações religiosas, e talvez não tivessem recursos para pagar pelo embarque na procissão fluvial. Vários dados citados, extraídos dos antigos periódicos, podem ser confirmados na fala dos depoentes da pesquisa, no Capítulo a seguir, principalmente na opinião de seu sucessor, Padre Olavo Gasperin, 81 anos.

A Figura 18 é a fotografia de uma das Festas de Navegantes no Porto de Pelotas. O ano da fotografia não foi descoberto, mas é provável que não seja a primeira festa de Navegantes, que está sendo abordada. Porém, a mesma foi inserida neste momento do trabalho por conter ícones destacados nas publicações acima. A Figura 18 apresenta embarcações participando da Procissão Fluvial de Navegantes em Pelotas.



Figura 18: Fotografia de embarcações na procissão fluvial de Navegantes do Porto de Pelotas.

Fonte: Acervo particular da autora.

Nenhuma das embarcações está conduzindo a Imagem de Navegantes, apenas os fiéis em procissão fluvial. No detalhe, a ornamentação dos barcos e a multidão de devotos embarcados na embarcação intitulada “Silveira Martins”. Pelo que se pode ver, a maioria homens embarcados. Ao fundo, em outras embarcações,

está a bandeira do Brasil, remetendo à oração da publicação do Diário Popular exposta acima e explicitando o movimento nacionalista que existia no começo do século no país, presente na Festa de Navegantes.

Nas anotações do Primeiro Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912) que fazem referência ao ano de 1933, consta no dia 5 de fevereiro: “Festa solene de N. Sra. dos Navegantes. Antes de iniciar-se a missa, o Rvmo. Pároco procedeu à bênção do brigue-miniatura ‘São Francisco’, trabalho perfeito de antigos trabalhadores do trapiche S. Francisco, oferecido a N. Sra. dos Navegantes desta Matriz.” Aqui é possível identificar a categoria social e cultural de indivíduos ligados a estivas nos trapiches da cidade. Nestes trapiches a circulação de mercadorias era intensa e a proximidade náutica evidente. Este grupo apresenta poucos estudos, o destaque sempre é feito sobre o estigma da sua atividade marcada pelo uso da força braçal, alcoolismo e relações promíscuas (OLIVEIRA, 2006), raramente por sua religiosidade. Aqui, no entanto, ele compõe esta unidade em contexto étnico que é a procissão de Navegantes e as atividades que a ela se relacionam.

O barco-andor São Francisco, utilizado na Procissão de Navegantes de 1933, verificado nas Figuras 19 e 20, foi encontrado no decorrer da pesquisa nas dependências da Igreja do Porto. Esta descoberta da pesquisa é considerada de muita relevância, pois o brigue-miniatura é objeto descrito em depoimentos, está na memória dos participantes da antiga festa. Foi coletado depoimento da Sra. Glória Zunini, sobrinha do Sr. Natalio Zunini, empresário que contratou os serviços do marceneiro que construiu o brigue-miniatura. O nome do empresário Natalio Zunini consta na relação de festeiros, patrocinadores da Festa de Navegantes de 1937 e 1942, respectivamente, Figuras 13 e 14 e na lembrança da Festa de Navegantes do ano de 1940, localizada em Anexos. A depoente ainda reside à Rua Benjamin Constant, por onde a procissão percorria.

“Foi o tio Natalio quem mandou fazer o barco que era o andor da Nossa Senhora, ele pagou para fazer depois ele mesmo fez os detalhes do barco. O tio era festeiro, sempre ajudava. O barco se chamava São Francisco em homenagem ao administrador do Porto que na época se chamava Francisco” (Sra. Glória Zunini, 85 ANOS – aposentada).

A doação do barco-andor foi publicada também pelos meios de comunicação. Abaixo está a transcrição do periódico Diário Popular de 5 de fevereiro de 1933:

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes será conduzida dentro de uma linda embarcação que recebeu o nome de São Francisco, confeccionada com rara habilidade pelos Senhores Natalio Zunini e José Gonçalves, funcionários do Trapiche São Francisco, que ofereceram ao Senhor Francisco Antunes Gomes da Costa (DIÁRIO POPULAR, 05 de fevereiro de 1933).



Figura 19: Brigue-miniatura São Francisco (lateral), utilizado a partir da segunda procissão de Navegantes, em 1933.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

As Figuras 19 e 20 do brigue-miniatura São Francisco demonstram uma réplica perfeita de um barco de pesca a motor e à vela. O brigue-miniatura era utilizado como andor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. A Santa era colocada entre os dois mastros, no vão existente, e afixada para a procissão. De acordo com os depoentes, na parte inferior do barco eram instaladas as alças que possibilitavam que o brigue-miniatura e a Imagem de Navegantes fossem manualmente transportados pelos fiéis, marinheiros e paroquianos, da Igreja do Porto até o Cais do Porto e na volta. Não foi descoberto qual foi o ano que deixaram de utilizar o barco-andor. A suposição é que tenha deixado de ser usado quando a imagem foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3, nos anos 1970.



Figura 20: Brigue-miniatura São Francisco (frente), utilizado a partir da segunda procissão de Navegantes, em 1933.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sobre a data de realização da festa nos anos subsequentes, percebe-se, pelos registros no Livro Tombo, por não ser ainda feriado municipal, realizava-se, normalmente, no fim de semana imediato: nos dias 04, 03 e 10 de fevereiro, respectivamente, dos anos 1934, 1935 e 1936, quando cessam os registros no Primeiro Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912). Os registros no Livro Tombo passam então a não ser diários, como de costume, mas periódicos e com notações simples, sem maiores detalhes e comentários, o que empobreceu a fonte para a pesquisa.

Já no periódico Diário Popular, a Festa de Navegantes é evidenciada anualmente, desde sua primeira edição, por três décadas sem lacunas. As publicações costumavam ser veiculadas na véspera do evento, convidando, informando detalhes da programação, regras de navegação, valores, festeiros, atrações artísticas, dentre outros. Posteriormente à Festa, há a publicação da cobertura no dia da Procissão, com fotografias, nem sempre nítidas, enfatizando sempre a procissão fluvial. Publicavam os comentários, sempre elogiosos em termos de organização, número de participantes, atrações artísticas, um dia de piedade e fé em Pelotas. Neste âmbito, a pesquisa buscou encontrar notícias de violência, brigas ou acidentes náuticos, que envolvessem a Festa de Navegantes, para ressaltar conflitos envolvendo o evento, porém estes dados não foram encontrados.





Figura 22: Destaque da Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1949.  
Fonte: Diário Popular de Fevereiro de 1949.

De acordo com os antigos periódicos dos anos de 1950 a 1957, a Festa de Navegantes permanecia ocorrendo em Pelotas, anualmente, sem descaracterizações, organizada pelo Padre Chierichetti, pároco da Matriz do Porto, com o apoio da Capitania dos Portos, sem interrupções, como pode ser verificado em alguns *souvenirs* desta década que se encontram em 'Anexos' deste trabalho. Seguindo esta cronologia, no decorrer da pesquisa, foi percebida em 1958 a primeira situação de conflito interno envolvendo a procissão de Navegantes de Pelotas: o deslocamento do idealizador da festa, então Monsenhor Chierichetti, já comentado no subcapítulo 1.4.

Neste momento podemos perceber um referente na qualificação desta unidade em contexto étnico. Percebe-se que os festeiros, paroquianos, participantes da Festa de Navegantes, demonstram um sentido de pertença (BARTH, 1997) com relação ao Monsenhor Chierichetti e ao universo da Festa antes e depois de sua saída. Acredita-se que havia certo receio com relação a um novo pároco que pudesse não zelar pelo sentimento religioso protagonizado pelo Monsenhor Chierichetti através da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, tão importante para este grupo. Há uma relação clara de efetivação da liderança mítica relacionada

ao padre fundador do processo, o seu afastamento em vida, gerava uma ideia de ruptura desnecessária.

Porém, o mesmo traço de identidade cultural do qual derivava uma sensibilidade religiosa comum em torno de Navegantes encontrado no Padre Chierichetti e nos fiéis do bairro estendeu-se por referência ao carisma posterior do jovem Padre Olavo Gasperin. Em depoimento para esta pesquisa, ele fala sobre sua primeira Festa de Navegantes, em 1958. Mesmo tendo assumido a Paróquia a duas semanas da Festa, ele consegue a organizar e executar com êxito:

“Foi a maior Procissão de todos os tempos aquela de 1958. É preciso fazer uma referencia elogiosa ao capitão Enio Moura do Valle. Ele foi aquele que me ajudou. Era 14 de janeiro de 1958, minha posse na missa das 10:00. Era uma choradeira, muita comoção. Chega um dia que o capitão Enio Moura do Valle me chama, por que ele tinha autonomia na Festa dos Navegantes, nada acontecia se a Capitania não permitisse e apoiasse, essa parte técnica de licença dos barcos. E tinha o DEPREC também. Era a marinha que supervisionava. Eu fazia só a parte religiosa. O capitão me chamou lá e disse que a comissão antiga da procissão pretendia se demitir em massa, por causa da saída de Chierichetti. Eles deviam estar cansados de organizar a festa, eram donos de comércio que tinham pequenos barcos mercantes. No sábado antes da festa eles foram todos lá entregaram o saldo da festa anterior e se demitiram todos. Quando toda a comissão saiu se fez a Festa mais espetacular da última década, graças ao Capitão me ajudar. Eu disse assim: ‘bom, a Festa de Navegantes eu vou fazer!’” (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

Encontra-se no depoimento acima algo que parece improvável: a duas semanas da Festa de Navegantes, a comissão decide abdicar, deixando o novo pároco e o Capitão dos Portos apenas na organização do evento, e ainda assim a Festa de Navegantes de 1958 é um sucesso. A informação do depoimento oral foi pesquisada em publicações históricas para confirmação dos dados expostos. Do depoimento pode ser sintetizado que a Igreja e a Capitania apenas organizaram a logística do evento, normas e regras. Foi evidenciado, na Festa de Navegantes de 1958, que quem a protagoniza é o povo, os devotos de Navegantes.

Pode ser extraído do depoimento também o que chamamos de “conflito interno” em torno da antiga Procissão de Navegantes. É necessário descrever os conflitos, as incoerências encontradas no decorrer da pesquisa para não aceitar facilmente o *postulado do sentido da existência* narrada (BOURDIEU, 2006, p. 184). Com o afastamento de Chierichetti, há a evasão de personagens importantes da

procissão de Navegantes, dentre organizadores e participantes. Apesar disso, não foram identificadas maiores alterações na Festa de Navegantes, esta ruptura na unidade, conforme os periódicos da época (1958, 1959, 1960), como se pode verificar abaixo.

O periódico Diário Popular confirma o esplendor da Festa de Navegantes de 1958: “*Foi extraordinária a afluência de fiéis às Festividades da Santa Padroeira dos Marítimos*”. Fala também sobre a participação do Rebocador Tridente da Marinha de Guerra, que pode ser verificada na Figura 23:



Figura 23: Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1958.  
Fonte: Diário Popular de Fevereiro de 1958.

“Eu sei que depois os marinheiros, os tripulantes quando voltavam a Rio Grande se queixavam por que a passarela para a entrar no Tridente era muito estreita e perigosa e aí o povo veio e se avançou, era grande o Rebocador [...] A todos os barcos participantes da procissão dava-se uma medalha, para os donos dos barcos. Naquele ano então nós conseguimos fazer uma coisa meio improvisada. Aí que vemos que os nossos desentendimentos não tiveram repercussão sobre o povo (Padre Olavo Gasperin, 81).

Ainda sobre conflitos envolvendo a antiga Festa de Navegantes, destaca-se o depoimento acima, que fala sobre a dificuldade dos marítimos, trabalhadores na Festa de Navegantes, em controlar a multidão no momento do embarque. Este seria

um perigo eminente, visto que em uma multidão, há crianças e idosos participando dos festejos, poderiam ocorrer acidentes. Algumas das medalhas mencionadas no depoimento acima foram encontradas no decorrer da pesquisa. As fotografias das mesmas encontram-se nos Anexos deste trabalho. Para encerrar a análise desta fonte oral, a mesma afirma que a troca de párocos e o desentendimento com relação à comissão da festa era algo menor que a grande devoção dos paroquianos e população de Pelotas a Nossa Senhora dos Navegantes, tendo a procissão de 1958 decorrido com sucesso. Ainda sobre a Festa de Navegantes de 1958, confirmando o depoimento oral do Padre Olavo Gasperin e o periódico Diário Popular, foi encontrado no Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912) o seguinte relato, manuscrito pelo próprio Padre Olavo:

Às 16:30, pontualmente, apesar de toda a propaganda contra e os boatos surgidos até da própria casa paroquial de que não haveria procissão, deu início talvez uma das mais grandiosas procissões marítimas que Pelotas já presenciou. E não faltaram bandas de música, fogos de artifício, revoadas de pombos, salva de tiros de canhão e imensa multidão nas diversas embarcações e ao longo do cais e às margens do São Gonçalo (Padre Olavo (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1912, p. 85).

O manuscrito, além de confirmar o relato oral e as informações publicadas pelo periódico, ainda reforça a existência do conflito interno, a ruptura da unidade existente em função da saída do Monsenhor Chierichetti da Paróquia do Porto. A semelhança do depoimento oral e do manuscrito histórico demonstra também a memória viva da Festa de Navegantes para o depoente.

Um ano após o Pe. Olavo Gasperin assumir, no periódico Diário Popular de 31 de janeiro de 1959, é publicado como de costume que o pároco e a comissão de festas convidam os munícipes para a Festa de Navegantes. A notícia confirma que a saída do Pe. Chierichetti não atingiu a logística da procissão, pelo menos de imediato. A procissão de 1959 *“contaria com a guarda de honra formada pelas senhoritas da Pia União das Filhas de Maria e pelas Rosaristas com seu uniforme característico”* (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1959). Ainda destaca que a *“massa humana”* contará com a presença da Banda de Música da 4ª B. C. da Brigada Militar. O Capitão dos Portos permanece sendo o Sr. Enio Moura do Valle, citado em depoimentos acima. Para finalizar o convite, o periódico coloca: *“Afiguram-se assim, plenamente exitosas como sempre, as festividades em louvor a Nossa*

Senhora dos Navegantes que encerra entre nós um aspecto tipicamente popular” (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1959).

A publicação posterior à Festa de Navegantes deste mesmo ano foi veiculada no dia 04 de fevereiro de 1959, e enfatizou a procissão marítima com “enormes lanchas paramentadas, abarrotadas de fiéis” em “espetáculo imponente” (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1959). Importante salientar que o periódico permanece priorizando as imagens e notícias da procissão fluvial em detrimento da procissão terrestre, destacando as regras para navegação e o concurso de ornamentação de barcos que acompanham a Santa. Isto nos leva a acreditar que a procissão fluvial de Navegantes seria um verdadeiro espetáculo em quantidade de embarcações, lotação e ornamentação. A Festa de Navegantes, portanto, no ano de 1959, mesmo com a saída do Pe. Chierichetti, não sofreu alterações significativas, contando com o clero, associações religiosas de costume, Capitania dos Portos, multidão de fiéis e atrações conforme os anos anteriores.

No ano de 1960 a pesquisa do periódico Diário Popular de 04 de fevereiro encontra pequenas alterações na Festa de Navegantes com relação aos anos anteriores. Foram noticiadas a presença de mais de 5 mil pessoas, a participação de autoridades civis, militares e eclesiásticas transportadas em lancha especial, mais de 12 lanchas disponíveis para o público, dentre outras informações. Porém estas estão em pequeno espaço no jornal, sem maiores ênfases e sem fotografias. Importante salientar algo que pode estar relacionado com a posterior descaracterização da festa: publicou-se neste dia a mudança do Capitão dos Portos, para a festa de 1960 estaria à frente da Capitania o Sr. José do Cabo Teixeira de Carvalho (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1960).

Em 1961 a configuração da procissão é a mesma dos anos anteriores. Porém neste ano, pela primeira vez o periódico publica fotografia da procissão terrestre, da imagem de Navegantes sendo conduzida por uma multidão, provavelmente na Rua Benjamin Constant (Figura 24, ver mapa em Apêndice A). Percebe-se na Figura 24 a presença de um carro de som para acompanhar a procissão, o que pode significar a ausência da banda de música, existente nos anos anteriores. Abaixo da fotografia, o periódico publica: “*Rodeado por centenas de fiéis, o andor de Nossa Senhora dos Navegantes foi carregado, em triunfo, até a*

*embarcação-capitânea da procissão fluvial. Foi um belo espetáculo de fortaleza cristã*” (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1961).



Figura 24: Fotografia da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes.  
Fonte: Diário Popular, 04 de Fevereiro de 1961.

A partir do ano seguinte começa a ocorrer o que foi uma das motivações principais para a pesquisa: a descaracterização e esquecimento da antiga Festa de Navegantes de Pelotas. Nas notícias da Festa de Navegantes de 1962 percebeu-se uma ruptura fundamental na unidade, algo de que os depoentes falam, mas cujas memórias não identificam ao certo as datas. O periódico Diário Popular, em contracapa, convida para a Festa de Navegantes “*Organizada pela Capitania dos Portos, com a colaboração da Igreja Matriz do Porto*” (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1962). O restante da logística da Festa não foi alterada, entre comissões, rituais, percurso. Porém, essa alteração explícita de liderança sobre a Festa de Navegantes, que passa a não ser mais da Igreja do Porto com a colaboração da Capitania, mas o oposto, preconizava uma série de alterações futuras no evento originalmente idealizado pelo Monsenhor Chierichetti. Essas alterações passam a ser percebidas no ano seguinte, conforme segue. Pode ser

salientado que, o ano de 1962 foi, portanto, o último em que a antiga Festa de Navegantes de Pelotas ocorreu em sua formatação original.

Em 31 de janeiro de 1963, o periódico *Diário Popular* convidava a população de Pelotas para a Festa de Navegantes. Porém, esta seria uma festa com nova programação, que diferia totalmente das trinta edições anteriores da Procissão. Já no começo da publicação é destacada a organização do evento: uma comissão organizadora presidida pelo Capitão dos Portos José do Cabo Teixeira de Carvalho. A grande ruptura na unidade em contexto étnico ocorre, portanto, neste momento histórico: o capitão dos portos lidera a Festa de Navegantes, mesmo que esta seja uma festa eminentemente religiosa.

A nova programação da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1963 foi: às 8 horas, saída da Matriz do Porto com destino à Colônia de Pesca São Pedro (procissão motorizada), em Arroio Sujo<sup>38</sup>, à margem da Lagoa dos Patos, proximidades do Balneário Santo Antônio no Laranjal. Missa em Arroio Sujo (atual Colônia de Pescadores Z-3, ver mapa em Apêndice C). Almoço em Arroio Sujo, por adesão, no valor de Cr\$300,00, ingressos à venda na Capitania dos Portos (o periódico informa que o lucro do almoço será revertido para as obras da capela a ser construída na Colônia). Às 15 horas saída da Imagem de Navegantes (procissão fluvial), conduzida pelos pescadores pelo Canal São Gonçalo, até a Barra, onde estarão esperando as embarcações do Porto de Pelotas. A procissão fluvial segue pelo Canal, até a “ponte rodoviária”, voltando em seguida para atracar no Porto de Pelotas (ver mapa da procissão fluvial em Apêndice C). A Imagem de Navegantes é desembarcada e realiza-se missa campal no Largo da Alfândega (Praça Domingos Rodrigues), e logo procissão terrestre com a Imagem de Navegantes até a Matriz do Porto (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1963).

A Procissão de Navegantes é, como se percebe acima, completamente desmantelada de sua formatação original. A festa é retirada de seu território (Bairro do Porto), pela primeira vez em três décadas. O periódico, nesta mesma publicação, enfatiza que a comissão organizadora (Capitania dos Portos) disponibilizou um ônibus para a viagem de ida e retorno, para os interessados em deslocamento até a Colônia de Pescadores, em Arroio Sujo. Não foi informado na publicação se o transporte disponibilizado foi cobrado (como o almoço, por adesão), por isso,

---

<sup>38</sup> Atual Colônia de Pescadores Z-3, ver mapa no Apêndice C.

entende-se que a Capitania dos Portos disponibilizou por sua conta este transporte para os devotos de Navegantes da zona urbana. Acredita-se que esta benevolência da comissão organizadora ocorreu apenas no primeiro ano, pois não foi anunciada nas publicações dos anos posteriores.

São aspectos interessantes para a pesquisa desta publicação a ênfase ao almoço beneficente e à disponibilização do transporte até a Colônia de Pescadores, fatores considerados como positivos para tentar “agradar” a uma massa popular que perderia a Festa de Navegantes do Bairro do Porto no ano de 1963. Pode se afirmar que apenas um ônibus (disponibilizado pela organização) não abarcou todos os devotos de Navegantes que não tinham condições de deslocar-se por sua conta, e que o deslocamento particular não era economicamente possível para a grande maioria. Entende-se assim que a nova programação da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes de Pelotas não agradou à comunidade, principalmente aos devotos de Navegantes moradores do Bairro do Porto.

Mesmo assim, o periódico Diário Popular de 05 de fevereiro de 1963, posterior ao evento, publicou, sobre a Festa de Navegantes, o “sucesso” do almoço beneficente e a satisfação dos moradores da Colônia de Pescadores com a realização da Festa na localidade. Anunciou-se na publicação a parceria de uma comissão permanente da Colônia de Pescadores Z-3 na organização da Festa de Navegantes de Pelotas. Não foi citada a participação de festeiros (promotores da festa), Filhas de Maria, Rosaristas<sup>39</sup> ou a comissão da Matriz do Porto, ou seja, entende-se que este é o principal momento de ruptura, de conflito que compreende principalmente os fiéis do Porto de Pelotas, mesmo que a mídia local publique o contrário. Este é o momento descoberto pela pesquisa, em que começa o esquecimento da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.

No ano seguinte, 1964, manteve-se a nova programação acima descrita. Um automóvel do corpo de bombeiros conduziria a Imagem de Navegantes em procissão terrestre para a Colônia de Pescadores Z-3 pela manhã do dia 2 de fevereiro. Publica-se que houve batismos e *shows* populares durante a Festa. O Capitão dos Portos, responsável pelo evento, passa a ser o Sr. Naylor Amazonas

---

<sup>39</sup> Associações religiosas que, conforme citado no Capítulo 1, sempre participaram da Festa de Navegantes, desde sua primeira edição, em 1932, ajudando assim a cultivar a devoção dos moradores, trabalhadores do bairro do Porto e população de Pelotas em Nossa Senhora dos Navegantes.

Coelho. O Pe. Olavo Gasperin foi citado pela publicação como mero participante da Festa. Como já salientado acima, a publicação não cita que a Capitania dos Portos disponibilizou transporte até a Colônia de Pescadores Z-3 para os fiéis do Porto de Pelotas, portanto, participaram da Festa de Navegantes os devotos que tinham recursos financeiros para pagar pela viagem. A publicação afirma que é crescente a participação de automóveis particulares na procissão motorizada (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1964).

Outras mudanças são verificadas nas publicações posteriores. Em 1965, a Imagem de Navegantes da Paróquia do Porto começa a participar de um tríduo<sup>40</sup> envolvendo três localidades (verificar mapa da procissão fluvial com tríduo no Apêndice C). No dia 31 de janeiro de 1965 a Imagem de Navegantes deixa a Igreja do Porto às 18 horas, em embarcação para a Ilha da Feitoria. No dia 1º de fevereiro, após solenidades, vai embarcada até a Colônia de Pescadores Z-3. Enfim, no dia 2 de fevereiro, após as festividades na Colônia, a imagem volta por via fluvial até o Porto de Pelotas. Há missa campal e após regressa à Matriz do Porto (DIÁRIO POPULAR, 02 de fevereiro de 1965). Este é, portanto, o primeiro ano em que os moradores do Bairro do Porto, os quais participavam da Festa de Navegantes por mais de três décadas, anualmente, ficam sem a Imagem da Santa durante todo o dia 02 de fevereiro, a recebendo apenas na noite do dia da Procissão. O bairro perde a movimentação, as bênçãos, a festa, a vida trazida pela procissão religiosa.

Em 1968 a programação começa pelo mesmo tríduo citado acima, porém, a Imagem de Navegantes volta para a Matriz do Porto de Pelotas em procissão motorizada, sendo conduzida pelo Corpo de Bombeiros. Novamente, a publicação não fala sobre a participação do clero, associações religiosas, Filhas de Maria, Rosaristas ou expõe qualquer relação da Festa de Navegantes com o Bairro do Porto de Pelotas. (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1968). Conforme já colocado, os moradores veem, neste período, a Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes partir, três dias antes da Festa, e a recebem na noite do dia 2 de fevereiro. Não há mais a participação da unidade em contexto étnico de fiéis do Bairro do Porto na Festa de Navegantes. Pode ser verificado em Anexos, que os versos dos *souvenirs* da Festa de Navegantes dos anos de 1968 e 1969 fazem menção às localidades do tríduo.

---

<sup>40</sup> Festa eclesialística que dura três dias (FERREIRA, 2004, p. 1991).

Nos anos posteriores, a situação com relação à Festa de Navegantes permanece a mesma. Já nos anos 1972 e 1973 o periódico Diário Popular, utilizado como importante referência histórica para a pesquisa, que há quatro décadas convidava e informava os munícipes sobre a Procissão de Navegantes, não publicou notícia alguma sobre o evento religioso. Observa-se que há nestes anos notícias sobre a Festa do Orixá Iemanjá no Balneário dos Prazeres, no Laranjal, próximo à Colônia de Pescadores Z-3. Isto pode significar a principal lacuna na realização da tradicional Festa de Navegantes de Pelotas. Esta lacuna pode ser percebida nas lembranças do evento religioso, em Anexos. Não foram encontrados *souvenirs* entre os anos de 1969 a 1980. Na última lembrança da Festa de Navegantes encontrada, de 1980, em Anexos, pode se verificar que o local da Festa de Navegantes de Pelotas passa a ser definitivamente apenas a Colônia de Pescadores Z-3.

O material exposto acima, retirado de periódicos históricos de Pelotas, destaca a importância social da Procissão de Navegantes para o município. De acordo com as leituras expostas, a procissão era um evento que reunia fiéis de diferentes municípios, envolvendo o clero, setor público, autoridades militares, atrações artísticas, impulsionando o comércio local através da venda de gêneros alimentícios e locação de barcos, e principalmente reforçando a identidade da comunidade do Bairro do Porto no que se refere à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes.

No capítulo a seguir, os relatos orais colocam como era a procissão terrestre, a ida para as águas, a procissão fluvial, no Canal São Gonçalo, e a volta para o templo, quando a Santa fazia paradas para bênçãos especiais durante o percurso. O capítulo coloca o que era a Festa de Navegantes através da fala dos depoentes, paroquianos e vizinhos da Paróquia do Porto. O que viram, sentiram, vestiram, cantaram, perceberam. A riqueza de detalhes, a semelhança dos depoimentos entre si e com relação à história descrita em antigas publicações enfatiza a força da memória deste evento religioso para os moradores e devotos do bairro.

As falas foram estudadas sob a perspectiva da memória, aquela que persiste mesmo com a avançada idade. Foi verificado que as memórias da Festa de Navegantes estão diretamente relacionadas à vida pessoal dos depoentes, sua

educação, seu casamento, seu trabalho, nascimento de filhos, enfermidades, dentre outros aspectos importantes para este estudo. Ao serem instigados a falar da Festa de Navegantes, logo falavam sobre aspectos particulares da vida, como se fosse tudo a mesma coisa, a sua vida.

### **Capítulo 3 “A memória dos milagres, as boas memórias”: Memórias da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (1932 – 1962)**

As relações entre os Santos e os fieis são pessoais e baseadas no princípio da proteção e lealdade. Cada fiel tem seu santo protetor, ou seu padrinho celestial, que em contrapartida lhe pede lealdade (STEIL, 2004, p. 15).

O modelo relacional do fiel em relação ao santo de devoção destacado na citação acima permanece como elemento cultural de longa duração. Os santos, na perspectiva do catolicismo tradicional, permanecem perpetuados, participando do cotidiano do mundo através de suas Imagens. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* do grupo demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado à realidade que a visão de mundo descreve. Esta visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro para estabelecer tal tipo de vida (GEERTZ, 1989, p. 104). Esta análise possível do universo do fato religioso, considerando aqui o potencial de significado que está nele presente, foi uma importante base para a pesquisa que se dedica a encontrar os vínculos expressos pelos envolvidos na Procissão.

Discute-se a memória no viés da fé, a memória dos milagres, as boas memórias, aquelas que dificilmente são esquecidas, dos bons acontecimentos que se encontram ainda presentes por estarem em um contexto particular e ao mesmo tempo coletivo. Eliade (1992, p. 24), já referido no Capítulo 01, coloca aspectos sobre os lugares sagrados, onde aconteceram as boas memórias, aquelas de que não se esquece e não se quer esquecer, e portanto tornam-se tradicionalmente “sagradas” de alguma forma.

O uso da palavra “milagre” surgiu da análise dos depoimentos orais, nas falas emocionadas dos depoentes com relação à memória e ao esquecimento da Festa de Navegantes do Porto de Pelotas. Não foi descoberto um “verdadeiro

milagre”<sup>41</sup> ocorrido por intercessão da Virgem. A palavra milagre é usada no sentido do encontro, da memória, das relações que se firmaram e permanecem tendo como vínculo a Festa. Também está relacionada à intensa fé manifestada pelos devotos, agradecendo e solicitando os milagres à Navegantes.

A emoção dos depoentes, que definiu os rumos deste trabalho, foi considerada como nos fala Maia (2001, p. 187), na verificação da afirmação: a festa emociona e o pesquisador, ao trabalhar com emoções, pode se emocionar também. Ao fazer a releitura das transcrições das entrevistas percebeu-se que as vidas das pessoas estão de certa forma ligadas às memórias da procissão, pelo que foi vivido, pelo que foi sentido, lembranças de união, de fé. Ao pesquisar emoções, o pesquisador tem a oportunidade de viver as emoções alheias e pensar sobre si, suas memórias, suas emoções.

Este vínculo entre emoção-identidade-memória é chave fundamental para este trabalho. O fato religioso que configura a unidade com que se trabalha é marcado pelo viés da emoção. O contexto, o pequeno tempo da vida, que une muitas pessoas de origens e formas de viver diferentes, está estruturado pela emoção, pelo ato de fé<sup>42</sup>. Sartre (1965, p. 55) afirma que a emoção é uma “transformação do mundo” e que a festa pode atuar “violentamente” sobre as pessoas, as emoções, através do encantamento (SARTRE, 1965, p. 65).

Sobre estas memórias, as boas memórias, Candau (2002) disserta a respeito da “paixão pela memória” e fala de um esforço coletivo para conhecer e entender o passado. Não há passado sem memorização, a memória é método e fonte simultaneamente. A história e a memória são pares indissociáveis.

Na interpretação da pesquisadora, Ricoeur (2007, p. 502), coloca que o aspecto fundamental de toda a fenomenologia da memória é a ideia de memória feliz. O autor considera o reconhecimento como o “pequeno milagre da memória”. O reconhecimento acontece cada vez que trazemos reminiscências do passado para o presente de um acontecimento rememorado, um estado de coisas novamente

---

<sup>41</sup> Verdadeiro milagre no sentido utilizado pela Igreja Católica, (Téo). Feito ou ocorrência extraordinária, que não se explica pelas leis da natureza (FERREIRA, 2004, p. 1329).

<sup>42</sup> Cabe dizer que poderiam ser muitas formas de representação, mas que fecham em uma imagem, que neste caso torna-se signo e símbolo de união. Símbolo, pois intencionalmente serve para ação dos católicos e signo, pois sem intenção serve de imagem para aproximação dos outros festeiros envolvidos. Os significados são diferentes, mas unem em um mesmo tempo-ação, o que chamamos de unidade em contexto étnico.

promovido à reconhecimento. “Todo o fazer-memória resume-se assim no reconhecimento” (RICOEUR, 2007, p. 502).

Assim se desenvolve a dialética do ligar-desligar ao longo das linhas da atribuição da lembrança a sujeitos múltiplos de memória: memória feliz, memória apaziguada, memória reconciliada, tais seriam as figuras da felicidade que nossa memória deseja para nós mesmos e para nossos próximos (RICOEUR, 2007, p. 504).

Através do estudo do objeto, a antiga Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas, e do referencial teórico estudado, foi percebido que as memórias individuais da procissão fazem parte de um conjunto de memórias coletivas que transitam e se identificam entre si. Na maior parte das vezes são memórias nostálgicas, pessoalmente boas, “memórias felizes” de fé, encontro, celebração, música, lazer, passeio, festa, amizade, família, orgulho, reconhecimento, identidade, dentre outros aspectos que podem ser relacionados ao espaço, o Bairro do Porto. Conforme a citação acima, foram essas as atribuições de lembranças dos nossos sujeitos, a memória feliz é mais enfatizada que a memória do esquecimento da Festa de Navegantes, mesmo que esta última tenha sua emoção peculiar, de perda, mágoa.

A memória e a identidade se concentram em lugares, considerados lugares privilegiados, que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo (CANDAU, 2011, p. 156). O Bairro do Porto de Pelotas é o lugar da antiga Procissão de Navegantes. Conforme já visto, um lugar de presença operária, de trabalhadores ligados de alguma forma ao porto da cidade. Sobre a noção de espaço, pode-se citar Sayad (2000, p. 12), que afirma que qualquer espaço é, por definição, um espaço nostálgico, um lugar aberto para todas as nostalgias, carregado de afetividade:

Se existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo de si mesmo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é por que se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional e até mesmo apaixonadamente distinto (SAYAD, 2000, p.12).

As memórias de Navegantes, expressas neste capítulo, são apaixonadas, emotivas. O espaço carrega as memórias da fé, mas há um contexto de trabalho, família, escola, amigos presente nos depoimentos. O espaço físico também é um

espaço imaginado, um território, e por território podemos entender um lugar em que a etnia se desenvolve (GIL FILHO; CORREA GIL, 2001). Compreendendo que neste território há vários grupos, há então uma unidade que o contexto permite, esta unidade se dá neste território de união, que é mais que um lugar, é também uma área imaginada no contexto das emoções. Pode-se salientar neste contexto de emoções que, em razão da “força” das boas memórias encontradas nos depoimentos orais, da emoção que carrega o bairro do Porto para os depoentes, o que foi a motivação principal deste trabalho, o deslocamento da Imagem de Navegantes e a descaracterização da Festa de Navegantes, acabaram se tornando algo quase secundário, tal a imagem, o imaginário, a riqueza das memórias sintetizadas pelos depoentes.

A segunda parte do capítulo trará os dados da pesquisa realizada com base na metodologia da história oral, realizada com antigos participantes da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes e um eclesiástico, que envolviam suas vidas, seu trabalho, sua fé nas festividades no passado, quando a festa ocorria no Bairro do Porto. As entrevistas foram realizadas entre os meses de julho e setembro do ano de 2011. Foi utilizado como material de apoio o roteiro de entrevista, prancha para notas de expressão de depoentes e gravador digital.

O uso da história oral como principal aporte metodológico da pesquisa baseou-se principalmente em Pollak (1989). Este autor coloca que diferentes referências de nossa memória podem descrever indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo. Este grupo, uma unidade em contexto étnico, ou os antigos moradores do Bairro do Porto de Pelotas, devotos e participantes da Festa de Navegantes pode ser considerado os “excluídos”, os que foram deixados à parte na história do evento religioso. Literalmente, pode-se afirmar que esta comunidade, este grupo foi deixado “à margem” da Procissão de Navegantes de Pelotas, perderam a Festa que eles mesmos constituíram ao longo de décadas. A história oral ressalta a importância das “memórias subterrâneas”, aquelas comuns a um determinado grupo, aquelas que estão praticamente esquecidas (POLLAK, 1989, p. 03).

Bourdieu (2006, p. 184) afirma que o entrevistador e o entrevistado preocupam-se em dar sentido, em serem coerentes com relação ao objeto pesquisado. Refletindo sobre a afirmação, os depoimentos da pesquisa sobre a

antiga Procissão de Navegantes foram confrontados dentre eles e com o contexto histórico vigente, tendo como referente histórico principal os periódicos e documentos da época. França (2006, p. 13) enfatiza que a história oral pode afirmar uma problemática histórica ou a desmascarar. Nesta pesquisa, pode-se afirmar que o método da história oral contribuiu para a modificação do modo de pesquisar, no que se referiu à necessidade de confrontar as informações dos relatos com fontes históricas. Desta forma, considera-se o método utilizado adequado para o alcance dos objetivos propostos, como pode ser verificado abaixo.

### **3.1 O “milagre” da Festa religiosa é a memória coletiva que sobrevive**

Conforme já destacado, o lugar de festa, de procissão, é um lugar de vivências, experiências, relacionamentos, um território da unidade em contexto étnico. Quando estes eventos têm a fé como objetivo principal, fica evidenciado o papel místico, íntimo entre o divino e o humano, um tempo pessoal que é compartilhado com o coletivo. Estes momentos, por seu caráter agregador da experiência humana e divina, podem permitir que a memória seja tornada como “inesquecível”.

Toma-se por referência, portanto, que as memórias da antiga Festa de Navegantes do Porto de Pelotas foram perpetuadas através da fala dos que participaram dela, principalmente pelo impacto positivo delas em sua vida, em sua história, seu cotidiano, seu território. Os relatos apresentam diferentes pontos de referência. De acordo com Halbwachs, citado por Pollak (1989, p. 03), são estes pontos de referência de nossa memória individual que a inserem na coletividade a que pertencemos. Cada relato sobre a Festa de Navegantes possui sua especificidade, seu foco, seu interesse pessoal, sua memória mais sensível em determinado ponto, porém todas conduzem a um evento único em dimensões, diversidade de grupos sociais, capacidade de agregar a sociedade, e a mais destacada: o milagre, a fé da comunidade do Bairro do Porto de Pelotas em Nossa Senhora dos Navegantes.

Del Priore (2000, p. 64) coloca que o “milagre” da festa religiosa é a memória coletiva que sobrevive, a memória que permanece dos acontecimentos sobre a mesma. São boas memórias diferenciadas, de partilhas que cotidianamente não se

vivência, do divino, do sagrado, mas também do profano. Esta autora afirma que não só de boas memórias é constituída a lembrança de uma festa religiosa, de uma procissão. Uma festa religiosa também pode servir de espaço para um acerto de contas, brigas, desencontros, dentre outros atritos. O que deve ser salientado é a ausência destas memórias tidas como “negativas” nos depoimentos sobre a Festa de Navegantes. Esse tipo de memória é verificado nos relatos que referem-se ao deslocamento da Imagem de Navegantes e descaracterização da Festa. Este fato foi sensibilizador para a pesquisadora, sendo capaz de modificar os rumos da pesquisa, em termos de referencial teórico e resultados.

As memórias dos depoentes são singularidades, representáveis da cultura da Festa de Navegantes demonstram o valor aferido ao momento e seus significados são distintivos e dão coerência às suas ações. Estas singularidades dão forma à unidade do contexto étnico que constitui a memória coletiva do grupo de devotos do estudo.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva é formada por várias memórias individuais. A pesquisa do autor, que enfoca a sociedade, o homem social, as questões éticas, relaciona-se com o estudo de caso da Festa de Navegantes. A partir do estudo sociológico da vida cotidiana, a memória coletiva significa a interpretação compreensiva da realidade, uma análise causal da memória. Este autor evoca o depoimento, dá significância à memória coletiva através dele. Halbwachs (1990) coloca que o depoimento não tem sentido se não em relação ao grupo de que faz parte o depoente, que somos o que lembramos.

A Memória Coletiva pressupõe um acontecimento real vivido em comum. Halbwachs (1990) enfatiza que nada seríamos se não fizéssemos parte de uma comunidade afetiva. De acordo com ele, a memória individual existe, mas está enraizada dentro dos quadros diversos que a coletividade coloca. As lembranças se formam a partir das molduras sociais, se formam a partir de meu trabalho, minha família, minha comunidade, meu meio social (Halbwachs, 1976). Portanto, não é o passado que sobrevive, mas a reconstrução que se faz dele. Sobre a questão ética, o autor resume no “sonho da realidade”, no qual não podemos pensar em nada, não podemos pensar em nós mesmos, mas pelos outros e para os outros. Um homem que lembra sozinho daquilo que os outros não lembram é como alguém que vê o que os outros não veem.

Desta forma, na realidade, nunca estamos sós, pois as ideias e ensinamentos que adquirimos durante a vida nos são transmitidos por outras pessoas, direta ou indiretamente. Os saberes não nos abandonam, foram transmitidos por outros, então a importância do “outro” em nossas vidas. Quando não temos testemunhas de nossa memória sentimo-nos incapazes de reconstruí-la. Pode ser observado, de acordo com os depoimentos das memórias da antiga Festa de Navegantes, que as memórias estão ligadas sempre a determinado grupo com o qual o depoente relacionava-se: a família, a escola, a associação religiosa, o trabalho, dentre outros.

Seguindo esta lógica, com o passar dos anos, memória coletiva, identidade, costumes, usos, podem se dissipar, por não haver os meios de transmissão da memória (NORA, 1984). Pode-se chamar de diluição dos meios de memória. Nora (1984) chama de lugares de memória os locais que têm função de símbolos, criados para que a memória ali esteja e possa ser cultuada. Este pode ser idealizado ou não, conforme a circunstância. Para que um lugar seja chamado de lugar de memória, deve estar permeado por significados, afecções de um determinado coletivo. Nos depoimentos, tanto a Festa de Navegantes quanto o Bairro do Porto e seus equipamentos urbanos foram rememorados e descritos com carinho, uma festa sua, um lugar seu.

Toda a celebração, ritual, evento que ocorre em um local, passa a ser importante para aquele indivíduo ou coletivo. Pode se chamar de “sacralização” do lugar, ao passo que este passa a ter importância ímpar, por isso lugar de memória, um território (GIL FILHO; CORREA GIL, 2001, p. 51) da unidade em contexto étnico. A seguir, estão depoimentos da antiga Festa de Navegantes. Conforme a fala de cada depoente, será feito breve relato sobre sua história, sua participação, sua relação com o evento religioso, para melhor compreensão do contexto.

### **3.2 “Um tempo mítico primordial tornado presente”: as Antigas Memórias de Navegantes**

De acordo com Del Priore (2000, p. 17), muitas vezes a festa religiosa no tempo do império no Brasil não representava os ideais, os credos da população, mas na maior parte das vezes era algo imposto, arbitrado. A pesquisa de depoimentos relacionados à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas pôde verificar

que mesmo algo “criado”, “inventado” como este evento religioso teve a aceitação e o apoio da comunidade de Pelotas.

À medida que o homem muda, muda também o mundo do senso comum, pois ele é visto agora como uma forma parcial de uma realidade mais ampla, que o corrige e o completa (GEERTZ, 1989, p. 139). Mesmo com o passar dos anos, com a mudança do senso comum, do tempo e dos homens, conforme citado acima, os relatos estudados fazem referência à grandiosidade, à magnitude, à graça, à fé expressas pela antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes no Porto de Pelotas.

“Na primeira festa em 1932 veio pela primeira vez em Pelotas um Rebocador da Marinha e depois somente em 1958, quando eu assumi. O povo foi em massa! A procissão saía pela porta da frente, pegava a Gomes Carneiro até a Barroso. Seguia pela Barroso até a Benjamin Constant. Então descia pela Benjamin até o Cais do Porto. Embarcava, dava uma volta grande (...) Os donos dos barcos, as famílias dos donos dos barcos. Deprecs então, tinha sete unidades de Deprecs, mas sempre tinha mais umas três ou quatro ou cinco que acompanhavam. Então eu sei que na Benjamin Constant era a maior festa. Ia a banda de música, ia as filhas de Maria. As filhas de Maria iam como convidadas especiais por que elas tinham que se vestir de branco e com a fita azul. Naquele tempo as filhas de Maria eram moças muito mais jovens do que hoje, iam todas embarcar, uniformizadas para viajar. E tinha tantas, enchiam atrás do padre! Acho que nem todas eram filhas de Maria por que vinham tantas! Acho que só botavam a roupa. E o Capitão do Porto ia sempre na lancha da capitania, e comandava tudo. E os outros todos embarcavam nos rebocadores, um que sempre ia era o chamado José Bonifácio. E tinha outros nomes, o Santa Catarina, vários rebocadores” (Padre Olavo Gasperin<sup>43</sup>, 81 anos).

O depoimento do Padre Olavo Gasperin demonstra a grandiosidade e a solenidade representada pela Festa de Navegantes de 1958 (da qual ele mais lembrou no relato, pois foi a sua primeira como pároco da Igreja do Porto). Cita o Capitão dos Portos da época, Enio Moura do Valle, o rebocador da Marinha, para dar a referência de opulência ao evento. As informações de seu depoimento conferem na íntegra com os dados expostos no Primeiro Livro Tombo da Paróquia (1912), algumas vezes fazendo o uso das mesmas palavras. Deve-se lembrar de

---

<sup>43</sup> Conforme já dito, o Pe. Olavo Gasperin é o sucessor do Pe. Chierichetti como pároco da Igreja do Porto. Ele consegue manter a Festa de Navegantes sem descaracterizações por quatro anos, até o ano de 1963. Seu paroquiato foi até o ano de 1970, quando há a lacuna na realização da Festa de Navegantes, descrita no Capítulo 2. Atualmente é pároco em Arroio Grande – RS.

que o depoente defende e faz referências elogiosas à procissão da qual esteve à frente, como orientador espiritual, pároco responsável. Seria difícil encontrar críticas por parte do mesmo. Porém, o Diário Popular do ano de 1958 (Capítulo 2) confirma a forte participação popular, de associações religiosas e da imponente presença do Rebocador Tridente da Marinha de Guerra participando da Festa de Navegantes em Pelotas naquele ano.

“A Nossa Senhora dos Navegantes sempre esteve muito presente na nossa igreja, tanto que ela é considerada padroeira. Era a maior festa da Igreja do Porto, era maior que a Festa do coração de Jesus! Nem tinha festa do Sagrado Coração de Jesus naquele tempo. A devoção é imensa aqui no porto. A Festa sempre foi nossa, da Igreja do Porto” (Sr. Victor Hugo Pencarinha<sup>44</sup>, Presidente do Apostolado de Oração da Paróquia do Porto).

O comentário do Sr. Victor enfatiza Nossa Senhora dos Navegantes, considerada a padroeira da Igreja do Porto, ícone de grande fé por parte dos moradores do bairro. Compara a Festa de Navegantes a outras realizadas pela paróquia, colocando que a festa mariana era indiscutivelmente maior que qualquer outra, incluindo a semana Santa. A questão da posse, do possuir a procissão também fica evidenciada no depoimento – “*A Festa sempre foi nossa!*” – remetendo a uma questão identitária, e ao mesmo tempo a um desabafo de injustiça, pelo fato de a Igreja do Porto não participar mais ativamente das festividades.

Nas figuras 25 e 26 pode ser verificada em algumas fotografias da época a grandiosidade do evento através da multidão embarcada e no píer do porto de Pelotas em uma das Festas de Nossa Senhora dos Navegantes do começo do século XX. Nenhuma das fotografias encontradas mostra a Imagem de Navegantes embarcada no brigue-miniatura, apenas embarcações de fiéis e oficiais. O ano das fotografias não foi identificado, mas pode-se perceber que a paisagem ao fundo da imagem conta com algumas edificações. A Figura 25 apresenta um barco abarrotado de fiéis na procissão fluvial de Navegantes. Ao fundo, aparece na imagem o antigo Moinho Pelotense, construído em 1928, filial do Moinho Rio Grandense, que funcionava em Porto Alegre (que pode ser localizado no mapa do Apêndice A, para

<sup>44</sup> Conforme já colocado, Victor Hugo Pencarinha foi entrevistado por sua posição como Presidente do Apostolado de Oração da Igreja do Porto. Ele não se encontra na faixa etária dentre os entrevistados que viveram a Festa de Navegantes, mas foi testemunha de muitos depoimentos de paroquianos (a) sobre a Festa.

identificação do lugar que estava passando a embarcação no momento da foto). O nome do “Moinho Rio Grandense S./A.” consta na Figura 14 (Capítulo 1), na relação de festeiros da décima primeira Procissão de Navegantes de Pelotas, 1942. Aparecem também algumas instalações do Porto de Pelotas. Não é possível identificar o nome da embarcação nem o gênero predominante dos fiéis embarcados. A bandeira do Brasil está hasteada na embarcação, que se encontra neste momento no percurso de volta da procissão fluvial, encaminhando-se para o desembarque, onde se realizava a missa da Festa de Navegantes, a Praça Domingos Rodrigues.



Figura 25: Fotografia da antiga procissão fluvial de Navegantes, ao fundo Moinho Pelotense.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os rebocadores enchiam de gente, e tinha mais barcos particulares. Ia pelo canal até antes de chegar no sangradouro, dava a volta, e encontrávamos e víamos toda a base do São Gonçalo, de um lado e de outro, assim de gente, um foguetório, um foguetório. E na volta então desembarcava-se no largo da alfândega, voltado-se para os armazéns do Porto, é que o Bispo rezava a missa, umas cinco da tarde. A gente chegava tarde em casa, terminava tarde (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

O depoimento acima está diretamente relacionado às Figuras 25 e 26, pois enfatiza a multidão que participava da procissão fluvial de Navegantes em barcos particulares, nos rebocadores, e às margens do São Gonçalo. Faz menção também ao percurso feito pela procissão fluvial de Navegantes e à solenidade da missa de encerramento do evento, celebrada pelo bispo de Pelotas. O trajeto da procissão terrestre e fluvial da antiga Festa de Navegantes pode ser verificado nos Apêndices A e B. Ao final do depoimento, o depoente ressalta que a festa também era cansativa (imagina-se que principalmente para os clérigos envolvidos no evento, os quais tinham que cumprir protocolos oficiais, bênçãos, ritos e celebrações, durante o decorrer de todo o dia de Navegantes), ao falar que chegava tarde a casa.

No detalhe da Figura 26, aparece a lancha Santa Catarina, devotos de Navegantes no cais do porto e embarcados, a maioria do gênero masculino. As vestimentas dos homens observadas são sociais, terno e gravata, camisas, casacos, chapéus, mesmo sob o calor do começo do mês de fevereiro. Abaixo da imagem, observa-se uma moça negra vestindo roupa clara e um véu na cabeça, provavelmente uma Rosarista da comunidade Sagrado Coração de Jesus participando da festa de Navegantes. Sobre a presença feminina, o depoimento do Padre Olavo afirma que as integrantes da Associação das Filhas de Maria<sup>45</sup> eram obrigadas a participar da Festa de Navegantes, devidamente paramentadas, com roupas brancas e véu na cabeça. Enfatiza-se a desconfiança do Padre em depoimento acima, de que nem todas seriam de fato Filhas de Maria, o que nos remete a uma condição das moças de assumir uma falsa identidade de “Filha de Maria” apenas para participar da Procissão de Navegantes<sup>46</sup>. Pode-se constatar que havia um “interesse” em assumir uma identidade religiosa para participar do grande dia de Festa. Presume-se que o grande interesse era “viajar” ou “passear” nas embarcações sem precisar pagar pelo transporte, já que as integrantes das associações eram obrigadas a participar de toda a festa, conforme depoimento abaixo.

---

<sup>45</sup> A Pia União das Filhas de Maria teve sua origem da Ordem dos Cônegos regulares. No princípio do século XII, o beato Pedro de Honestis, cônego regular, instituiu na igreja de Santa Maria do Porto, em Ravena, a Pia União dos Filhos e Filhas de Maria, que, além da santa medalha pendente do pescoço, traziam à cintura uma faixa azul. No século XIX a tradição foi reanimada na França, nas escolas de irmãs de caridade e posteriormente propagada por sacerdotes na Itália, em paróquias e escolas de meninas (SILVA, 2007, p. 83).

<sup>46</sup> Existe uma disposição adquirida “em função de se pertencer a determinado grupo social”, ou etnia (SPINK, 1993, p. 305).



Figura 26: Lancha Santa Catarina na antiga festa de Navegantes no Porto de Pelotas.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

“Na época eu era das Filhas de Maria. Nós tínhamos que ficar o dia inteiro lá de branco com a fita no pescoço. As pessoas tinham uma devoção, mas bah, acompanhavam, iam cantando, vê que levavam no andor né, naquele calor, a pé. Hoje tu não vê isso. Em Guadalupe mesmo, as pessoas comem, bebem, fazem tudo na hora da missa. Em Navegantes não era assim! (Sra. Verônica Jardim<sup>47</sup>, 67 anos).

O depoimento acima menciona a obrigação, o sacrifício das Filhas de Maria de participarem da Festa de Navegantes devidamente paramentadas “o dia inteiro”. A depoente admira-se ainda hoje ao recordar-se da fé dos devotos de Navegantes, das canções entoadas na Festa, do sacrifício de aguentar o calor do verão, conduzindo a pé o andor da Virgem Maria. Salienta que hoje em dia não existem manifestações de fé como aquela a que se assistia em Pelotas. A depoente compara a fé das pessoas em Nossa Senhora dos Navegantes e em Nossa Senhora

<sup>47</sup> A Senhora Verônica, além de ter sido uma Filha de Maria, atuando na Festa de Navegantes através desta associação religiosa, tinha um irmão (falecido) que trabalhava no Deprec (Departamento Estadual de Portos Rios e Canais) em Pelotas. Ela ajudava o irmão nas atividades de logística da festa, como redigir cartas à polícia, à prefeitura municipal, informando e solicitando apoio para o evento religioso. Há uma nostalgia na fala, pois a antiga Festa de Navegantes a traz as memórias do falecido irmão.

de Guadalupe. A comparação é feita pois existe em Pelotas anualmente a Romaria de Nossa Senhora de Guadalupe, festa religiosa com procissão terrestre, na qual os romeiros caminham cerca de 25km até o Santuário da Virgem, idealizado em 1985, entregue à comunidade em 2008, construído na zona rural de Pelotas. Há no depoimento saudade, mágoa, desapontamento por não ter mais a Festa de Navegantes no Bairro do Porto, como ela era. Como atualmente a Festa de Guadalupe é o maior evento mariano que acontece anualmente na cidade, fica evidente a comparação. A devoção em Nossa Senhora de Guadalupe será um dos temas do Capítulo 04.

### **3.2.1. “Tudo enfeitado” – Ornamentação da Festa**

Conforme depoimentos, nos dias que antecediam a Festa de Navegantes as casas das ruas principais do Bairro do Porto, por onde a Imagem da Santa percorria em procissão eram adornadas com flores, imagens da Santa e fitas azuis e brancas. Em alguns desses depoimentos foi dito que as ruas também recebiam enfeites de ramos, com a vegetação disposta em forma de arco, para a Imagem de Navegantes atravessar. Esta prática, de acordo com Del Priore (2000, p. 38) era recorrente em Festas de antigamente. As casas eram caiadas e as portas e janelas ornadas.

“Os barcos os donos mesmo enfeitavam, e outros vinham da Colônia Z-3 todos enfeitadinhos de bandeirinha já. Cheios. Dos nossos tinha os lates, saia tudo daqui enfeitado. Então os da Colônia Z-3 já estavam esperando, vinham acompanhando depois davam volta (Sra. Neusa Lima<sup>48</sup>, 91 anos).

O depoimento acima enfatiza os enfeites das embarcações que participavam da procissão fluvial. A decoração era feita pelos proprietários dos barcos. Existia anualmente a competição de ornamentação de embarcações na procissão, publicada em antigos periódicos, com premiação para as três primeiras colocações, algo que incentivava a participação e a criatividade na decoração. Há um referente no depoimento da Sra. Neusa que faz menção às “nossas” embarcações – os lates

---

<sup>48</sup> A Sra. Neusa Lima era estudante do Santa Philomena, escola para moças situado defronte à Igreja do Porto, onde ensinavam as prendas do lar. Na mocidade, trabalhou no antigo Café Carpena, que ficava defronte à Capitania dos Portos, só saiu do emprego para se casar. As memórias da Sra. Neusa relacionam-se com a escola, o casamento e o trabalho.

– e as dos “outros”, da Colônia de Pescadores, que também enfeitavam os seus barcos, demonstrando com sutileza que existia uma separação entre o “eu” e o “eles”, talvez pela situação de ter perdido a Festa de Navegantes para aquela comunidade.

“De tarde é que saia a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes até o canal, com banda acompanhando o tempo todo a Santa. Embarcava, voltava. Na ida Ela não parava, na volta ela vinha parando, parava na Capitania dos Portos, da família Zunino, que deu o barco<sup>49</sup>, ali em frente ela parava, viravam a imagem, quem estava carregando, devia ser muito lindo, viravam a imagem, tudo aberto, parava o dia para a festa, ornamentado com flores e fitas para recepcionar a Santa. A mãe diz que era foguete, era buzina de navio, as fábricas apitando, para a passagem da Santa, que era a padroeira do porto né. Parava em frente do local que seria a homenagem e aí o padre dava a bênção naquele lugar. Então era tudo que é casa comercial parando para receber a bênção, devia ser lindo de ver. Eles virando a Santa, erguendo o andor, uma saudação, aquilo tudo. Isso até a Igreja. Quando chegava a época da festa de Nossa Senhora dos Navegantes os estivadores iam lá do outro lado do canal e traziam umas folhas grandes que tinha lá, parecia folha de bananeira, mas não é, aquilo eles emendavam, eles mesmos faziam, e faziam arcos na rua, em toda a Benjamim, que era onde Ela passava, e na Alberto Rosa, faziam aqueles arcos assim, os estivadores. Tu imagina, homem fazer isso? Eles eram muito devotos dela, dia 2 era um dia sagrado, meu Deus, era um dia de Piedade em Pelotas” (Sr. Victor Hugo Pencarinha, Presidente do Apostolado de oração da Paróquia do Porto).

O Sr. Victor destaca, como já dito antes, a presença permanente da banda, o que nos leva a entender um dos componentes importantes de envolvimento no processo étnico que se instaurava, a música (MAIA, 2001). Um lugar em que a Santa fazia homenagem era a Capitania dos Portos. Ali a procissão terrestre com o andor da Imagem de Navegantes “parava” e o padre proferia uma bênção especial (ver localização em Apêndice A). A Capitania era o principal apoiador da festa, sem ela a festa não podia realizar-se. Os marinheiros (de patentes baixas a altas) participavam oficialmente da festa. Destaca o depoente a presença efetiva dos estivadores, marcada por ornamentações (“umas folhas grandes”). As casas comerciais (que atuavam economicamente para a realização) eram saudadas pela Santa no cortejo, caracterizando outro grupo instaurador da unidade.

---

<sup>49</sup> Referindo-se ao brigue-miniatura.

O envolvimento naquele contexto de outros se fazia sentir pela agitação demonstrada pela sonoridade realizada durante a passagem da Santa (“foguete, buzina de navio, apitos de fábricas<sup>50</sup>”). O processo festivo é marcado por uma ritualização com um ponto de clímax que poderia ser a “benção” do padre que conduzia o cortejo. Considera o depoente como um momento vital para a e destaca a felicidade que se passava na cidade, “um dia de piedade”, emoção que se repete nos relatos que se seguem. Mas seu destaque maior se dá sobre a presença da estiva e sua alteração de hábito, pois chega a questionar homens (e podemos dizer rudes pelo trabalho muscular que executavam) fazendo ornamentações (coisa normalmente ligada ao gênero feminino).

Sobre ornamentação, o Primeiro Livro Tombo (1912, p. 89) menciona em 1959 o concurso de ornamentação de embarcações para a Festa de Navegantes. Dentre os jurados do concurso, havia um representante do Prefeito Municipal, da Câmara de Vereadores, o Coronel da Brigada Militar e o Capitão dos Portos. Salienta-se que essa comissão de júri composta por autoridades civis e militares evoca o que pode se chamar de “importância social” da Festa de Navegantes na cidade. Todos estes personagens, que em outros momentos cumprem funções muito distintas, naquele se transfiguravam em personagens importantes para a festa, mesmo que buscando uma invisibilidade, são trabalhadores na festa e não festeiros, possíveis de serem percebidos nos documentos existentes.

O concurso de ornamentação de embarcações para a Festa de Navegantes era divulgado também pelos periódicos da época como uma das atrações do evento, algo que fazia maior o espetáculo da procissão. As premiações para os vencedores incentivavam a participação de embarcações. A Figura 27 mostra pequenos barcos cheios de fiéis, adornados, participando da procissão fluvial de Navegantes. Podem ser verificadas na imagem quatro embarcações, a maior delas repleta de bandeirinhas, provavelmente em cores azul e branca.

---

<sup>50</sup> De acordo com Essinger (2009, p. 160), era comum as fábricas do Bairro do Porto acionarem o apito utilizado para demarcar horários de começar o trabalho, almoçar ou descansar dos funcionários em acontecimentos solenes, por exemplo, na noite de 31 de dezembro.



Figura 27: Barcos adornados na festa de Navegantes no Porto de Pelotas.  
Fonte: Acervo pessoal da autora

A Figura 28 é possivelmente a fotografia de uma lancha de oficiais, trabalhando uniformizados na Festa de Navegantes. Ao fundo da fotografia, uma embarcação menor, decorada com bandeiras que parecem ser do Brasil, conduz alguns participantes da festa na procissão fluvial. Percebe-se a ausência de enfeites no barco dos oficiais, por estarem possivelmente a trabalho, porém ao mesmo tempo nota-se a presença de uma criança e uma mulher na lancha dos oficiais, demonstrando a presença da família na Festa de Navegantes, mesmo no contexto de trabalho. Há uma diversidade de grupos que separadamente atuavam durante o ano e se reuniam neste contexto étnico específico, em funções diferentes, mas todos aplicados para que o fato da unidade acontecesse. As idades são variadas, além das origens e todos tinham uma forma de atuação na festa, em muitos casos seu envolvimento era visível e destacado pela transformação física que faziam para se fazer representar por suas vestimentas.



Figura 28: Lancha de oficiais na festa de Nossa Senhora dos Navegantes.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

### 3.2.2. Dia de Festa, vestimenta especial, fantasia

Pessoas de todas as classes sociais participavam da Festa, famílias inteiras, dos mais abastados, que costumavam financiar o evento, como festeiros, aos mais humildes. Na maior parte das falas dos depoentes aparecem as crianças, vestidas de anjo, como protagonistas da Festa. São algumas particularidades relacionadas à linguagem destes fiéis, caracterizados por indumentárias típicas da unidade em contexto étnico, valores aferidos pelos devotos à Festa de Navegantes.

Cabia muita gente. Era um perigo por que era estreito, o pobre do marinheiro fazia um esforço enorme e o povo sujava a linda farda de dia de festa (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

No depoimento acima, o Pe. Olavo refere-se à Festa de Navegantes do ano de 1958, quando as pessoas amontoavam-se para entrar na grande embarcação da Marinha de Guerra que conduzia a Imagem de Navegantes. A “*linda farda de dia de festa*” daquela época pode ser semelhante à que vemos na Figura 28, acima disposta. A maneira com que o depoente se refere ao “pobre do marinheiro” pode

ser entendida como o excesso de trabalho dos oficiais com relação à segurança dos fiéis no embarque, percurso e desembarque, durante a Festa de Navegantes.

“Naquela época as pessoas iam por devoção, por fé. Estavam ali por que tinham devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, acompanhavam por devoção. Tanto que as mães vestiam os filhos de anjos, ou de Nossa Senhora, a família toda ia. Tudo que é gente, mas mais o povo, os mais humildes que iam” (Sra. Verônica Jardim, 67 anos).

É novamente ressaltada, no depoimento acima, a fé dos devotos de Navegantes, a depoente afirma que quem participava era por devoção, que não havia motivação maior que essa. O relato faz menção às vestimentas confeccionadas para as crianças (ou de anjo ou de Virgem Maria) para enfatizar a colocação anterior, sobre a intensa devoção. É falado também sobre a participação das famílias de Pelotas, principalmente as classes sociais desfavorecidas, provavelmente famílias do Bairro do Porto, confirmando que a Procissão de Navegantes era uma festa popular. Porém se sabe que a Festa compreendia também famílias abastadas, importantes comerciantes, autoridades, financiadores do evento, dentre outros. Sobre a participação de crianças, Del Priore (2000, p. 73) lembra que na festa “a infância é espectadora dos festejos, mas neles entra também como protagonista”. A autora destaca também que a tradição de inserir crianças em destaque nas festas religiosas é dos Jesuítas. Estes vestiam órfãos portugueses de anjos e os colocavam a tocar instrumentos a fim de angariar recursos para as obras. “As crianças nas suas pueris qualidades eram ouvidas por Deus; sua inocência encobria o pecado dos adultos” (DEL PRIORE, 2000, p. 75).

“Era uma festa muito linda, não tem igual. As crianças vestidas de anjos, uma multidão! Era pobre, rico, um povo! À noite tinha fogos, e era tão lindo, na época não tinha nada disso, mas na festa tinha. Nós embarcamos uma vez, no vapor, era um vaporzinho da Família Lorea. Tinha o pau encebado também, tinha orquestras, atrações, era uma grande festa de dia e de noite. Eles botavam luzes na praça para a festa, ficava lindo” (Sra. Glória Zunino<sup>51</sup>, 85 anos)

---

<sup>51</sup> A Sra. Glória é uma importante depoente. Seu tio, Natálio Zunino foi quem mandou confeccionar o brigue-miniatura São Francisco para a Festa de Navegantes. A família era uma das que patrocinava a Festa, como pode ser visto nos *souvenirs*.

A depoente acima fala da beleza dos fogos, das luzes na praça, da estética da Festa de Navegantes. Fala também sobre a multidão e a diversidade de classes que participavam, durante o dia inteiro, até a noite com atrações, música, brincadeiras. O relato fala também das crianças ornadas para a festa. É possível depreender deste depoimento a amplitude que tomava a procissão, ou seja, além da procissão, era realmente uma festa, e neste sentido a participação da cidade era efetiva, acontecendo em um território específico, sendo possível verificar então uma multiplicação das razões para sua realização. São variadas as atividades que cada grupo tem na festa e há um destaque para a juventude.

### **3.2.3. Juventude, vida e fé**

A juventude era atuante na Festa de Navegantes através da participação de escolas, confrarias e associações. No Primeiro Livro Tombo (1912) e periódicos é mencionada a presença da juventude feminina, as moças solteiras. Uniformizadas, cantando afinadas, elas eram assíduas na Festa, obrigadas a participarem, por isso permanecem na memória dos depoentes como importantes integrantes do contexto. Naquela época, dividiam-se os grupos entre brancos e negros. As irmandades de negros, como confraria do Rosário e de São Benedito, eram comuns e atuantes nas festas católicas deste o império no Brasil (DEL PRIORE, 2000, p. 101).

No depoimento abaixo, da Sra. Neusa Lima, foi possível perceber o quanto a Festa de Navegantes era constituída por diferentes grupos, mas que está, ainda hoje, presente na vida dos depoentes, de suas memórias individuais. Destacam-se nas memórias relativas à Festa de Navegantes os encontros, casamento, trabalho, nascimento de filhos, escola e sobre a participação das moças na Festa de Navegantes.

“Ela saía da igreja, ia pela Benjamin Constant, ia até o Porto, embarcava, já tava todos barcos esperando, era uma quantidade de barcos. Eu embarcava também, eu era do Colégio Santa Philomena, estudei ali né. O que eu sei eu aprendi ali, sei fazer tricô, sei fazer crochê, sei costurar, tudo eu aprendi ali. Tinha sete anos quando entrei no colégio, era 1930 acho, eu sou de 1922. Saí de lá com 15 anos. Eu tive uma vida muito sacrificada, perdi o pai cedo, depois minha mãe casou de novo, veio mais filhos, passei bastante coisa [...] Que participava da festa no meu tempo era as Filhas de Maria, e tinha as Rosaristas. As Rosaristas era só moças de cor. Tu sabia disso? E as Filhas de Maria era só brancas, não misturava as cor na igreja.

As Rosaristas eram católicas de N. S. do Rosário, e as Filhas de Maria, que eram as brancas. Ficava assim, na entrada da igreja, no lado esquerdo as filhas de Maria e no lado direito as Rosaristas nos bancos da frente, não misturava né. Todas as meninas do Colégio Santa Philomena iam na procissão, vinha barco de tudo que é lugar, da Colônia Z-3... naquele tempo o porto tinha um movimento enorme, tu não acredita, morreu tudo” (Sra. Neusa Lima, 91 anos).

Quando questionada sobre a Festa de Navegantes, uma série de memórias de vida veio à tona no depoimento, como se pode ver acima. Era por causa do grupo escolar que a depoente participava da Festa de Navegantes, por isso ela embarcava. É ressaltado no depoimento que a escola teve importância fundamental em sua vida, pois tudo que ela sabe é por ter estudado na escola, e esta relação de memórias está na fala. O sacrifício da vida, a divisão de classes, grupos e raças na igreja, a questão do pertencimento estão no depoimento. Ao final da fala, a depoente coloca que não se pode imaginar o movimento que existia no Porto de Pelotas, e “morreu tudo”, o movimento do Porto, a procissão de Navegantes.

A Festa também pode ser representada como uma oportunidade de encontro destes grupos religiosos, escolas e associações, que está ligada ao pertencimento e à identidade, ao “meu grupo” e ao “delas”. A separação entre brancos e negros destacada evidencia que há uma multiplicidade cultural que se unifica no espaço da festa, mas sem perder seus referentes étnicos. A separação de funções, de ornamentações do lugar ou dos corpos, dos lugares que ocupam no cortejo, não separa a festa, mas a constitui. A diferença unifica a festa em torno de um contexto determinado por um grupo criador e ressignificado por todos os que atuam nele.

Ricoeur (2007, p. 503) resalta neste contexto que é no reconhecimento de si mesmo que culmina, no modo do desejo, o momento reflexivo da memória. O universo diferente dos seus realizadores traz à baila a ideia de que nem todos estavam ali pelas mesmas razões, na busca de mesmo significado, mas tinham no símbolo da Procissão de Nossa Senhora do Navegantes a possibilidade de se reunirem. Estes significados muitas vezes poderiam estar racionalmente separados ou não, mas frequentemente é possível verificar intenções profanas naquele universo do sagrado.

### 3.2.4. O Sagrado e o Profano: Festa, Carnaval e bebedeiras

As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão *dia a dia* ou, mais significativamente, *vida* ou *dura realidade da vida* (DAMATTA, 1997, p. 52).

O autor, que trabalha especificamente nesta obra com o carnaval, expressa a separação latente que existe entre o tempo de festa e o tempo comum, e como as pessoas podem assumir, em tempo de festa, diferentes personalidades, fantasias, identidades que não as pertencem na vida diária. Como no depoimento do Pe. Olavo Gasperin, segundo o qual as moças se diziam Filhas de Maria para poderem participar com destaque na Procissão de Navegantes. Este subcapítulo fala sobre aspectos do sagrado e do profano na Procissão de Navegantes. Porém, como afirma Steil (2001, p. 27) acredita-se que a linha que divide o sagrado do profano é tênue, praticamente não existe, pois o prazer está no corpo, com o intuito sagrado ou não.

Eliade (1992, p. 59) afirma que o tempo para o homem religioso pode ser dividido entre tempo sagrado (onde podem ser inseridas as festas religiosas) e tempo profano, que seria a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso.

... o tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo o tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios” (ELIADE, 1992, p. 59)

A procissão foi concebida como a possibilidade de reviver o tempo sagrado, o tempo das Cruzadas talvez, mas não temos como indicar isso, pois não encontramos um estudo antropológico sobre o mito de origem de Nossa Senhora dos Navegantes, a qual tem seu tempo mítico primordial tornado presente. Esta festa religiosa foi reatualizada no espaço do Porto de Pelotas e como um evento sagrado com um passado mítico, se estabeleceu em Pelotas. O seu significado ritual-sagrado já foi bem expresso nas páginas anteriores, mas também é ressignificado pelos que passaram a participar dela.

Na Festa de Navegantes de Pelotas, havia a “divisão” do evento em missa e procissão, de caráter sagrado, e a festa que se realizava após as celebrações religiosas, de caráter profano. Ambas as tipologias podem ser verificadas nos depoimentos como uma memória viva dos moradores do Porto de Pelotas:

“Se juntava muita gente naquele tempo, ali tinha uma quantidade de butecos de bebida e aquilo ficava assim de gente. Abria e ficava assim!”  
(Sra. Neusa Lima, 91 anos).

“Ia a cidade toda. Era a festa da Cidade organizada pela Paróquia do Porto e pela capitania. O bispo celebrava a missa final, então era uma festa soleníssima. Olha, ia mais gente do que na Semana Santa, pode estar certa. Certas épocas né, por que depois decaiu, depois ficou uma festa pequena, daí sempre ia alguém pagar promessa, mais no sentido devocional, não no sentido turístico de fazer festa apenas né... mais no sentido devocional (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

Nos depoimentos acima está explícito o caráter sagrado e profano da Festa de Navegantes. Os “butecos de bebidas” ficavam cheios, ao passo que era uma festa “soleníssima”, com a presença do bispo na missa final. No depoimento do Pe. Olavo pode-se perceber a sacralidade e santidade da Festa de Navegantes, por contar com a participação do bispo diocesano e ter mais devotos que a Semana Santa. Porém, ainda extraindo a fala do padre, quando a Festa de Navegantes sofre modificações, as pessoas não participam mais, pois não há mais a festa profana, a comemoração, então, só participa neste período quem é devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, pagadores de promessas, fiéis. Portanto, de acordo com a fala, a multidão da antiga festa desvia-se às atrações e a grandiosidade do evento, e não ao principal objetivo a devoção de Navegantes.

O ato de navegar pelas águas do Canal São Gonçalo junto à Procissão dos Navegantes é algo que se pode relacionar com a sacralidade da natureza para o homem religioso. De acordo com Eliade (1992, p. 95), para quem a natureza nunca é exclusivamente natural, está sempre carregada de uma valoração religiosa. Para esse autor, a água, em especial, simboliza a soma universal das virtualidades, o reservatório de todas as possibilidades de existência, precede toda a forma e sustenta toda a criação. (ELIADE, 1992, p. 106).

O caráter sagrado e profano da Festa de Navegantes de Pelotas pode ser verificado nas atividades que envolviam o decorrer do dia. A brincadeira do “Pau de

Sebo” citada em depoimento oral era recorrente na antiga Festa de Navegantes do Porto: “... tinha quermesse a noite ali na pracinha, com comilança de melancia, com venda de tudo que é coisa, até a brincadeira do Pau de sebo” (Sra. Verônica Jardim, 67 anos). A depoente, além de falar sobre o pau-de-sebo, fala sobre a “comilança”, a gula que envolvia o consumo da melancia na festa. Na brincadeira em questão, o mastro era conduzido em procissão e no final da Festa era utilizado para a brincadeira do “Pau de Sebo”. Em outro depoimento, do Padre Olavo, ele descreve que havia a apresentação de Escolas de Samba na noite do dia de Navegantes:

“Sabe que também, depois que a Santa ia embora, não quando eu cheguei, mas antes, continuava a festa na praça da alfândega com as escolas de Samba. Isso que era grande! Alguns se escandalizavam. Mas era tão bom, quem sabe aquele que organizava a festa mais debaixo tivesse a oportunidade de vender coisas, de comércio. Ia toda a família. No meu tempo a Festa terminava com a Procissão, mas antes era bem maior, ia até mais tarde” (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

O depoimento do padre confirma que, em 1958, quando ele assumiu a paróquia, a Festa de Navegantes já não era a mesma, havia diminuído, não havia mais apresentação de Escolas de Samba na noite da procissão. Mas sua fala confirma que no passado havia, e o depoente apoiava a iniciativa, por ser uma festa de famílias, celebração popular, e pelo benefício econômico do comércio durante a festa. O profano e o sagrado nas festas populares não são antagônicos, mas complementares. A experiência do sagrado que se expressa na religião é ontológica, atuando no inconsciente e resultando nas experiências existenciais, da procissão, missas e rituais desenvolvidos na festa. O ato de religar que ela expressa está na solução exemplar para os problemas do vivido e pode no passado ser repetido sempre que acontecia a festa. Sua origem é transcendental, “valorizada como revelação recebida de outro mundo, trans humano, (...) não somente resolve a crise (...)”, mas abre a vida aos “valores que já não são contingentes nem particulares” e atinge o “mundo do espírito” (ELIADE, 1992, p. 101). O profano constitui-se em algo não sacralizado, algo que não serve aos usos sagrados sendo puramente secular, mas que conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo (ELIADE, 1992, p. 101). As atividades comuns e não ritualizadas da festa, como as relações

de lazer são também um atrativo que leva a constituir a unidade no contexto. O ato de beber e de comer estava em certa forma servindo a união religiosa.

### **3.2.5. Comes e bebes: Gastronomia da festa**

Outro fator integrador da festa era a comida. Na Festa de Navegantes os quitutes eram variados. Conforme já colocado, a maioria dos depoimentos faz menção à presença da melancia, e quando questionados sobre o peixe (por se tratar de uma zona portuária), diziam que não havia, ou não recordavam. De acordo com Del Priore (2000, p. 65), o comer e o beber eram fatores que congregavam o povo no Brasil colônia, principalmente por que os alimentos e bebidas eram distribuídos, tradição que se perpetua para a atualidade. Na Festa de Navegantes, os gêneros alimentícios eram comercializados em barracas e não parecem ser, de acordo com as falas, motivos principais para a participação na Festa.

“Aquele mundo de barco que ia tudo enfeitadinho de bandeira, era lindo né. Então a gente ia né. Depois vinha de volta para igreja, depois que a procissão passava de volta, que ia pela Benjamin enchia ali a pracinha, os três lados assim, de banca de salgados, vendiam sanduiche, cachorro, bebida, tudo. E de noite era os fogos” (Sra. Neusa Lima, 91 anos).

A presença das barracas com alimentos à venda era consolidação da ideia de perpetuar a festa por mais tempo. O depoimento da Sra. Neusa não relata a ideia dos doces que são tradicionais em Pelotas, mas faz uma alusão aos alimentos mais contemporâneos como “cachorro” e “sanduiche”, o que não desmerece a imagem. A diversidade dos alimentos oferecidos na procissão é um dos seus atrativos, de acordo com a fala, era o sabor da festa, a memória que faz referência ao paladar. A memória não é pura e sua fala traz do ato de comer e beber depois do ato religioso, o momento profano da celebração.

“Era a maior festa que existia naquela época em Pelotas. Tinha barraquinhas de pescaria, essas coisas de quermesse. Comilança de melancia, pipoca, amendoim, doces” (Sra. Verônica Jardim, 67 anos).

A imagem de ser a festa religiosa maior da época é bastante provável, conforme pode ser visto nas antigas publicações sobre a Festa de Navegantes. A

depoente nos faz ver a proximidade com outros espaços de congregação religiosa, que são as “coisas de quermesse” e enfatiza os doces, tradicionais até hoje em Pelotas.

“Antigamente nessa procissão os comerciantes imigrantes instalavam bancas nas proximidades da praça da alfândega. Vendiam gasosas, pois não existia coca-cola, também vinhos, sardinhas, castanhas, rapaduras. Após o almoço tradicional com peixe ou bacalhau com bebidas, a população voltava para participar da festa, com jogos e competição nas regatas (Sra. Ceni, membro da Confraria do Rosário, 82 anos).

Este último relato escolhido para demonstrar o ato de comer e beber nos traz dados bem plausíveis para a época, como a venda de “gasosas”, “vinhos, sardinhas, castanhas, rapaduras”. Outro relato importante que esta depoente nos fornece é o almoço ofertado ao peixe e bacalhau, típicos da área em questão. Chamou a atenção da depoente esses gêneros alimentícios por sua origem, descendente de imigrantes portugueses. A festa continuava com outras atrações. O grupo de festeiros que abriam seus comércios ou montavam as referidas barracas são um grupo importante para a fixação do lugar do evento, o território da unidade. É forte o indicativo de que a área da Praça da Alfândega era o centro destas relações. A partir deste ponto, via-se no decorrer da festa a evolução de fogos.

### **3.2.6. “Os fogos, ah, os fogos”**

No momento final da antiga Festa de Navegantes do Porto, uma atividade foi citada com ênfase em todos os depoimentos da pesquisa: a queima espetacular de fogos. Os fogos eram anunciados com ênfase em publicações dos periódicos, dias antes da Festa de Navegantes. Pode-se refletir que eles representavam mais do que uma atração do evento religioso, mas uma das motivações principais para a participação, principalmente para os não religiosos, pela magnitude. Os espetáculos pirotécnicos foram algo que ficou arraigado na memória dos moradores, paroquianos e demais entrevistados, como o encerramento de um grande dia de festa.

“No embarque e desembarque na festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no percurso do cais e na praça haviam girândolas de fogos de artifício. Muitos fogos. Como se vê hoje na virada do ano (Sra. Ceni, membro da Confraria do Rosário, 82 anos).

A ideia de festejar a procissão com fogos é bastante popular. Del Priore (2000, p. 38) afirma que a origem dos fogos de artifício é chinesa, onde constituía característica de solenidades sagradas e profanas. A queima de fogos no Brasil tem início no século XVII. É de tradição portuguesa, considerada a atração maior das festas e procissões. Os fogos de artifício costumam ser de origem privada, mas muitas vezes são espetáculos pirotécnicos organizados pela municipalidade ou associações, servindo como um atrativo a mais para os festeiros e mesmo para outros que não participavam de toda a festa, como segue.

“Era um empurra-empurra na procissão, uma massa de gente, um mar de gente, depois ainda tinha as muitas tendas e barracas que vendiam principalmente melancia, na praça da alfândega. A prefeitura até que disciplinava. Todo mundo ia para lá. E nas festas anteriores ainda, antes da Nossa Senhora voltar para a Igreja, tinha queima espetacular de fogos. Para ver a queima de fogos toda a cidade ia pra lá. A maior festa religiosa daquele tempo era a Festa dos Navegantes. O maior número de pessoas, por que era um misto de, assim... nessa festa também os culto afro brasileiros também se aliavam, de alguma maneira. Eles atiravam muitas flores para Nossa Senhora” (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

O depoente enfatiza a multidão e os quitutes gastronômicos da Festa de Navegantes, novamente a melancia aparece nas falas. É colocada a atribuição do setor público, representado pela Prefeitura Municipal, responsável por manter a ordem da multidão. A questão dos fogos está presente neste depoimento, “*toda a cidade ia para lá!*”, demonstrando que o espetáculo agregava a comunidade de forma geral. O depoente fala também aqui sobre os religiosos de matriz africana, importantes nesta festa, como já informamos anteriormente. Os fogos são realmente espetáculos pirotécnicos, cujo apogeu era à noite, servindo para o encerramento.

“E tinha os fogos, aqueles de imagem, de noite que era a festa. A Nossa Senhora dos Navegantes chegava, rezava uma missa ali, com o bispo, com o padre da igreja, no meu tempo era o Chierichetti, depois era os outros padres... As pessoas acompanhavam a Santa até a igreja, mas depois voltavam para ver os fogos. Tudo para assistir os fogos, aquilo ficava ‘assim’ guria [...] Faziam homenagem, paravam na beira do Arroio, soltavam muito foguete, os padres vinham desde ali já rezando né” (Sra. Neusa Lima, 91 anos).

O depoimento menciona a solenidade da missa de encerramento, com a presença do bispo diocesano e o pároco e logo se refere aos fogos. O relato afirma que, após a missa de encerramento, os fiéis levavam a Santa para a Igreja do Porto, depois voltavam para a Praça Domingos Rodrigues para a queima de fogos. Pode ser verificado, de acordo com o mapa de localização, no Apêndice A deste trabalho, que a Matriz do Porto dista cerca de mil metros do local dos fogos de artifício, a Praça Domingos Rodrigues. Para os devotos, que participaram da procissão terrestre e fluvial, das atrações da Festa de Navegantes durante todo o dia da festa, nas altas temperaturas do mês de fevereiro, esta distância poderia ser considerada longa, para ver os fogos de artifício. Isto pode significar que a festa que ocorria ao final do dia era fator agregador popular, um atrativo ímpar da Festa de Navegantes, como fala o depoimento, era imperdível. A seguir, a relação que os depoentes fazem da Festa com a Capitania dos Portos.

### **3.2.7. Navegantes e a Capitania dos Portos**

“Eles embarcavam no barco da Nossa Senhora. Depois é que fizeram a Capitania dos Portos lá na Benjamim [...] Ali onde fizeram a Capitania nova, defronte tinha o Café Carpena, onde eu trabalhei mais de 20 anos, na Benjamin com Álvaro Chaves, defronte era a Capitania dos Portos, agora é uma casa de idosos” (Sra. Neusa Lima, 91 anos).

A Capitania dos Portos participou de todas as antigas Festas de Navegantes de Pelotas. O Capitão dos Portos era responsável, nas primeiras edições do evento, pela logística, segurança, regras, a parte náutica da procissão fluvial. Depois, este profissional foi encarregado como o principal responsável pela Procissão de Navegantes, acima do pároco, dirigindo a comissão que realizava o evento. Os depoentes têm na memória esta relação da Capitania com a antiga Procissão e, durante a pesquisa, fizeram menção ao trabalho, à organização, ao apoio, à dedicação desta instituição. O depoimento acima coloca a localização do antigo prédio da Capitania dos Portos, que se situava próximo ao seu lugar de trabalho, o “Café Carpena”, o que pode ser verificado também no Apêndice A. A depoente funde as memórias da procissão, do local de trabalho e da Capitania, como se tudo fosse parte do mesmo contexto, a sua rotina, sua vida. Conforme já colocado em depoimentos, defronte ao prédio da Capitania dos Portos a procissão terrestre de

Navegantes parava, virava-se o andor da Santa para a edificação e era feita uma bênção especial, depois o cortejo conduzia a imagem de Navegantes até a Matriz (mapa da procissão terrestre no Apêndice A). A bênção na Capitania dos Portos é mencionada abaixo:

Quando desembarcava, a missa acontecia ali no porto mesmo. Ou era na frente da alfândega mesmo ou ali nos armazéns. Depois vinha Ela pela Benjamim, parava na Capitania para abençoar e dali ia pra Igreja (Sra. Verônica Jardim, 67 anos).

Conforme o depoimento acima, a lembrança dos rituais que envolviam a Festa de Navegantes associa-se com a presença e participação da instituição Capitania dos Portos, justificando esta inserção no trabalho. Aparentemente, os depoentes não vinculam as modificações da antiga Festa, a perda, a transferência da Imagem de Navegantes com a administração da Capitania (conforme visto no Capítulo 2, de acordo com periódicos). A descaracterização da antiga festa foi iniciativa da Capitania dos Portos, quando transferida a atribuição da Festa do pároco da Igreja do Porto para o Capitão dos Portos. Há o desconhecimento ou o esquecimento desta informação por parte dos entrevistados, pois a Capitania é memorada com certa afeição, sem mágoas. Essa situação nos remete a Ricoeur (2007, p. 504), já colocado acima, ao falar da dialética do ligar-desligar, da “memória feliz, memória apaziguada, memória reconciliada”, como “figuras da felicidade que nossa memória deseja”.

O prédio da antiga Capitania dos Portos, lembrado nos depoimentos, que hoje funciona como um asilo de idosos, pode ser verificado na Figura 29. Como se pode notar, o estado de conservação da antiga edificação é precário, a exemplo de muitos outros prédios encontrados no Bairro do Porto. Esta é uma mácula deixada pela desaceleração das atividades portuárias, que ocasionou a falência de indústrias e empresas, restando apenas as edificações abandonadas (discussão no Capítulo 4). É um prédio de esquina, em cuja fachada é possível identificar o brasão da República Federativa do Brasil. Sua localização está no mapa do Apêndice A.



Figura 29: Prédio da antiga Capitania dos Portos de Pelotas atualmente.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A capitania (representantes da Marinha), como a Igreja, tinha visões próprias sobre a Procissão, e somavam-se a estas as visões das entidades comerciais envolvidas, que muitas vezes aproximavam-se das da população, mas que com frequência se diferenciavam delas. O universo religioso que busca dar continuidade a pensamentos de um determinado grupo social é fruto de uma força simbólica muitas vezes difícil de ser medida, mas que determina sua existência, as relações econômicas e um universo mais sentimental, que travam naquele lugar-tempo muitas contraposições, o qual, no entanto, também marca o fato.

A unidade em contexto étnico de fé, que é a força deste evento anual, o qual não existe mais nos mesmos moldes, perdeu seu poder de apoiar os valores sociais. A sua capacidade simbólica da representação, com tantos atrativos repletos de tão variados personagens, que no cotidiano se opunham e na festa se uniam, torna-se a memória de algo que não existe mais. O poder sagrado-profano da festa que estava congregado nesta unidade, a festa, não se perpetua, senão na imaginação que os narradores que a vivenciaram nos trazem, visto no discorrer deste capítulo. A antiga

Festa de Navegantes, portanto, está na memória e no imaginário dos que viram este evento religioso de Pelotas.

A força da religião ao apoiar os valores sociais repousa, pois na capacidade dos seus símbolos formularem o mundo no qual esses valores, bem como as forças que se opõem à sua compreensão, são ingredientes fundamentais. Ela representa o poder da imaginação humana de construir uma imagem da realidade (GEERTZ, 1989, p. 148).

Os depoimentos orais, aliados à fundamentação teórica e ao histórico, colocados nos três capítulos anteriores, objetivaram uma leitura da Festa de Navegantes sob a perspectiva técnica de uma festa religiosa na visão dos devotos, considerando que estes formam um grupo identitário no contexto étnico e assim compartilham a memória coletiva. A dissolução da Festa de Navegantes, o deslocamento do evento e da imagem da Virgem Maria representam a principal ruptura trazida por este trabalho. Relatos e possibilidades de justificar o desmantelamento da antiga Festa de Navegantes do Porto de Pelotas são tema do próximo capítulo.

#### **Capítulo 4 O ESQUECIMENTO provocado pelo Deslocamento da Imagem e Descaracterização da Festa de Navegantes (1963 – 1980)**

[...] a perda de contato com Maria causa a sensação de que algo está faltando. A figura de Maria testemunha de maneira simbólica o papel essencial de uma mulher na salvação humana. Tanto os cristãos não-católicos como os católicos pós-Vaticano II começaram recentemente a tentar resgatar o significado dessa mulher tão central em nossas tradições de fé (HINES, 2005, p. 11).

Há uma falta na devoção Mariana, de sua representação para o povo e a busca para inseri-la no contexto atual. A palavra perda é relacionada ao esquecimento como uma lacuna, algo que não se gostaria de esquecer. De acordo com Ricoeur (2007, p. 467), é essencialmente num sentimento que se dá a experiência da falta. O autor coloca que a filosofia moral pouco se deteve em pesquisar os sentimentos enquanto afecções específicas, distintas das emoções e das paixões.

A religião, vista neste contexto, pode ser caracterizada como um sentimento de afecção específica, principalmente no que tange às devoções. Geertz (1989, p. 110) coloca que a atividade religiosa induz a diferentes disposições, o ânimo e a motivação. Pode-se relacionar a afirmação do autor, de que a fé represente, para alguns indivíduos, a figura da felicidade que a memória deseja (RICOEUR, 2007, p. 504). As práticas religiosas do ser religioso contribuem para a formação da identidade, auxiliando em processos de socialização, na formulação de ideias de ordem. A religião atua social e psicologicamente tanto para o coletivo como para o individual. As funções da religião podem estar ligadas a experiências intelectuais, emocionais, morais, identitárias.

De acordo com Barth (1998, p. 206), as novas identidades podem se formar a partir de alguma insatisfação relativa ao grupo a que pertencem. No caso da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas, não chegou a

existir esta insatisfação relativa ao grupo de devotos da Santa. Mesmo a situação de conflito colocada anteriormente, do deslocamento do pároco idealizador, não afetou a Festa de Navegantes. O deslocamento da Festa e da Imagem e o desmantelamento da Procissão de Navegantes, que a tornou diferente das características originais, foi algo “imposto” pela situação social e autoridades da época. Mudaram os ritos, o território, a administração, os devotos, os participantes. O que ocorre atualmente, conforme visto brevemente no Capítulo 1 é outra Festa de Navegantes, com a qual os antigos devotos não se identificam.

O principal fato de ruptura da antiga Festa de Navegantes foi a mudança de território, do Bairro do Porto para a Colônia de Pescadores Z-3. De acordo com Maia (2001, p. 192) o costume ritualizado da festa é capaz de atribuir ao lugar sua própria identidade. Ou seja, a tradição da festa é ligada ao lugar, ao território, uma maneira de compreender o espaço, o que podemos dizer o território da unidade em contexto étnico, descrita no capítulo anterior.

A tradição engloba toda a festa. Não há apenas um ou outro aspecto da festa que seja tradicional: todos são. [...] Desse modo, alterar ou retirar algum evento da festa, se não for uma decisão arbitrária e/ou com respaldo legal, envolve ampla negociação entre o agente interveniente e os defensores das tradições – e não é raro que tais negociações acabem em conflitos (MAIA, 2001, p. 193).

A decisão da transferência da imagem da Santa e do desmantelamento da Festa de Navegantes não foi algo negociado com os fiéis, moradores do porto. O “não ter a Santa e a festa” ocasionou, conforme depoimentos, um conflito, uma falta que, mesmo passadas mais de três décadas, permanece na memória dos antigos participantes da Festa de Navegantes no Porto. De acordo com Montenegro (2012), o patrimônio é constituído a partir da dinâmica da identidade, portanto, a festa se realiza com pessoas, os fiéis e em determinado espaço, o Bairro do Porto de Pelotas. O lugar onde ocorreu a manifestação religiosa é o espaço articulador das memórias, devem ser ressaltados aspectos sociais, econômicos no contexto. Esta sinergia entre simbólico (a fé, a religiosidade, o lúdico) e material (o lugar, a rua, a água) deve constituir um equilíbrio, e a quebra deste equilíbrio, aqui atribuída ao deslocamento da imagem e festa, ocasiona o conflito, o esquecimento, a mudança na paisagem, no território.

Este capítulo busca elucidar de que forma ocorreu o deslocamento da Festa e da Imagem de Navegantes e a descaracterização da antiga procissão terrestre e fluvial. Estas modificações na tradição da Festa de Navegantes de Pelotas representam o que pode ser chamado neste contexto, de esquecimento. O novo contexto estabelecido após a ruptura pode ser entendido através de uma série de tipologias de esquecimento incorporadas ao presente estudo de caso. Os narradores da memória da festa utilizados para demonstrá-la nos capítulos anteriores são revisitados no trato sobre a ausência, a falta, a “orfandade” deixada pelo afastamento da Virgem Maria e da festa. As possibilidades mais amplas para sua extinção, fora do próprio contexto da unidade, são investigadas a seguir.

#### **4.1 “Ater-se aos ritos e rubricas vigentes”: O que aconteceu com a Festa de Navegantes?**

Esta etapa do trabalho busca expor aspectos que levem à compreensão dos motivos que levaram ao afastamento da antiga Festa de Navegantes do Porto de Pelotas. Para isso, serão levados em consideração aspectos sociais, econômicos e também místicos. Conforme já colocado, a antiga festa ocorria nas proximidades do Porto de Pelotas, bairro que na época tinha as atividades do porto como fundamentais para o desenvolvimento social e econômico. Havia muitas indústrias, grandes empresas e operários, que trabalhavam e também viviam no local. A procissão de Navegantes se desenvolveu neste território, que possuía estas características peculiares.

A partir de cerca da metade da década de 1960, coincidindo com a fase do começo das descaracterizações da antiga festa (visto no Capítulo 2), várias transformações atingiram a Paróquia e o Bairro do Porto, assim como toda a cidade de Pelotas. A cidade sofreu uma gradual decadência econômica. Pode-se dizer que a vida comercial e social que envolvia a água, o Porto como lugar de referência, gradualmente, deixou de existir. De acordo com Essinger (2009, p. 53), a decadência da zona sul do estado, especificamente de Pelotas foi consequência da desaceleração da atividade portuária, que teve início em 1952, devido à falta de manutenção da dragagem e da diminuição do calado do Canal São Gonçalo. A autora coloca também que a construção da ponte que liga Pelotas a Rio Grande

sobre o canal e a queda das indústrias tradicionais de Pelotas potencializaram o gradual desuso do porto.

A malha rodoviária que se concretizava ao redor da cidade estimulou a criação de um novo distrito industrial, efetivado em 1973 (ESSINGER, 2009, p. 53). Tal situação desestimulava a instalação de novas indústrias no Bairro do Porto, logo foi decretada a falência das antigas indústrias e empresas comerciais do bairro, modificando as características peculiares do lugar. Os moradores do Bairro do Porto, que eram empregados das indústrias locais, já não tinham seu emprego no local. Mudaram as características do lugar e dos habitantes, ligadas ao trabalho industrial, à água, à rotina de movimentação do porto. Com relação à devoção a Navegantes, se pode aferir que, o declínio da indústria local, a falta de emprego e o declínio do porto geraram certa inibição na fé na padroeira dos trabalhadores do mar, no sentido de não haver mais os meios que de certa forma justificavam essa devoção: as águas, o trabalho relacionado ao porto.

O Bairro do Porto deixa de contar com a movimentação diária das atividades portuárias (os sons, apito de aviso de carga chegando, os operários indo ou regressando do trabalho, os uniformes dos marítimos e estivas, dentre outras características) e com a anual Festa de Navegantes, que não se resumia apenas ao dia da festa, mas na anterior preparação de vestimentas, planejamento de adornos nas ruas e casas, encontros para organização do evento religioso, preparação de comidas e bebidas para comercializar, os bondes, as promessas que poderiam ser “pagas” no momento da procissão, dentre outros aspectos de sociabilização, de vida comunitária que envolviam o bairro do porto e a antiga Procissão de Navegantes. Deixa de existir o espaço articulador das memórias, a topografia do bairro muda, o lugar já não é o mesmo, assim como as pessoas não são as mesmas, não há a mesma motivação laboral, características que constituíam a Festa de Navegantes. Neste âmbito, a desaceleração das atividades do Porto de Pelotas e a decadência econômica que sofreu a cidade no período podem ter influenciado no processo de descaracterização da antiga Festa de Navegantes em nível social, econômico e cultural.

Conforme visto no Capítulo 2, o paroquiato do Pe. Olavo (de 1958 a 1970) foi marcado pelas descaracterizações na Festa de Navegantes, dentre elas a mudança na organização do evento, que passa da Igreja do Porto (do pároco) para

a Capitania dos Portos (Capitão dos Portos). A saída do pároco em 1970 conduziu a unidade, o fenômeno religioso representado pela Festa de Navegantes, ao esquecimento, ao desaparecimento (como visto também no Capítulo 2, onde os periódicos da época deixam de publicar notícias sobre a Festa de Navegantes). A atribuição da culpa da transferência da Festa de Navegantes, de acordo com os periódicos foi à Capitania dos Portos. Porém é questionável que apenas o Capitão dos Portos seja o responsável pela mudança da antiga tradição, já que a festa foi idealizada e sempre organizada e liderada pela Igreja do Porto.

Outro aspecto que pode ter contribuído para o desmantelamento da Festa de Navegantes é uma tentativa de promover a Colônia de Pescadores Z-3 como lugar de turismo. Foi observado que, nos periódicos da época, logo que a Festa de Navegantes passa a ocorrer na Colônia de Pescadores, as publicações passam a anunciar o “progresso” das obras de asfaltamento ligando o centro da cidade às praias do Laranjal e Balneário dos Prazeres. Coincidentemente, as publicações da nova programação da Festa de Navegantes encontravam-se próximas às relativas ao desenvolvimento de projetos de pavimentação da região. No Diário Popular de 02 de fevereiro de 1971, o periódico publica que os ingressos para as embarcações da procissão fluvial de Navegantes são limitados, e serão vendidos pelo Conselho Municipal de Turismo, relacionando a festa com órgão público ligado à cultura e lazer do município.

No aspecto místico, em âmbito eclesiástico, o Concílio Vaticano II, iniciado em 1962 e findado em 1965, trazia uma série de elementos ideológicos para atenuar relações entre os sujeitos sociais modernos e igreja católica. Dentre outras diretrizes<sup>52</sup>, o Concílio Vaticano II falava, por exemplo, sobre a desobrigação das missas celebradas em latim e restrição do uso das vestes litúrgicas apenas ao ato da celebração (LIBANIO, 2005, p. 12). A reforma litúrgica preconizada pelo Concílio Vaticano II foi entendida, em muitos lugares, como uma ordem de demolição radical e sistemática de tudo o que, na Igreja, destoasse de uma visão “atualizada” do mundo e da sociedade, cunhando, precisamente, a expressão italiana

---

<sup>52</sup> Neste período, as antigas associações religiosas também tenderam ao declínio, sucedidas gradualmente pelos chamados “movimentos”, que tomariam enorme impulso nas duas décadas seguintes, dentre eles as Comunidades Eclesiais de Base da Teologia da Libertação e o movimento carismático. De acordo com Prandi (2007, p. 30), o Concílio Vaticano II significou importante passo para a elaboração teológica mais voltada para os problemas sociais, mas também seguiu uma linha conservadora através dos movimentos.

“*aggiornamento*”, ou “pôr em dia”, em uma perspectiva de “racionalização”. De acordo com Prandi (2007, p. 30), o *aggiornamento* foi o processo de a igreja adaptar-se aos novos tempos, de dialogar com o homem moderno.

Prescrições litúrgicas<sup>53</sup>, especialmente, diziam respeito às devoções marianas: era sugerido não expor duas imagens da Virgem com o mesmo título na mesma igreja; caso duas representassem títulos ou “mistérios” distintos, que não fossem expostas lado a lado, para evitar confusões na mente dos fiéis. Isso foi interpretado por alguns párocos como se só pudesse haver, em cada igreja, uma única representação mariana. De acordo com Hines (2005, p. 07), os rumos seguidos pela espiritualidade católica a partir do Concílio Vaticano II incitam o questionamento: o que houve com a devoção mariana? A autora cita a decadência da devoção na Virgem Maria após o Concílio II.

Travou-se desagradável polêmica entre a Ação Católica e a Congregação Mariana, em grande parte por causa das posturas diante da liturgia. A primeira impulsionava uma participação criativa e inovadora, enquanto a segunda preferia ater-se aos ritos e rubricas vigentes (LIBANIO, 2005, p. 29).

Em Pelotas, nos três nichos do altar-mor da Igreja do Porto encontram-se as imagens do Sagrado Coração de Jesus, do Imaculado Coração de Maria, e de São José (podem ser vistos no alto da Figura 10). Isso levou a que essa imagem da Virgem Maria fosse a “escolhida” para permanecer na Igreja. Foi ordenado então o desmantelamento dos altares laterais de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Navegantes (nas laterais da Figura 30), a demolição da gruta de Nossa Senhora de Lourdes que se situava dentro da igreja, à entrada, e a retirada de todas as demais imagens dos Santos (com exceção de S. José, no altar-mor). Estas imagens, conforme visto no Subtítulo 1.4, haviam sido adquiridas pelo Monsenhor Chierichetti para incentivar a devoção popular, e assim trazer mais paroquianos para a Igreja do Porto. O desmantelamento destes objetos devocionais da Igreja do Porto

---

<sup>53</sup> “Com todo o empenho exorta os teólogos e os pregadores da palavra divina a que na consideração da singular dignidade da Mãe de Deus se abstenham com diligência tanto de todo o falso exagero quanto da demasiada estreiteza de espírito” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 112).

ocorreu sob pretexto de desestimular a devoção popular em demasia, supostamente mais centrada nas imagens dos Santos<sup>54</sup>, que em Cristo<sup>55</sup>.



Figura 30: Retábulo e antigos altares laterais do interior da Igreja do Porto (anos 1970).  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

À esquerda da Figura 30, acima, na parte central do altar está a Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, a mesma que se encontra nas Figuras 11 e 12, no Capítulo 1. O altar de Nossa Senhora dos Navegantes foi doado à Feira da Fraternidade, onde foi adquirido pelo artesão uruguaio, radicado em Pelotas, Sr. Oscar Urruti, que o foi desmanchando aos poucos, e empregando seus detalhes neo-góticos para a confecção de peças de artesanato<sup>56</sup>.

O “*aggiornamento*” o ato de “pôr em dia” as relações dos fiéis com sua Igreja, neste caso não levou em consideração a perspectiva da tradição inventada e mantida pela própria representação da Igreja e comunidade, principalmente com

<sup>54</sup> “Firme permaneça a costume de propor nas igrejas as sagradas imagens à veneração dos fiéis; contudo, sejam expostas com moderação quanto ao número, com conveniência quanto à ordem, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos corretas” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 303).

<sup>55</sup> “Esse culto, tal como sempre existiu na igreja, embora seja inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração que se presta ao Verbo encarnado e igualmente ao Pai e ao Espírito Santo, e o favorece poderosamente” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 112).

<sup>56</sup> Relato do Monsenhor Chierichetti, colhido no final da década de 1980 pelo Prof. Jonas Klug da Silveira, do Centro de Artes/UFPel.

relação a devoção de Navegantes. A perspectiva de racionalização do *aggiornamento* da adaptação da Igreja aos novos tempos ao moderno não permitiram o diálogo, foi uma decisão unilateral e sem envolvimento da massa popular de fiéis que participava dela, como pôde ser verificado nos capítulos anteriores. A racionalização não respeitou a emoção. A questão que paira é se esta substituição devocional consentida pode ser uma subversão dos anseios do Concílio Vaticano II ou mesmo uma releitura do mesmo, o que pode ser chave para um novo estudo da questão, mas que não é objetivo deste estudo.

No estudo exposto acima foi possível identificar o período histórico de Pelotas que assistiu ao desmantelamento da antiga Festa de Navegantes. Foi buscado encontrar possíveis motivações nos campos místico, cultural, social e econômico para o esquecimento da antiga festa. Salienta-se que a discussão não busca encontrar uma motivação vital para tal, a razão ou o culpado pelas ações arbitrárias que resultaram no esquecimento da antiga festa, mas contextualizar o período para que esta ação possa ser compreendida sob variadas perspectivas.

#### 4.2 O esquecimento da antiga Festa de Navegantes

O afastamento das festividades que envolviam a Procissão de Navegantes para “longe” do bairro que a concebeu é o que chamamos, neste trabalho, de esquecimento. Uma forma de esquecimento imposta, o que, tendo por referência os depoimentos abaixo, não era a vontade dos moradores do bairro. Como diz o Sr. Sene<sup>57</sup>: *“A Festa não é mais dos navegantes, agora é festa dos pescadores!”*.

“Há um descontentamento da paróquia, dos paroquianos, por causa da imagem que foi perdida [...] É linda aquela imagem original, muito linda. [...] Quando a imagem foi embora, os padres diziam que era por que ela era padroeira dos que trabalhavam no mar, e que era justo que concentrasse lá na Z-3, mas claro que não! E aqui o Porto, como que fica? A festa passou toda para lá, saiu toda daqui [...] Do povo, quem podia, ia lá no laranjal participar, mas a grande maioria perdeu a festa. [...] Meu irmão ficava muito chateado por que tiraram a Festa do porto. Por que ele trabalhava no Deprec, fazia tudo, ajudava a Nossa Senhora, aí resolveram levar para a Z-3, que diz que era dos pescadores, deu aquela briga! E acabou que por um tempo aqui não teve nada, mais nada de Navegantes, de uma hora para

---

<sup>57</sup> O Sr. Sene era o tesoureiro do Grêmio João Batista de La Salle (de rapazes), que contribuía anualmente para a Festa de Navegantes do Porto de Pelotas.

outra! Nem uma missa tinha! O povo ficou revoltado, chateado mesmo (Sra. Verônica Jardim, 67 anos).

O depoimento acima, carregado de emotividade, destaca em primeiro lugar a beleza, o carinho para com a antiga Imagem de Navegantes que foi “perdida”, não foi transferida, não foi emprestada, foi perdida. Logo, percebe-se a indignação, o descontentamento dos paroquianos do Bairro do Porto, que não concordam que a devoção de Navegantes seja dos pescadores, mas dos trabalhadores do mar, e isso os envolvia, por morarem na zona portuária da cidade. Conforme já salientado, o contexto social dos moradores do Bairro do Porto era ligado às atividades portuárias, independentemente de sua profissão ou função. Um forte sentimento de injustiça, de que foram esquecidos está no depoimento no trecho: “*E aqui o Porto, como que fica?*”. O sentimento de injustiça se estende pelo fato de não proporcionarem condições de transporte para a comunidade do Porto participar da festa na Colônia de Pescadores Z-3, a maioria não tinha condições financeiras de participar do evento. Para finalizar, a depoente comenta que de uma hora para outra não tinha mais nada da Festa de Navegantes no Porto (como visto no Capítulo 2, nos anos 1970, quando periódicos param de publicar sobre a procissão de Navegantes) e enfatiza o conflito que resultou destas ações arbitrárias citando a expressão: “*o povo ficou revoltado!*”. As palavras e as memórias citadas no parágrafo remetem as “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989), algo que não pôde ser externado naquela época, não havia o que fazer para impedir o deslocamento da Festa, a transferência da Santa. Agora a memória surge como um grito que fala: “isso aconteceu conosco!”.

As desculpas do meio promotor do esquecimento não se tornam válidas para os protagonistas do evento que se debatem contra a ação. Há uma proposital busca pela deterioração da memória com a invisibilidade da Imagem de Navegantes e com a desterritorialização. O desaparecimento gradual, sem haver uma substituição dos traços de memória são aplicados, mas servem de resistência para a manutenção da memória dos que viveram o fato. Há uma luta entre a deterioração da memória e a sua manutenção naqueles que viveram o fato. A ideia original da procissão desaparece por completo da região onde era desenvolvida e nada se faz para mantê-la intacta, cria-se o esquecimento, como nos mostra o depoimento que segue.

“Sabe quando uma coisa vai diminuindo, diminuindo, até que acaba? Foi assim que acabou a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. [...] Agora me dá uma tristeza, não tem nada, acabou tudo. Ninguém sabe o que era, só quem viu” (Sra. Glória Zunini, 85 anos).

O “*diminuindo, diminuindo*” do depoimento acima pode significar o que foi visto no Capítulo 2, quando começaram as alterações na procissão de Navegantes, aos poucos, quando a cada ano a organização apresentava uma festa diferente, e os devotos que participavam assiduamente já não sabiam se poderiam ir. As palavras no final da fala nos traz a impressão de um evento religioso indescritível, impossível detalhar, “*só quem viu*”. Esta impressão está em vários depoimentos sobre a antiga festa, quando faltam palavras para descrever, tal multidão, tal beleza. As ações do “*aggiornamento*” em relação à racionalização da nova Igreja adaptada aos novos tempos, ao moderno, estão evidentes no depoimento que segue:

“O pessoal ficou muito triste quando Ela foi embora. E quando tiraram aqueles altares o pessoal ficou muito chateado. E ele queria tirar o altar mor do centro, e os católicos fizeram um abaixo assinado e não deixaram. Disseram que era por ordem do Papa. Uns dizem que venderam as imagens, outros dizem que ele deu, dizem que os altar venderam também, não sei te dizer” (Sra. Neusa Lima, 91 anos).

O depoimento coloca o “Ela” como se fosse uma pessoa humana, mas refere-se à Imagem da Virgem, fala sobre a tristeza dos devotos com a sua ausência. “Aqueles altares” são os que aparecem nas laterais da Figura 30, que também estão na memória de outros depoentes. O “ele” faz referência ao pároco da época. A Sra. Neusa fala sobre a luta dos paroquianos pelos objetos de devoção da Igreja do Porto, sintetizada por um “abaixo assinado” para que não se desfizessem do altar-mor (já citado anteriormente). No relato, fica evidente que a justificativa dada aos paroquianos sobre as alterações, desmantelamento de altares, deslocamento de Imagens de santos, se baseava nas prescrições do Concílio II. A leitura local do Concílio Vaticano II e seus elementos ideológicos na relação entre o moderno e a Igreja, neste caso não permitiu o diálogo com os paroquianos, principalmente devotos de Navegantes. Todo um universo de significado de território, de unidade, de repetição em contexto, de etnicidade relacionada à fé se esvaiu, sem retorno e

sem controle dos que atuavam para sua constituição. Abaixo, o depoimento fala de outro motivo para a descaracterização da Festa de Navegantes:

“A Festa foi caindo um pouco. Primeiro não tinha mais aquelas atrações de fogos, não tinha mais aquela comissão porque faltava dinheiro, era uma festa mais religiosa do que social. E também não tinha barcos para embarcar, o povo achava que para pagar promessa tinha que andar pelas águas, é até poético né?” (Padre Olavo Gasperin, 81 anos).

O depoimento do Pe. Olavo Gasperin nos fala sobre o gradual declínio da Festa de Navegantes. Ele coloca a situação financeira como a primeira hipótese para explicar a descaracterização da festa, que faltava patrocínio, festeiros, o que pode ser relacionado com a falência de empresas e indústrias no bairro do porto e na cidade. Como ele mesmo coloca, a Festa de Navegantes tornou-se “*uma festa mais religiosa do que social*”, também não havia mais o interesse das famílias e firmas comerciais em patrocinar o evento religioso.

Logo, o depoente ressalta a dificuldade da falta de embarcações para que os fiéis participassem da procissão fluvial, e que este aspecto foi importante, pois para alguns devotos de Navegantes, para pagar promessas, fazer pedidos, agradecer à Virgem era necessário o contato com as águas, e se não houvesse este contato (em procissão terrestre ou motorizada, por exemplo), não havia motivação para a participação. Este fato, a ausência da água enquanto lugar de procissão, de fé, meio de aproximação com o sagrado, nos remete à motivação do declínio da Festa de Navegantes pela desativação do Porto de Pelotas. A desaceleração do Porto fez com que a água (enquanto território da festa, espaço articulador de memórias) fosse inacessível, e como já visto, portanto, um dos fatores que levaram ao esquecimento da Festa de Navegantes.

Conforme já comentado, a Festa de Navegantes ainda ocorre na Colônia de Pescadores Z-3, mas assim como perdeu o território, perdeu o significado original para aqueles que a “fizeram”, os que adornavam, oravam, organizavam, participavam, os paroquianos do Porto de Pelotas. Foi destacada com ênfase nos depoimentos a perda da grandiosidade, da beleza, o déficit de participação popular, de música, fé, ornamentação e que a festa atualmente “nem se compara” ao que um

dia existira no Porto<sup>58</sup>. A comparação entre as festas foi observada por vários depoentes, como pode ser verificado no depoimento da Sra Neusa:

“Tu precisava ver, a Procissão de Navegantes era três quadras de gente, hoje é meia quadra. Horrível, ninguém mais vai. Não faz nenhuma quadra. Esse ano ainda foi pior, mudaram mais coisa. Eu não fui. Eu pertenco ao Apostolado de Oração mas não fui. [...] Os padres saiam na volta pedindo que ajudassem na festa, tinha um monte de festeiros, naquele tempos ajudava bastante. Hoje não dão nada de lembrança da Festa, antes davam. Agora não tem mais quase nada!” (Sra. Neusa Lima, 91 anos).

A depoente mensura a participação de devotos na antiga Festa de Navegantes em “*quadras de gente*”, falando em quarteirões lotados de pedestres em procissão terrestre. Na comparação feita com a festa atual, são poucos fiéis que acompanham a Virgem pelas ruas. A depoente ainda se coloca em posição de hierarquia, componente do Apostolado de Oração, conforme visto, importante grupo que ajudava na antiga Procissão de Navegantes, porém agora, mesmo pertencendo a este grupo, não participa mais da Festa. Para finalizar, coloca que “*não dão nada de lembrança da Festa*”, como fato que não incentiva a participação no evento, demonstrando a importância dos “santinhos” como objeto devocional e *souvenir* para os fiéis. Alguns depoentes guardaram os *souvenirs* da antiga Festa de Navegantes por décadas, como pode ser verificado nos Anexos.

“[...] ficava lá na igreja, sempre. Ai Ela foi embora, o porto não participava mais de nada. E quando voltou, voltou diferente. Ela vem da Z-3 na véspera, dia primeiro, ai tem a missa, né. Mas não é a mesma imagem. A imagem está na Z-3. [...]” (Sra. Verônica Jardim, 67 anos).

Este depoimento fala do lugar da Imagem da Virgem, “*ficava lá na igreja, sempre*”. A imagem de Navegantes sempre esteve na Igreja do Porto. Para os paroquianos, poderia representar fortaleza, objeto de adoração, devoção, fé. Sabiam que podiam contar com a presença da Virgem naquele lugar. Pode-se aferir que os

---

<sup>58</sup> Em depoimento pessoal, tendo participado da Festa de Navegantes no ano de 2011, posso testemunhar que é uma festa simples, com estrutura deficitária de acolhimento de devotos e peregrinos, difícil acesso, não há adornos ou músicas, hinos, dentre outros. Ainda há fogos de artifício, mas estes ocorrem durante o dia, sem maior comoção. Existe a participação da comunidade da Colônia Z-3, e algumas comunidades se organizam para deslocar-se em ônibus do centro e bairros para a Colônia, mas a festa, realmente não pode ser comparada à antiga Festa de Navegantes do Porto.

devotos tinham o costume de fazer pedidos, orações, promessas à imagem, tal o descontentamento com sua ausência. Há uma nostalgia nos depoimentos no que se refere à Imagem de Navegantes. O final do depoimento coloca que de nada adianta trazerem outra imagem de Navegantes, importa mesmo é aquela que está lá na Colônia de Pescadores Z-3.

De acordo com Maia (2001, p. 193), a tradição engloba toda a festa. Todos os aspectos desta são peculiares, tradicionais, importantes para quem participa, para quem é devoto. Nos depoimentos acima foi verificado que a imagem da santa era o ícone mais importante, da qual eles sentem mais falta. Alguns mencionam a água enquanto elemento fundamental, outros os *souvenirs*, e para alguns era o evento religioso em grandiosidade, em esplendor, multidão. Para o autor, retirar ou alterar algum evento da festa religiosa exige uma negociação entre agente interveniente e defensores das tradições. Conforme colocado acima, a tradição da Festa de Navegantes foi retirada dos fiéis do Porto sem que a população estivesse de acordo.

Nos depoimentos a Festa de Navegantes que ocorre na Colônia de Pescadores Z-3 foi mencionada com mágoa. Uma festa, um lugar com os quais os antigos devotos da santa, moradores do Bairro do Porto, não se identificam. O fato de ser uma outra festa, sem as pessoas do bairro, sem as associações religiosas, sem a zona portuária, o equipamento urbano, pode ter potencializado a nostalgia dos relatos com relação à antiga festa, ao espaço, ao tempo. A seguir, o último subtítulo da dissertação fala sobre tipologias de esquecimento e a tradição inventada de Nossa Senhora de Guadalupe em Pelotas.

#### **4.3 A memória manipulada e O Esquecimento Arbitrado**

Diante das referências do que significa espiritualmente a manifestação do sagrado através da festa religiosa para os devotos, na Festa de Navegantes de Porto Alegre, ou do Círio de Nazaré, por exemplo, consideradas as maiores manifestações do país (Steil, 2003), imagina-se o que representou para os devotos, moradores do bairro do Porto não ter mais aqueles momentos, aquela festa, aquela imagem da Virgem que “sempre” esteve presente. Eis portanto, o esquecimento da antiga Festa de Navegantes de Pelotas.

Este subtítulo traz algumas tipologias de esquecimento, as quais podem ser estudadas sob o viés do esquecimento da antiga Procissão de Navegantes, além de trazer dados sobre o maior evento de devoção mariana de Pelotas atualmente, Nossa Senhora de Guadalupe. Conforme visto, os depoimentos comparam a Festa de Navegantes com a Romaria de Guadalupe, talvez pela grandiosidade, pelo caráter popular, pela invocação. A Romaria de Guadalupe foi idealizada na assembléia diocesana de Pelotas em 1985, e o santuário fundado no ano seguinte, na BR 392, Km 88, na Cascata, em Pelotas. A primeira romaria, festa religiosa com procissão terrestre, onde os romeiros caminham cerca de 25 quilômetros do perímetro urbano de Pelotas até o Santuário, ocorreu em 1986, e ocorre anualmente até hoje no mês de outubro. No estudo das tipologias de esquecimento e na análise dos depoimentos colhidos para a pesquisa, foi possível estabelecer uma relação do esquecimento da antiga Festa de Navegantes com a invenção da tradição religiosa da Romaria de Guadalupe.

A relação que tenta se estabelecer sobre estes grandes eventos marianos de Pelotas surge principalmente quando se encontrou, em uma antiga publicação da diocese, na contracapa do “Livro da Comunidade”, Segunda Edição, 1989, da Diocese de Pelotas, a Imagem do milagre da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe para o índio Juan Diego em Tepeyac, Cidade do México (Figura 31). A Virgem de Guadalupe é considerada a padroeira da América Latina. Entende-se que a imagem do livro é um convite à devoção em Guadalupe. As frases: “*Mãe das Comunidades, rogai por nós; Esperança dos Pobres, rogai por nós [...]*” nos traz a impressão que a publicação tenta incentivar a devoção através da ideia da Virgem protetora dos necessitados, um convite aberto à devoção popular a Guadalupe.

Ao verificar o ano de publicação, posterior ao deslocamento da Festa de Navegantes se concluiu que possivelmente a Romaria de Guadalupe foi idealizada também com o intuito de ‘substituir’ a antiga Festa de Navegantes enquanto grande evento mariano da cidade, aproveitando o intenso carisma mariano que a população de Pelotas apresentou durante meados do século XX. A “nova” Festa de Navegantes (que já ocorria na Colônia de Pescadores Z-3) poderia não estar correspondendo com as expectativas em participação popular, como ocorria no passado, e a invenção de outro evento poderia suprir o que pode ser chamado de “lacuna devocional” deixada pelo deslocamento da antiga Festa de Navegantes.

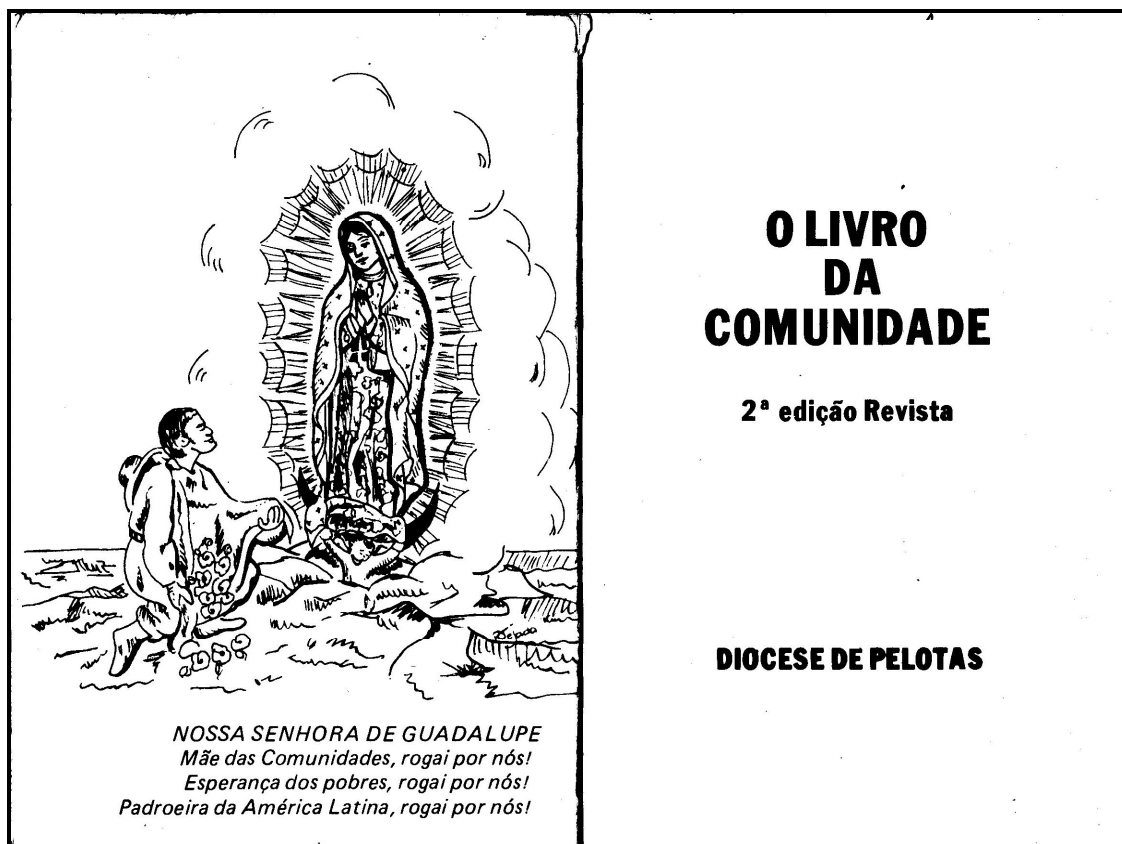


Figura 31: Anverso capa “O Livro da Comunidade, Diocese de Pelotas”, 1989.  
 Fonte: O Livro da Comunidade, Diocese de Pelotas, 2ª Edição. Passo Fundo: Edição Berthier, 1989.

Candau (2011, p. 18) afirma que o jogo da memória que molda a identidade é necessariamente formado de lembranças e esquecimentos. Os autores que dissertam sobre o esquecimento os distinguem em categorias. Ricoeur (2007) salienta que o esquecimento vem do sujeito para fora. O esquecimento pode ser voluntário (forçadamente ou não) ou involuntário (forma sistemática do organismo para descarte de memórias desnecessárias). Este autor afirma que o esquecimento pode ser coletivo ou individual. Ligado ao coletivo, pode-se dizer que é o inverso da memória, o “não esquecer”. Na esfera individual, é sempre ligado ao coletivo, é o esquecimento coletivo aplicado no indivíduo.

O esquecimento arbitrado, subtítulo deste texto, que remete ao esquecimento da antiga Festa de Navegantes, pode ser diretamente associado à situação de esquecimento que Michel (2010), descreve o esquecimento

manipulação como o processo ativo e voluntário, imputado a atores públicos que elaboram e transmitem a memória coletiva oficial. Na invenção da tradição de Guadalupe (assim como a tradição de Navegantes, inventada pelo padre Chierichetti) foi elaborada e transmitida uma memória, dita como oficial. Pode ser ressaltado que não é o objetivo do trabalho provar ou demonstrar que a Festa de Navegantes foi descaracterizada para a inserção da Procissão de Guadalupe, mas documentos existentes indicam para isso.

Ricoeur (2007, p. 452) chama de esquecimento e memória impedida quando vários esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados na memória. Os moradores do porto, devotos de Nossa Senhora de Navegantes foram de certa forma impedidos de reviver as memórias da festa, da procissão de Navegantes, devido ao deslocamento da festa. As memórias permaneceriam em cada indivíduo, porém não houve mais o que provocasse, trouxesse à vida as mesmas. Conforme os depoimentos, o esquecimento da festa foi algo que se pode chamar de trágico, conflituoso, tal era a representação da Santa e o vínculo identitário das pessoas e do Bairro do Porto.

De acordo com Connerton (2008) o esquecimento pode constituir a formação de uma nova identidade. A nova identidade que busca ser formada, estudada pela pesquisa é com relação à devoção mariana que conduz a Nossa Senhora de Guadalupe. Conforme dito, com o deslocamento e consequente esquecimento da devoção a Navegantes pela diminuição das proporções da festa enquanto fenômeno religioso, pode-se dizer que foi formada uma lacuna no que diz respeito à devoção mariana em Pelotas. A lacuna devia ser “preenchida” com a invenção de uma nova devoção mariana, uma nova Procissão, em um novo lugar, uma santa diferente para “ocupar” o espaço de Navegantes no calendário de festas religiosas da cidade e no sentimento devocional de cada fiel mariano.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apóiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAU, 2011, p. 16).

As formas de esquecimento, portanto, podem ser benéficas ou maléficas, de acordo com diferentes ocasiões e com o tempo vivido, ou seja, de acordo com o

contexto (Loraux, 1998). O que é esquecimento hoje passa a ser memória em um tempo futuro, e não temos como prever o que futuramente significará a memória ou como ela será expressa. A tradição inventada de Guadalupe, por exemplo, futuramente representará uma antiga tradição de Pelotas. Hobsbawm (2008) define tradição como comportamento de uma sociedade que segue regras internalizadas e aceitas pelo senso comum. Estas regras podem ser de natureza ritual ou simbólica e pretendem estabelecer normas de comportamento e valores morais. Elas criam uma relação direta com o passado objetivando validar determinada “tradição”. A tradição surge e perdura com o passar de gerações. É transmitida, mobilizada por sujeitos sociais. Além de afirmar identidades e estar inserida no conjunto de práticas sociais, a tradição possui sentido para quem participa. E como ela é recorrente em anos, está em constante transformação de acordo com os agentes e o tempo em que se encontra, é a memória viva.

A tradição inventada da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe em Pelotas ainda não tem história de gerações, é uma nova identidade religiosa de invocação mariana na cidade. Conforme foi possível ver nessa pesquisa, a tradição inventada da antiga festa Navegantes foi importante símbolo de devoção (talvez o mais importante da história da Igreja do Porto) para o lugar, para as pessoas, a comunidade, para o bairro de forma geral, conforme já colocado, talvez pela associação da devoção com a importância das águas, do porto para o território. A tradição de Navegantes no Porto está praticamente esquecida. A história contada pelo trabalho, que conduziu ao esquecimento pode ser associada a Ricoeur (2007, p. 455), ao esquecimento, a memória manipulada, que demonstra como é o processo de “fazer esquecer”, neste caso através do afastamento. Modelamos a memória, assim como o esquecimento.

## **Considerações Finais**

De acordo com Pollak (1989), diferentes pontos de memória pessoal formam a coletividade. Conforme visto, a tradição de fé e devoção representada pela antiga procissão de Navegantes de Pelotas é um exemplo de memória popular que se dissipou através das décadas. O objetivo principal, de recuperar as memórias da Festa de Navegantes do Porto de Pelotas foi alcançado através da pesquisa em referencial teórico, em documentos e periódicos históricos e principalmente através das narrativas coletadas através da história oral. O sucesso na escolha da metodologia está principalmente no “milagre” de colher a memória ainda viva da Festa de Navegantes de depoentes de idade avançada, que falam do evento religioso como se a ainda ocorresse ali, na rua ao lado.

Foi possível descobrir através da pesquisa dos relatos um grupo de características semelhantes, que partilham as mesmas memórias e lamentam o esquecimento. Um esquecimento decretado, referindo-se ao deslocamento da Imagem de Navegantes e descaracterização da Festa. A pesquisa demonstrou que o esquecimento decretado (CANDAU, 2011, p. 95) não se inscreveu totalmente no corpo social dos antigos moradores do Bairro do Porto de Pelotas.

Os depoentes partilham uma história comum que é a Festa, com particularidades relacionadas à crença, linguagem, mobilização de festeiros, ornamentos, indumentárias típicas, símbolos, seguindo rituais específicos e relacionados à sua posição no processo. Neste trabalho este grupo de devotos foi chamado de unidade em contexto étnico. As singularidades da cultura da antiga Festa de Navegantes demonstram o valor aferido aos diferentes momentos que se relacionavam ao evento religioso. Seus significados são distintivos entre contextos étnicos, em termos de pensar, falar, agir. O grupo de referência a este contexto étnico demonstra o seu sentido de pertença no universo do fato. A Festa enquanto

evento de caráter sagrado e profano relaciona-se com a questão da pertença no sentido de haver este sentimento apenas para a integração no momento da Festa.

Na pesquisa em antigos periódicos da cidade, aliada aos depoimentos e pesquisa histórica, foi descoberto que a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes era intensa na cidade de Pelotas, caracterizando um importante e grandioso evento religioso popular que envolvia diversos atores sociais, moradores do bairro, munícipes em geral, o clero, associações religiosas, autoridades civis e militares. Conforme dito, foi percebida também a possibilidade de existir o sentimento de pertença a essa devoção mariana apenas no dia da festa, para celebrar com a massa popular, mesmo sem o foco na devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, com a intenção de comer, fazer festa, assistir aos fogos, comemorar. Os antigos periódicos salientam a importância religiosa, social, cultural e econômica da Festa de Navegantes, dando ênfase aos financiadores, organizadores e lideranças do evento. Desta forma, a devoção em Navegantes em Pelotas em meados do século XX pode ter inferido na identidade social dos habitantes da cidade, sobretudo os moradores e trabalhadores do Bairro do Porto.

De acordo com Castells (1999), a identidade é um processo de construção social com base em atributos sociais. Assim, possui dimensão individual e coletiva. Ao se destacar a identidade religiosa, se está diante de uma construção que remete a materialidade histórica, à memória coletiva, e à espacialidade da revelação religiosa processada sob uma cultura (GIL FILHO e CORREA GIL, 2001, p. 48). Os devotos de Navegantes usavam de uma consciência de identidade que se fazia verificar no ato da festa, e com a dissolução da mesma os diversos elos foram rompidos. Porém, conforme visto, a memória dos mesmos ainda esta latente nas vidas dos que viveram aquelas antigas Procissões. Conforme Candau (2011, p. 19), não há busca identitária sem memória, e a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade.

A pesquisa verificou que a devoção à Navegantes foi algo inventado no Bairro do Porto, pelo pároco da Matriz Sagrado Coração da Jesus, Pe. Luiz Chierichetti, no ano de 1932, e cresceu em participantes, festeiros, embarcações, diferentes grupos durante três décadas, sendo possivelmente a maior festa religiosa da cidade durante este período. Como afirma Castells (1999) acima, a identificação das pessoas, dos festeiros, moradores do bairro de forma geral com a devoção em

Navegantes relaciona-se com o contexto histórico e social do bairro, intrinsecamente ligado às atividades do Porto da cidade, às águas, às embarcações e seus operários, seus trabalhadores (embarcados ou não). Agradecia-se e pedia-se a proteção de Navegantes, talvez por se estar próximo a importantes cursos d'água, responsáveis pela prosperidade econômica local do período. Acredita-se que muitos destes devotos, além de pertencerem a grupos de associações religiosas como Rosaristas, Filhas de Maria, escolas, Grêmio João Batista de La Salle, eram trabalhadores das indústrias e comércio do bairro e suas famílias, criando um vínculo de devoção, agradecimento e dedicação de vida e trabalho por parte dos participantes da antiga procissão.

Podem ser citados exemplos de importantes agentes sociais envolvidos no evento religioso. Os estivadores são um grupo importante e o que marca sua presença na Festa de Navegantes é a força física na ornamentação da festa. As crianças e as mulheres são participantes destacados em sua vestimenta. Ao analisar os depoimentos dos devotos foi possível identificar a separação quanto à cor das pessoas que participavam da festa e é evidente a presença da religião sincrética. O povo em geral sempre se faz presente e não está destacado, pois é representado nos depoimentos como agregador do grande volume populacional que compunha a unidade. Apesar de distintos todos estes grupos configuram uma unidade neste momento que depois se dissolverá com o retorno aos seus grupos étnicos originais. A emoção contida no momento da unidade é um dos fatores que se perpetua imaterialmente até o presente.

A pesquisa em antigos periódicos mostrou que existiam também as lideranças diretas, primeiramente representadas pelo clero, os párocos da Igreja do Porto, e logo pela representação maior da Marinha na cidade, o Capitão dos Portos. Conforme descoberto, a atuação do Capitão dos Portos na liderança da Festa de Navegantes busca de certa forma uma invisibilidade. Foi com a mudança de lideranças que a Festa de Navegantes começa seu processo de transferência e descaracterização, mesmo que esta motivação não apareça em depoimentos. Porém, é incitada a reflexão de, até que ponto a Capitania dos Portos tinha autonomia para intervir no espaço, no território de um evento religioso? Neste contexto, pode se refletir que a diocese de Pelotas consentiu com o deslocamento

da Imagem e descaracterização da antiga Festa de Navegantes do porto de Pelotas, mesmo que os documentos históricos acusem apenas a instituição da marinha.

No trabalho foram expostas algumas possíveis motivações para o esquecimento da antiga Festa de Navegantes, dentre eles, o Concílio Vaticano II, a vontade pública de desenvolver o turismo na Colônia de Pescadores Z-3 e a desaceleração do Porto e consequente falência de indústrias e comércio no bairro. Conforme já colocado, o trabalho não procurou estabelecer uma razão vital para o esquecimento da Festa de Navegantes, apenas trouxe a contextualização histórica, econômica, social, cultural e mística para compreensão do fenômeno estudado.

Neste âmbito foi feita uma contextualização espacial, onde o lugar perde o importante vínculo constituído com a água, as atividades portuárias. Sem o lugar marítimo da procissão esta já não podia ocorrer conforme sua originalidade. Sem as embarcações (que antigamente, conforme documentos e depoimentos, eram dezenas) os devotos não poderiam participar de algo que era uma das partes mais importantes da festa: a procissão fluvial. Como o depoente Pe. Olavo Gasperin dizia: *“E também não tinha barcos para embarcar, o povo achava que para pagar promessa tinha que andar pelas águas, é até poético né?”*. O agradecer, o fazer os pedidos, o dedicar a vida, importantes rituais que envolvem a procissão, já não poderiam ser feito nas águas, o que empobrecia o evento religioso e o desmotivava.

A procissão fluvial perdeu o lugar para sua realização. A procissão terrestre foi deslocada, criando descaracterização completa da antiga festa. O patrimônio imaterial ocorre em um lugar, no caso da Festa de Navegantes, em um território de fé, portanto o lugar onde há a manifestação, o rito, é considerado parte do patrimônio da mesma forma. Sem o lugar original, específico, o patrimônio imaterial não ocorre. Montenegro (2012) afirma que é da dinâmica da identidade cultural que se forma o patrimônio e que este não pode ser dividido em material e imaterial, pois é do equilíbrio entre o simbólico e o lugar que se constitui o que pode ser chamar de patrimônio (Informação verbal)<sup>59</sup>.

A quebra deste equilíbrio colocada por Montenegro (2012), atribuída ao deslocamento da festa de Navegantes para a Colônia de Pescadores Z-3 pode ser considerada uma das mudanças na paisagem no bairro do Porto em Pelotas. Um

---

<sup>59</sup> Profa. Dra. Mônica Montenegro, da Universidade de Buenos Aires, em minicurso proferido no Instituto de Ciências Humanas, na UFPel, em Pelotas, em maio de 2012.

trecho do depoimento da Sra. Glória Zunini, moradora da Rua Benjamin Constant, participante da antiga festa nos diz: *“Às 5 da manhã já começava o movimento aqui na frente. As pessoas já iam para o porto para esperar na fila para embarcar, não queriam perder a vez”*. Neste mesmo contexto, o depoente, Sr. Sene fala: *“Vou te dizer uma coisa: A Santa estava embarcando no Porto e tinha gente correndo pela Alberto Rosa para ver”* (localização das ruas no Apêndice A). Os relatos demonstram o quanto a antiga Procissão de Navegantes movimentava, alterava a vida, a paisagem do Bairro do Porto, mudava o aspecto físico do território e a rotina dos moradores na data da festa.

Essinger (2009) coloca que o bairro sofreu decadência social e econômica com a gradual desativação das atividades portuárias, falência de grandes indústrias e empresas, dentre outros aspectos. Com a transferência da Festa de Navegantes, o bairro sofre mais uma ruptura cultural e social, mesmo que não seja percebida de imediato. Por cerca de três décadas o bairro acompanhou a Festa de Navegantes, recebendo milhares de pessoas, ornamentação, visitantes de outras cidades, iluminação especial, orquestras, bandas, movimento de bondes, policiamento, dentre outros, o que caracterizava, mesmo que anualmente, a vida social no bairro.

A Festa de Navegantes pode ser considerada como um fato cultural, social e religioso que contribuiu na qualificação do Bairro do Porto como um lugar de memória (NORA, 1984). O grandioso evento religioso, o porto, o passado fabril são elementos que pertencem ao lugar, às memórias dos antigos moradores. As memórias, conforme visto, são de afecção, pertencimento, trabalho, família e a mágoa do esquecimento da Festa de Navegantes e do Bairro do Porto como um lugar de referência econômica e cultural para Pelotas. Desta forma, o Bairro do Porto pode ser considerado um “lugar privilegiado”, carregado de emoção, lembranças, referências perenes que desafiam ao tempo (CANDAU, 2011, p. 156).

Atualmente o bairro sofre com o abandono de praças e locais públicos, recebendo poucos visitantes para o lazer. A movimentação do bairro é de moradores, que não mais trabalham no bairro, têm que se deslocar para seus empregos em outros lugares da cidade. Há casas e grandes prédios abandonados, caracterizando um local de desuso e abandono, comparando com sua história de progresso e prosperidade. Pode ser salientado neste contexto o valor das festas religiosas para um lugar, no sentido de ser um momento para viver, sociabilizar, se

alegrar e trocar experiências, ou seja: constituir memórias. Montenegro (2012) coloca que a paisagem são as pessoas, os habitantes. A paisagem marca a identidade do local. Esta é a relação intrínseca que se estabelece do local com a antiga Festa de Navegantes. O “esquecimento” não é apenas com relação ao evento religioso, mas com relação ao lugar, esquecido e abandonado pela sociedade. De acordo com as definições acima, pode-se afirmar que o deslocamento da festa pode ter colaborado para a estagnação social e cultural do bairro do Porto.

Este estudo de recuperação das memórias da antiga Festa de Navegantes pode ser complementado, pois ainda há fontes a serem consultadas com relação à memória e esquecimento do antigo evento religioso sob diferentes enfoques. De acordo com Candau (2011, p. 09) a memória é mais um enquadramento que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Giana Lange do. O periódico católico pelotense “A Palavra”: aspectos sobre a Igreja Católica e a educação nas primeiras décadas do século XX.

**Cadernos de Educação** (Pelotas, RS), n. 29, p. 153-171, 2007. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/fae/caduc/downloads/n29/09.pdf>> Acesso em: 03 ago 2012.

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENAR, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997. p. 185-228.

BORELLI, Viviane . A história midiática da Romaria da Medianeira: dos meios impressos e radiofônicos à cobertura ao vivo pela televisão. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 2005, Chapecó. **Anais do Colóquio Internacional de Comunicação para o desenvolvimento regional**, Chapecó, 2005. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/e/e3/GT9-\\_16-\\_A\\_historia\\_midiatica-\\_Viviane.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/e/e3/GT9-_16-_A_historia_midiatica-_Viviane.pdf)> Acesso em: 03 ago 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BRAGA, Reginaldo Gil. **Batuque jeje-ijexá em Porto Alegre** – A música no culto aos Orixás. Porto Alegre: Fumproarte, Secretaria Municipal de Cultura, 1998.

CANDAU, Joel. **Antropologia de La memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil**: Legislação e Políticas estaduais. Brasília: UNESCO/ Educarte, 2008.

CAVEDON, Neusa R. **Navegantes da esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre**. 1992. Dissertação (Mestrado–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1410>> Acesso em: 03 ago 2012.

COMPÊNDIO do **Concílio Vaticano II: Constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CONNERTON, Paul. **Seven types of forgettign**. Memory Studies, 2008.

COSTA, Angela Maria F. D. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre/RS e o Patrimônio Histórico Imaterial. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 03, n. 01, p. 67-73, 2010. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/104/113>> Acesso em: 03 ago 2012.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESSINGER, Cintia Vieira. **Entre a Fábrica e a Rua: A companhia Fiação de Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário, bairro da Varzea, Pelotas – RS (1953 – 1974)**. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FERRETTI, Sérgio F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil - modelos, limitações e possibilidades. **Tempo**, v. 06, n. 11, p. 13-26, 2001.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRI, Sandra. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A., 1989.

GIL FILHO, Sylvio Fausto e CORREA GIL, Ana Helena. Identidade Religiosa e territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDAHL, Zeny (org.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

GONZALES, Ricardo. **Memória e modelos na arte religiosa latino-americana**. Minicurso proferido na Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, em novembro de 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de La memoire**. Paris: Mouton, 1976.

HEVIEU-LÉRGER, Daniele. "Catolicismo: A Configuração da memória". **REVER-Revista de Estudos da Religião** n. 02, p. 87-107, 2005. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_leger.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_leger.pdf)> Acesso em: 03 ago 2012.

HINES, Mary E. **O que aconteceu com Maria?** São Paulo: Edições Loyola, 2005,

HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KOSBY, Marília Floor. Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso: sobre a doçura como referência Cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/ RS, em 2007. **Cadernos de Campo**: Revista dos alunos do PPG em Antropologia Social da USP, v. 17, n. 17, p. 27-36, 2008. Disponível em: < <http://antropologiausp.blogspot.com.br/2010/10/cadernos-de-campo-vol-17-n-17-2008.html>> Acesso em: 05 ago 2012.

KÜHN, Fabio. "Um corpo, ainda que particular": irmandades leigas e Ordens Terceiras no Rio Grande do Sul colonial. **Revista História Unisinos**, v. 14, n. 02, p. 121-134, 2010.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LORAUX, Nicole. De La amnistia y su contrario. In: YERUSHALMI, Yosef H. (org.) **Usos del Olvido**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1998.

MAFFESOLI, Michel. Le Sens Commun. In: **Société: Revue des Sciences Humaines et Sociales**. n. 46, Paris, 1994.

MAIA, Carlos Eduardo S. O retorno para a Festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Zeny e CORREA, Roberto L. **Religião, Identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARQUES, Ester; SANTOS, Joaquim. Procissão de Nossa Senhora de Fátima: devoção e ritual. **Comissão Maranhense de folclore, CMF**, n. 29, p. 8-11, ago. 2004. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/boletim.php?pg=1> Acesso em: 06 ago 2012.

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos Santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? **Revista Memória em Rede**, v.2, n. 3, p. 14-26. 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/35/35> > Acesso em: 05 ago 2012.

MONTENEGRO, Monica. **¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos? Re-apropiación de paisajes culturales como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueología pública en el Noroeste Argentino**. Minicurso proferido na Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciencias Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, em maio de 2012.

MONTOITO, Beatriz Helena de Castro. **Igreja do Porto: Um olhar etnográfico do patrimônio material e imaterial da igreja e da comunidade do porto**. Trabalho acadêmico apresentado no Curso de Arqueologia da UFPel, disciplina de Patrimônio Histórico e Cultural, orientado pelo prof. Dr. Lucio Menezes Ferreira, 2011.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolin de. **Habitação Popular em Pelotas (1880–1950): entre políticas públicas e investimentos privados**. 2006. 249 p. (Doutorado em História do Brasil). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NIMUENDAJÚ, Curt. The eastern Timbira. In: **American Archaeology and Ethnology**. University of California publication. 1946.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: La problématique dês lieux. In: NORA, Pierre (org.). **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984. Vol.1 La Republique, 1984.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. Imagens de estivadores In: III ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: “PODER, CULTURA E DIVERSIDADE”, 2006, Caetité. **Anais do III Encontro Estadual de História: “Poder, Cultura e Diversidade”**, UNEB/Campus, 2006, p.01-09. Disponível em: <[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_III/carlos\\_alberto.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/carlos_alberto.pdf)> Acesso em 05 ago 2012.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, v.18, n.50, p. 57-60, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>> Acesso em: 10 jun 2012.

OLIVEIRA, Kathlen Luana de. O público, o Privado e a Religião: momentos de continuidade e descontinuidade do Processo de Secularização. In: BOBSIN, Oneide (org.). **Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

PARMAGNANI, Jacob J.; RUEDELL, Otto e BERTUOL, Olírio. **Cem anos de educação**: memorial do Colégio Gonzaga. Porto Alegre: Palotti, 1995.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>> Acesso em 05 ago 2012.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a historia, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RUBERT, Arlindo. **História da Igreja no Rio Grande do Sul**. Vols. 1 e 2. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, número especial, p. 7-32, jan. 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço de uma teoria das emoções**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

SECRETARIA de Cultura. **Manual do usuário de imóveis Inventariados**. Prefeitura Municipal de Pelotas. Pelotas: Edigraf, 2007.

SILVA, Maria de Fátima Santana da. **A Pia União das Filhas de Maria de Goiânia (1906 – 1920)**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em ciências da religião). . Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco.

SILVEIRA, Jonas Klug da; FARINHA, Alessandra Buriol. Monsenhor Luiz Gonzaga Chierichetti e a Antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas: Vivências de religiosidade popular em um bairro portuário. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL. 2011, Pelotas. **Anais do Encontro Regional Sul de História Oral**. Pelotas: Editora da UFPel, 2011.

SPINK, Mari Jane. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, v. 09, p. 300-308, 1993. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017)> Acesso em 05 ago 2012.

SOUZA, Mons. Francisco Silvano de. **Dom Joaquim Ferreira de Melo: segundo bispo de Pelotas**. 2ed. Caxias do Sul, São Paulo, 1964.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e Cultura. In: VALLA, Victor Vincent (org.) **Religião e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. **Debates do NER**. n. 05. p. 09-30, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: Raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (org.) **Turismo Religioso: Ensaios Antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Editora Papirus, 2003.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana B. A. Nossa Senhora, o Fumo e a Dança. In: NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WEEGE, Adriana. Peregrinação no mundo: A romaria de Nossa Senhora de Salette e as outras romarias. In: BOBSIN, Oneide (org.). **Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

## Fontes

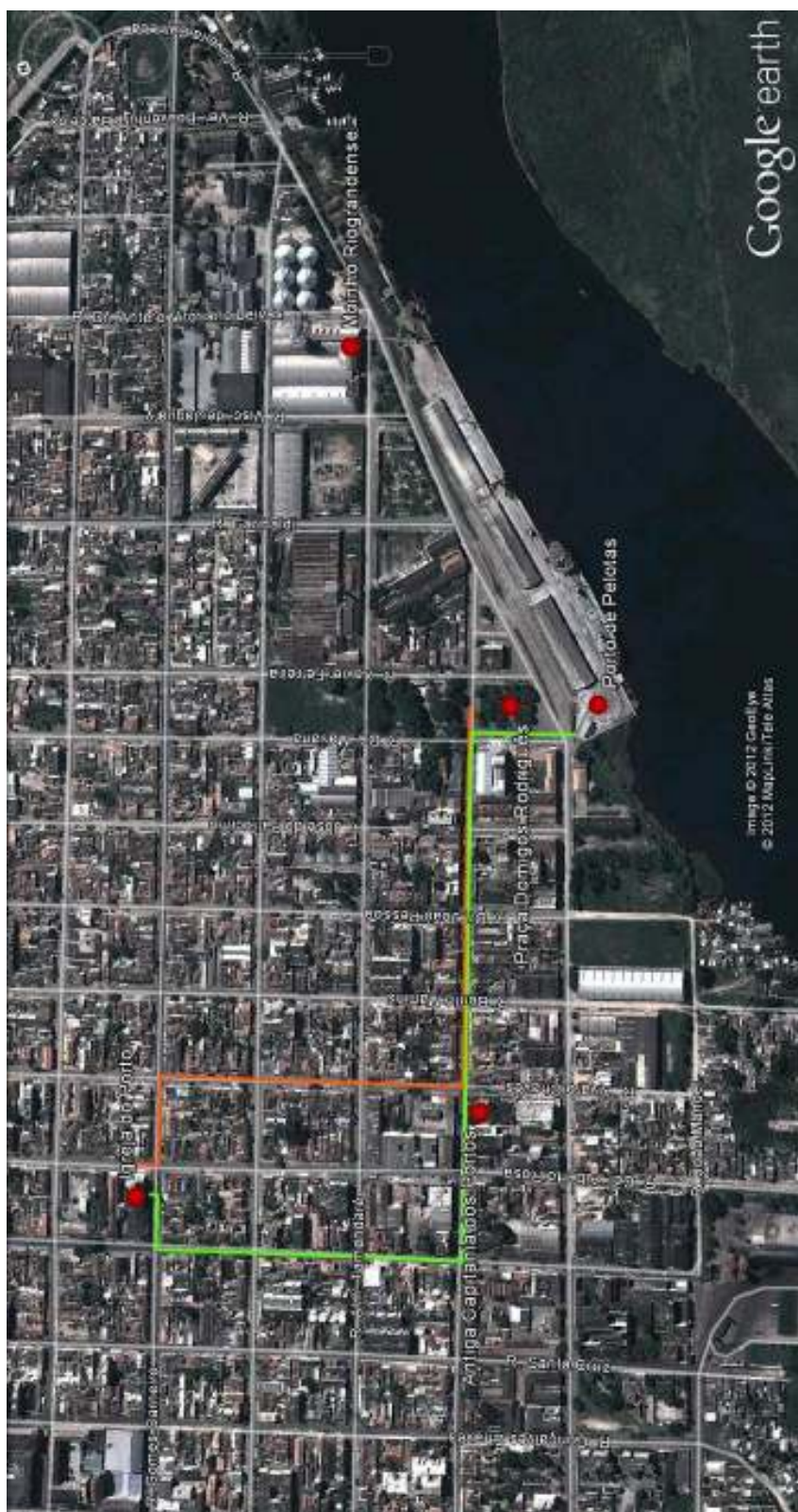
DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932  
 DIÁRIO POPULAR, 30 de janeiro de 1932  
 DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1932  
 DIÁRIO POPULAR, 02 de fevereiro de 1932  
 DIÁRIO POPULAR, 05 de fevereiro de 1933  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de Fevereiro de 1949  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de Fevereiro de 1958  
 DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1959  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1959  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1960  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1961  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1962  
 DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1963  
 DIÁRIO POPULAR, 05 de fevereiro de 1963  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1964  
 DIÁRIO POPULAR, 02 de fevereiro de 1965  
 DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1968  
 DIÁRIO POPULAR, 02 de fevereiro de 1972  
 DIÁRIO POPULAR, 02 de fevereiro de 1973  
 PRIMEIRO **Livro Tombo** da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, 1912.  
 PRIMEIRO **Lustro da Diocese de Pelotas**. Pelotas: Tipografia do Centro, 1916.

## Fontes Orais

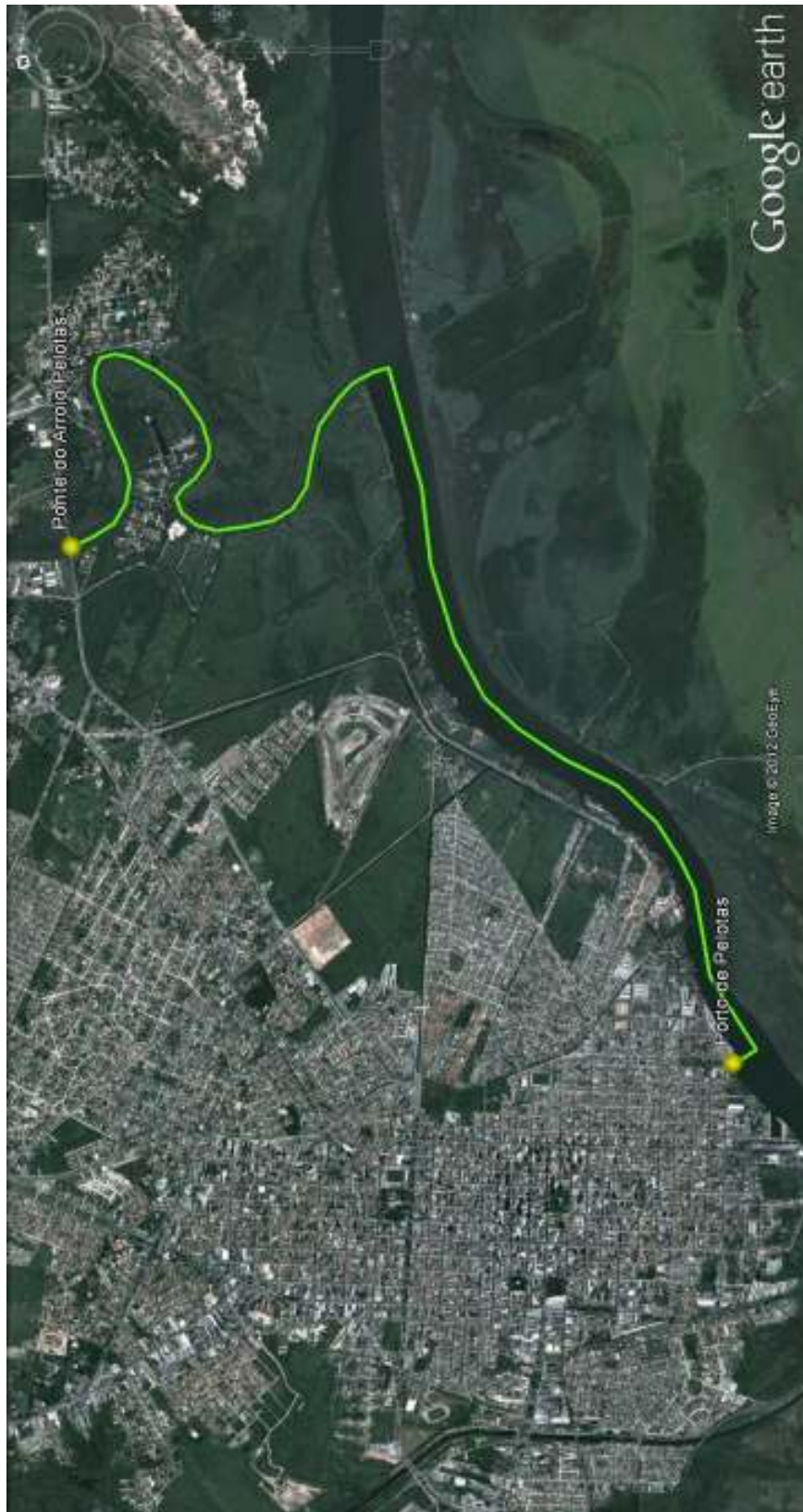
Sra. Glória Zunino – 10 de setembro de 2011 – Pelotas (42min07s)  
 Sra. Neusa Lima – 03 de agosto de 2011 – Pelotas (33min04s)  
 Pe. Olavo Gasperin – 19 de julho de 2011 – Arroio Grande (1h09min)  
 Sr. Sene Silva – 10 de setembro de 2011 – Pelotas (31min50s)  
 Sra. Verônica Jardim – 25 de agosto de 2011 – Pelotas (43min32s)  
 Sr. Victor Hugo Pencarinha – 12 de agosto de 2011 – Pelotas (49min11s)

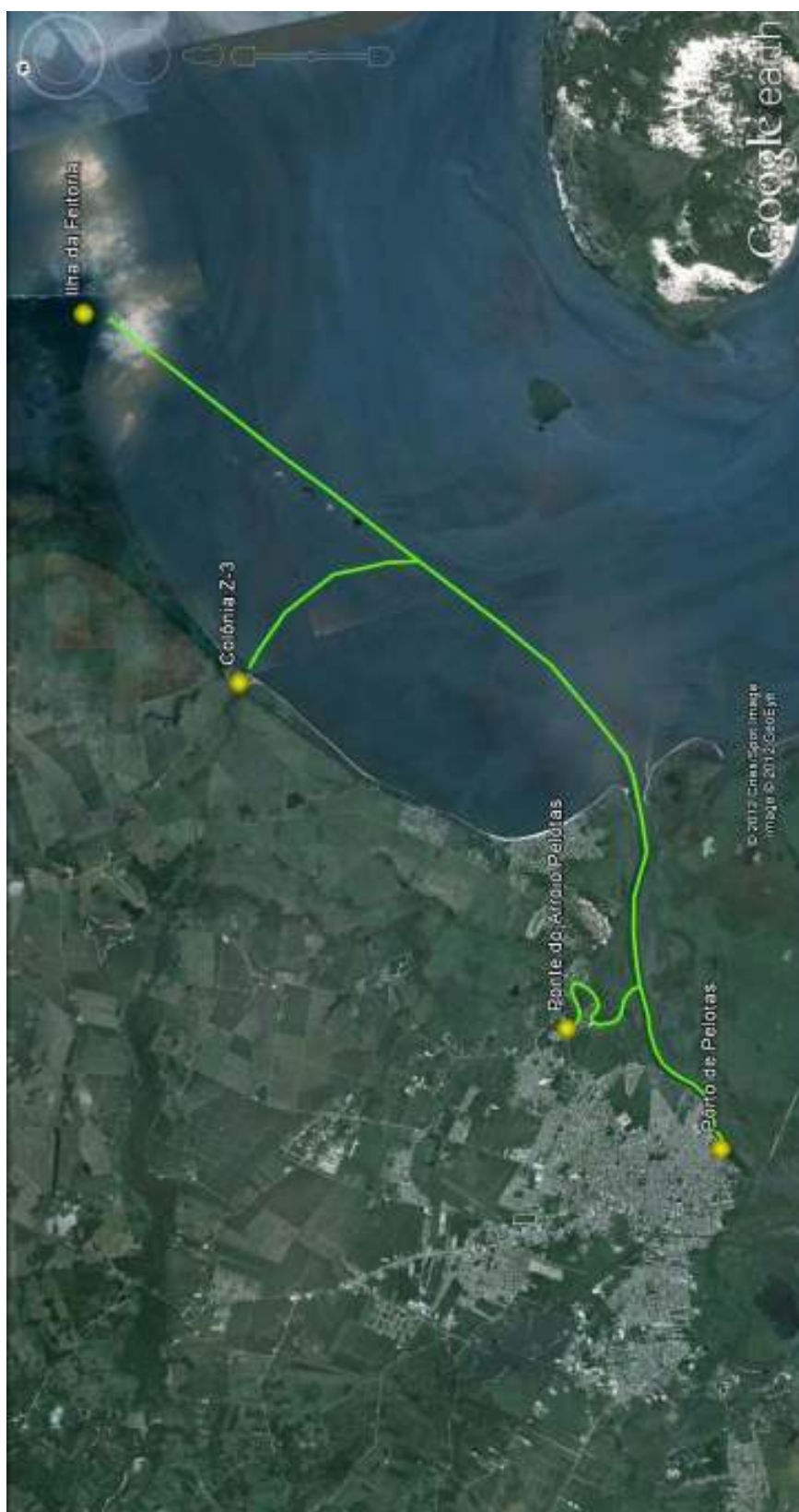
## **Apêndices**

**Apêndice A: Trajeto da antiga Procissão de Navegantes (terrestre: na cor verde a ida da Imagem da Santa, na cor laranja a volta para a Igreja do Porto)**



**Apêndice B: Trajeto da antiga Procissão de Navegantes (fluvial)**



**Apêndice C: Trajeto da antiga Procissão de Navegantes (com tríduo)**

**Apêndice D: Roteiro semi-estruturado para as entrevistas:**

1. Nome completo; data de nascimento; período em que atua na paróquia.
2. Como era a procissão de Navegantes no Porto de Pelotas?
3. Por onde percorria a procissão?
4. Participava? Como?
5. Como era o processo? Quem participava da concepção da festa? Quem eram as lideranças?
6. Como era a mobilização dos fiéis com a Santa antes e durante a procissão?
7. Quem participava da festa, gênero, classe social, grupos?
8. Havia a participação de pessoas de outras religiões na festa?
9. Os paroquianos participavam da festa na Colônia de Pescadores Z-3?
10. O que a festa representava para a paróquia em termos financeiros?
11. Como e por que ocorreu o deslocamento, descaracterização da procissão?
12. Como a mudança foi vista pelos paroquianos?

## **Anexos**

# ANEXO A: SOUVENIRS DA FESTA DE NAVEGANTES (“santinhos” e medalhas)



1940



1952



1953



1957



1960



1964



1965



1966



1967



1968



1969



1980

